

PIETRO UBALDI

**EVOLUÇÃO E
EVANGELHO**



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

EVOLUÇÃO E EVANGELHO

Autor: Pietro Ubaldi
Tradução: Carlos Torres Pastorino

ÍNDICE

Prefácio

I — Do PASSADO AO FUTURO

A revolução evangélica, do involuído ao evoluído, do passado ao futuro. Conhece-se o biótipo por sua reação. Sem merecimento, não há Providência. Cada um está no lugar que lhe compete. Não se condena ninguém, mas urge civilizar-se

II — O EVANGELHO E O MUNDO

O Evangelho e os bens materiais. Cristo ignorava a realidade da vida? Quem tem razão, Cristo ou o mundo? Como entender o Evangelho? Os pobres de espírito. Os deveres de quem possui. As acomodações. O Evangelho tira-nos a preocupação do trabalho, mas não o trabalho. Ócio é desonestidade. Os colaboradores de Deus. A psicologia do dinheiro. O fator espiritual na construção e o peso do imponderável. Utilitarismo inteligente

III — MATERIALIZAÇÃO OU ESPIRITUALIZAÇÃO

O materialismo religioso. Espiritualizar a matéria e não materializar o espírito. O Evangelho afirma e expande, em vez de negar a vida. A rebelião dos instintos atávicos. O passado revive. Crucificação. A reabsorção do mal. A eliminatória. A míope psicologia do involuído. Suas duras experiências. Os novos horizontes do Evangelho. O método da não-resistência. A defesa do justo. A evolução caminha para Deus, que é a vida. Mas o egocentrismo a contrai, no limite. A fustigação da dor nos impele a subir; as diversas reações

IV — AS RELIGIÕES E A VERDADE

O Catolicismo na grande batalha. A involução das massas e sua incapacidade de autodirigir-se. O princípio da autoridade. Disciplina e obediência. Fé e ortodoxia. Pode dar-se liberdade aos imaturos? As adaptações da Igreja e as escapatórias do mundo.

V — A IGREJA

Exigências ideais e exigências práticas da Igreja. Na Terra, ela venceu, ou foi vencida? O inferno, triunfo definitivo das potências do mal, e a lógica da salvação. O Comunismo, perigo externo. A justiça social, não realizada em dois mil anos, ponto vulnerável em que o inimigo ataca. O Maquiavelismo, perigo interno. Os dois padrões e as duas lógicas. Simbioses com o inimigo. Os perigos do jogo duplo. A gravidade da hora. Perder a batalha da Terra, para vencer a do céu. A dura operação do salvamento forçoso.

VI — DINAMICA DA EVOLUÇÃO

O telefinalismo da evolução. Não mais materialismo evolucionista, mas evolucionismo espiritualista. Da matéria à vida. A técnica construtiva da evolução. Uma inteligência dirige o fenômeno, que é regresso

à perfeição perdida, meta preestabelecida e fatal. Objeções. A técnica da tentativa prova e não desmente o telefinalismo. A entropia. Dinamismo cósmico e dinamismo biológico. A vida na conquista do movimento para o domínio da dimensão espaço.

VII — O FUTURO DO HOMEM

Comprova-se que a evolução caminha para a espiritualização. O espírito não é criação da vida, mas revelação através da vida. Tudo caminha para Deus que é Espírito. A escada de Jacó. As construções psíquico-espirituais da biologia do futuro. Do inferno ao paraíso (passado e futuro). A moral e a evolução. A vida dirigida pela Providência. O esforço do homem e a ajuda de Deus. A evolução, por uma atração íntima caminha para Ele, como o rio para o mar. O futuro do homem e da vida. Os sistemas planetários, seu apoio. Matéria, energia, vida, para o mesmo telefinalismo. A vida desmaterializada, sem mais sustento planetário

VIII — O PROBLEMA DA MORAL - I

A moral biológica positiva. Convicção e não terror. Andar a favor, e não contra a vida. Moral positiva de construção. Se surge um conflito entre a ética e a vida, é esta que vence. Moral mais livre, mas consciente e responsável. Moral é tudo o que faz evoluir para Deus, e ao contrário. Utilitarismo superior. Definição da moral. Na evolução, ela é relativa. Conceito de ética progressiva, a várias dimensões. Respeitar os direitos da vida. Suas três exigências fundamentais, os três maiores instintos humanos e as obrigações da ética. A atual, é moral de guerra, não de justiça. Garantir: 1) a conservação do indivíduo (bens e propriedades); 2) a conservação da espécie (amor e família); 3) a evolução (defesa do evoluído). A dor é desarmonia. Renúncia e castidade. As virtudes positivas. Triste sorte do gênio

IX — O PROBLEMA DA MORAL - II

Como age a nova moral? Mundo de luta. Evolução por ação e reação entre dirigentes e súditos, por comum abrandamento de costumes. Progressiva eliminação da luta, como da dureza das leis. Em direção a uma moral sempre mais amiga. A vida, estado de guerra. A ética que se vive nos fatos, e suas conseqüências. A função biológica da mentira. A virtude como astúcia. A liquidação do simples honesto. Ética emborcada. A psicologia do selvagem e do civilizado. Inteligência prática, para a luta, e não especulativa, para o conhecimento. A moral da nova civilização do espírito.

X — REUNIFICAÇÃO UNIVERSAL

O trabalho realizado. Controle e confirmação dos escritos precedentes. Completa-se a visão. Ela satisfaz à mente e ao coração, explicando tudo, e apresenta nova finalidade para a vida. A grande marcha da evolução. A reconstrução da ordem elimina a luta e a dor. A evolução faz, do caos, um sistema orgânico. Paraíso pela rearmonização. Reunificação universal. A vida em expansão. Tantas verdades relativas, aspectos de uma só verdade. A visão que domina tudo. Termina a grande viagem no seio de Deus.

PREFÁCIO

O presente livro é o 6.º da II Obra. Ele segue o 5º volume: **A Grande Batalha**, do qual é uma continuação e ampliação, junto com ele constituindo o 1.º termo da 2ª trilogia da II Obra.

Como expliquei no prefácio de **A Grande Batalha**, no qual o leitor pode melhor conhecer o sentido

da minha produção intelectual neste período, encontrará mais pormenorizadas explicações, estes dois volumes representam uma fase de descida no terreno das grandes visões orientadoras, dura realidade da vida, na prática, feita de lutas e dificuldades, num mundo que deseja e quer realizar coisas bem longe de um ideal superior. No desenvolvimento da Obra estamos então numa fase de atuação, porque os princípios gerais são agora levados em contato com os fatos concretos, isto é, não como o mundo deveria ou poderia ser, mas como ele é na realidade.

Disso nasceu um choque que, em **A Grande Batalha**, foi analisado sob um ponto de vista individual, como consequência de experiências pessoais; neste volume, **Evolução e Evangelho**, é observado sob um ponto de vista coletivo, isto é, como um choque entre os superiores princípios ideais do Evangelho e o nosso mundo que, na realidade, vive seguindo princípios opostos. É assim que, no presente livro, o assunto de **A Grande Batalha** é transferido para além dos limites do caso particular, situando-se no mais vasto terreno social e religioso, ético e biológico. Assim a visão desenvolvida neste 2.º volume, completa a do volume anterior, e o fenômeno fica estudado nos seus dois aspectos: o da luta individual entre o evoluído e o involuído, e o outro universal da luta entre os ideais e a realidade da vida humana. Assim de ambos os pontos de vista, nos dois volumes, foi analisado o problema da possibilidade da realização do programa evangélico de Cristo em nosso mundo.

Tudo isto foi pessoalmente vivido e experimentalmente realizado, observando como o fenômeno, nas suas duas dimensões, particular e universal, se desenvolveu, no meio da luta entre as forças materiais do anti-sistema e as espirituais do sistema, princípios que aqui vemos funcionando nas suas aplicações práticas. Esta é uma história cuja relação se iniciou na introdução, "Gênese da II Obra", do livro **Profecias**; continuando no seguinte: **A Grande Batalha**, que universalizou-se neste: **Evolução e Evangelho**, e continuará nos demais, sempre e cada vez mais em contato com a realidade da vida neste mundo, como conclusão prática e positiva da II Obra, e como controle racional e confirmação experimental que provam a verdade dos princípios sustentados em todos os volumes.

S. Vicente, Páscoa de 1958

I

DO PASSADO AO FUTURO

A revolução evangélica, do involuído ao evoluído, do passado ao futuro. Conhece-se o biótipo por sua reação. Sem merecimento, não há providência. Cada um está no lugar que lhe compete. Não se condena ninguém, mas urge civilizar-se.

A conclusão a que nos levou a experiência narrada no volume precedente, **A Grande Batalha**,

confirma: O Evangelho é de fato verdadeiro. E isto, não apenas como verdade teoricamente reconhecida e proclamada, mas também como verdade experimental, comprovada pelos fatos. A prova deu resultado, e vimos quais as condições necessárias para que tenha êxito.

Agora perguntamos: bastará isso? Que desvio causará no caminho humano, termos narrado, demonstrado e vivido um caso? Não permanece tudo como antes? Jamais nos convencemos com a experiência alheia: só com a própria. Muitos continuarão céticos, porque se acham mergulhados numa verdade bem diferente, tangível, premente. Indicar-lhes a maneira de libertar-se dela, significa pretender que se afastem de seu próprio tipo biológico, de sua forma mental e personalidade, que constituem suas condições reais de vida. Os fatos em que se baseia sua existência falam diversamente, mostrando-lhes uma realidade diferente, e assim são coagidos a acreditar neles, e neles portanto, têm de fundamentar-se na vida prática. Assim acontece quando a ciência nos ensina que a matéria é apenas energia e velocidade. Pelos usos do contingente, continuaremos a considerar a maioria como sólida, inerte, resistente, pois é assim que se comporta e assim a usamos na prática. Então, a noção científica da verdadeira estrutura da matéria permanece um fato teórico, do qual não tomamos conhecimento em nossas ações.

Pode acontecer o mesmo com a verdade do Evangelho. Mesmo que alguns, por inteligência e raciocínio, possam reconhecê-la, o homem comum — pelo fato de que essa verdade se acha situada em outro plano de vida, em outra posição, ao longo da escala da evolução — pode considerar o Evangelho como uma grande verdade, sim, mas tão superior, que não lhe diz respeito, porque é impraticável por ele, desde que situada fora de sua realidade. E, então, para quem serve esta narração? Os céticos, depois de tantas belas palavras, voltarão às realidades do mundo, que lhes da razão a cada momento.

Continuemos a ser práticos. O homem encontra-se diante de outra realidade tão concreta e positiva, que não permite dúvidas a seu respeito. A luta pela vida é um fato. E se cada um de nós esta vivo na Terra, deve-o ao fato de ter realizado e vencido essa batalha. O Evangelho poderá, sem dúvida, ser a lei do futuro da humanidade, mas não é, certamente, a lei de seu passado. E o homem, mesmo que tenha de tornar-se diferente para o seu futuro, é plasmado por aquele seu passado. A grandeza dos povos e das civilizações faz-se através de lutas ferozes, e se a humanidade chegou até ao estado atual, deve-o ao fato de ter sabido vencer, com qualquer meio, os elementos, as feras, os inúmeros inimigos, prontos a atacá-la. Assim se explica essa psicologia de luta: porque só ficou vivo quem soube vencer. Esta foi a lição mais importante que o homem teve de aprender no passado. E se acaso se chegou a alguma forma de civilização, esta teve de ser imposta com a força a um ambiente hostil, já que todas as outras formas de vida eram inimigas do homem, e procuravam apenas esmagá-lo para substituir-se a ele na vida. O homem começou o seu caminho entre as feras, e não entre os braços do Pai celestial, que estava, então, bem longe de poder revelar-se, como o fez depois, por meio de Cristo, no Evangelho, e como sempre mais poderá fazer, à medida que subimos com a evolução. Sem dúvida, esse é o caminho e nesse sentido temos de transformar-nos. Mas isto não anula o fato de que o passado foi esse, e de que com ele se explique o presente.

E eis que a uma tão longa história biológica vem sobrepor-se o Evangelho, com a potência revolucionária das grandes coisas que descem do Alto, para obrigar o homem a avançar pelo caminho da evolução. O passado resiste, forte em sua experiência milenar. O futuro acoessa, ansioso por vir à luz. Passado e futuro se encontram na luta presente, como dois inimigos irreconciliáveis, que disputam o campo. E o homem atual tem de viver no meio desse pavoroso contraste.

Narrando no volume precedente: A **Grande Batalha**, aquele caso vivido, entramos no âmago dos maiores problemas das religiões, da moral, da vida individual e social, da evolução biológica. Demo-nos

conta das dificuldades enfrentadas e da necessidade de resolvê-las. Trata-se de pedir ao homem que, seguindo o Evangelho, dê um grande salto para a frente, ao longo da escala da evolução. Trata-se de aprender um novo método de vida, que esta nos antípodas do usual: o sistema do evoluído em lugar do sistema do involuído. Ao ensinar isto, não podemos evitar bater com a cabeça contra a muralha das resistências biológicas, diante das quais o próprio Evangelho, tão poderoso pela sua natureza mesma, tantas vezes se acha defraudado. Como esperar-se um comportamento de evoluídos, mesmo depois de haver demonstrado todas as suas vantagens, num mundo em que predomina outro tipo biológico?

Vimos que, no caso narrado, Cristo venceu. Muitos, porém, poderão perguntar: mas Cristo vence sempre? O homem comum precisa calcular, para garantir o resultado. Para ele, o jogo da vida está cheio de incógnitas e perigos, não lhe dando oportunidade para fazer experiências evangélicas. Que garantias podemos dar-lhe de que, mesmo no caso dele, homem comum, Cristo vencera sempre? E se, para conseguir essa vitória, é necessário possuir tantos requisitos que ele não tem, e satisfazer a tantas condições que estão além de suas possibilidades? De que serve explicar-lhe uma arte que ele não sabe praticar, ensinar-lhe uma música, se ele não possui o instrumento para executá-la? Como pretender que uma criatura, que precisa lutar pela sua vida, a sacrifique, pondo em perigo a vantagem material própria mais tangível, por amor de um ideal longínquo e hipotético? Se não se pode exigir que o homem seja anti-utilitário, como fazer-lhe compreender um tipo de utilidade tão complexa e diferente da que ele está habituado a realizar em forma imediata e concreta na vida cotidiana? Tanto mais é isto verdade, quando o passado sobrevive e existe, garantindo por longuíssima experiência, representando métodos, diuturnamente comprovados: ao passo que o novo cai no inexplorado, na perigosa aventura cheia de incógnitas. E quantos milênios de novas experiências serão necessários, para sair das tentativas e poder substituir, com segurança, o velho pelo novo!

A revolução é grande, e atinge até as raízes da própria vida. Trata-se de substituir a força, pela justiça; a cupidez de possuir, pela honestidade; a luta desesperada na vida, pelo amor evangélico; o poder da Terra, pelo do céu. Trata-se de defender a vida e de chegar à vitória com as únicas armas do imponderável, abandonando todas as armas terrenas. Trata-se de conseguir compreender, e depois praticar, um método que parece emborcar todos os nossos recursos e defesas, levando-nos à morte. Quem não olhara para isso com medo, procurando pôr-se a salvo? Quem conhece, pela árdua experiência própria, a realidade da vida, como pode confiar num Evangelho que, em primeiro lugar, lhe corta as garras, isto é, a única arma que tem para sua defesa? Assim se explica que tão poucos o levem a sério e o vivam, e porque as religiões que o têm por base, tenham sido obrigadas a descer a muitas adaptações. As experiências evangélicas que alcançam êxito na glória da santidade, estão tão condicionadas a tantas circunstâncias e requisitos, que o homem comum prefere não arriscar-se a tentá-lo. Quem possui no espírito tanto poder, que lhe permita dispensar qualquer outra defesa, e jogar fora as armas da força e das astúcias humanas? O Evangelho, sem dúvida, é u'a máquina perfeita. Mas quem possui todas as qualidades aptas a fazê-la funcionar? É certo que, quando isto se verifica, vem seguramente o milagre da salvação e do êxito. Mas o pior, o mais difícil, é achar no homem essas qualidades, que são indispensáveis para que aconteça o milagre. É como se entregássemos um belo avião a jato a um selvagem. Se este, por não saber usá-lo, não quiser matar-se, voando, há de utilizá-lo para qualquer outro fim, menos para o qual foi construído, assim acontece, em geral, na prática, com o Evangelho.

Até agora colocamo-nos no papel do homem evangélico, nesta nossa narração. Coloquemo-nos agora na pele do tipo comum, que vive no mundo, adotando sua psicologia e seus métodos. O Evangelho estabelece de imediato, a mais nítida posição de inconciliabilidade com o mundo.

"Ninguém pode servir a dois senhores; ou amará um e odiará o outro; ou se afeiçoará a este e

desprezará aquele. Não podeis servir a Deus e a Mamom". "Procurai acima de tudo o reino de Deus e Sua justiça, todo o resto vos será dado por acréscimo". "Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, dá-o aos pobres". "É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha, do que um rico entrar no reino dos céus". "Se alguém quiser seguir-me, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e me siga. Porque quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; e quem perder a sua vida por minha causa e do Evangelho, a salvará".

Todos nós bem sabemos quanto esses conceitos estão distantes daqueles que regem a vida comum. Como pode o nosso mundo conseguir viver nessa posição evangélica, se ela representa o seu mais completo emborcamento? Explica-se assim por que todas as religiões cristãs que adotaram o Evangelho possuam largamente riquezas, e, embora professem o mandamento mosaico do "não matar", tomem parte nas guerras, quando, ainda, por cima não benzem as armas. Assim, a descida do Evangelho à Terra, se reduz a uma luta entre o ideal que quer cortar as garras à fera, e esta que, para não morrer, não quer deixá-las cortar, considerando-as sua única defesa. Quem renuncia à vida, e como se lhe pode pedir tão extremo sacrifício?

Fazemos estas considerações, porque devemos ter a coragem de penetrar em toda a realidade, até o fundo. As nossas conclusões devem ser extraídas de uma observação imparcial dos fatos, mesmo daqueles que possam depor contra a nossa tese, defendida até aqui. Sem dúvida, é ela extremamente ousada. E no entanto, é apenas a velhíssima tese do Evangelho, repetida tantas vezes, que todos a sabem de cor. O que a torna ousada é tomar o Evangelho a sério, pretendendo, nada menos, não se pregá-lo, mas vivê-lo no mundo de hoje; é apresentar o Evangelho pelo seu lado utilitário, demonstrando que ele dá maior rendimento prático do que os métodos que o mundo usa, julgando-os melhores; é fazer apelo não mais à bondade e a' fé, como sempre se fez - mas hoje apelo inútil porque ninguém mais crê - mas apoiar-se na capacidade de raciocinar e calcular das pessoas inteligentes. Procuramos assim fazer compreender ao homem moderno que se vai civilizando, o funcionamento de u'a máquina maravilhosa que há dois milênios o mundo tem entre as mãos, sem ter ainda compreendido o fruto que ela pode dar, quando souber fazê-la funcionar.

* * *

Apresentemos um caso pratico. Fulano é bom, generoso, honesto, é o biótipo que a luta pela seleção do mais forte e astuto vai cada vez mais fazendo desaparecer da face da Terra. Evangelicamente ele depôs as armas, procura só o bem, a justiça, e esta sempre pronto a sacrificar-se. Quer ser perfeito, como diz o Evangelho. Toma sua cruz e nega a si mesmo.

Num regime de reciprocidade, numa sociedade organizada, o próximo lhe retribuiria na mesma moeda. Mas, nas condições atuais, o próximo precisa pensar em primeiro lugar em si mesmo, e não retribui nada. A posse, a posição social alcançada, constituem a base da estima e do valor de um indivíduo. O inimigo que vê que a vítima se deixa espoliar, perdando-lhe, aproveita-se largamente disso, e a suga e pisa até fazê-la morrer. É próprio do homem evangelicamente inerme que os lobos vorazes mais o procurem, o farejem a distância e, uma vez em suas garras, não abandonem mais a presa. Para eles, este é o banquete da vida, e a ele jamais renunciam.

Nasce aqui o problema: tem a vítima o direito de deixar-se devorar, só para engordar os lobos; de deixar-se derrubar, só para enriquecer os ladrões? Não significa isto ajudar o mal a prosperar a custa dos melhores? Com essas considerações, o homem comum se sente logo autorizado a reação, e põe-se a lutar. A isto chama de legítima defesa, direito a vida e coisas semelhantes, e com isto justifica a explosão de seu instinto, que não esperava outra coisa para manifestar-se e que revela qual é a natureza do tipo

biológico que entrou em ação. Ora, a reação é diversa, segundo a natureza de cada um, e é a forma dessa reação que o revela. Quando o indivíduo reage dessa maneira, demonstra com isso o biótipo normal involuído, que volta logo a imergir na lei da animalidade, que representa seu ambiente natural, ao qual são proporcionais os seus instintos. Ora, para ele, vestir a roupagem do homem evangélico representaria apenas um modo de se enganar a si mesmo, porque suas reais qualidades e instintos não correspondem à posição assumida. Teremos, então, apenas um deslocado, que assumiu posição falsa, o que só pode levar à falência. Para voar e resistir ao vôo e tirar dele proveito, é mister possuir as qualidades do pássaro. Um réptil não pode fazer o mesmo. Assim, para fazer de evoluído, são indispensáveis suas qualidades, pertencer àquele determinado tipo biológico, porque nenhum indivíduo pode achar-se em equilíbrio estável, senão no seio da lei de seu plano, que lhe corresponda aos instintos e à natureza.

Ora, ao assalto supracitado, só o evoluído pode responder evangélicamente, porque só ele o sabe fazer, correspondendo isto às suas qualidades. Só ele sabe fazer funcionar a delicada máquina do Evangelho, só ele sabe pôr em movimento outras forças, que não respondem aos outros, com as quais eles não podem contar, e as desprezam, porque são inutilizáveis. Só esse tipo de homem pode permitir-se o luxo de viver um Evangelho integral, abandonando as armas e abraçando o inimigo que o estrangula. Para o ser comum, isto não passa de loucura, mas é nessa loucura que se revela a diferença do tipo biológico. Cada um é o que é, e com o próprio comportamento revela o que seja. É inútil vestir-se como evoluído, quando não se é tal. E cada um, de acordo consigo mesmo, vai situar-se no plano que lhe compete, porque é o seu, e nele encontra o ambiente apto a viver. O homem comum está proporcionado ao ambiente terrestre em que encontra os elementos correspondentes à sua natureza, aptos a neles poder realizar-se. Isto lhe dá o direito de viver na Terra, dela fazendo sua própria pátria, naturalmente, onde ele se encontra à vontade, e onde o evoluído se acha constrangido. Mas isto lhe torna também mais difícil a saída, que para o evoluído é fácil e espontânea. O involuído encontra na Terra inimigos a cada passo, mas possui instintivamente, como sua maior sabedoria, a de saber fazer guerra contra eles, para se não deixar esmagar. Dessa forma, todos passam a vida agredindo-se. Para o evoluído, isto é estúpido e bestial, mas para eles é até alegre, porque vencer um inimigo representa a maior vitória da vida. O evoluído encontra ainda maiores inimigos, mas repugna-lhe guerreá-los, porque são o seu próximo. Estes agridem e ele perdoa, deixa-se espolar e tratar de louco por haver perdoado e ter-se deixado roubar. Ele mesmo não se adapta a viver na Terra, onde tudo lhe sai errado, e é expulso dela. Ora, isto que constitui a maior condenação para o involuído, porque significa expulsa o do próprio ambiente, e, com isto, renuncia a única forma de vida de que é capaz, representa não uma perda, mas um lucro para o evoluído, que assim se vê expulso e lançado para o seu ambiente próprio, e com isto regressa à sua própria forma de vida.

Todavia, há mais ainda. Se o evoluído se encontra na terra, seja mesmo por exceção, é para realizar alguma tarefa, e não para nada. Essa tarefa interessa a vida em sua fundamental exigência, que é a evolução. Então a vida, por ele vivida, não pode desinteressar-se de sua sorte e, com sua inteligência, movimenta forças dinâmicas de tal forma que a existência biologicamente preciosa do inerte evangélico não seja desperdiçada, servindo apenas para engordar os lobos vorazes, de que o mundo esta cheio. A vida se defende a si mesma, em todos os seres que a representam e sobretudo naqueles que constituem seus maiores valores. Se protege os seres inferiores, fornecendo-lhes armas naturais, necessárias para resistir na luta, é impossível não ter de admitir — dada a inteligência que a vida demonstra a cada passo — que ela não forneça meios defensivos aos seres superiores, aos quais, justamente por isso, está confiada uma tarefa mais importante para a obtenção de seus fins. Eis a razão biológica pela qual acontece aquele milagre que observamos no caso examinado no último volume.¹

¹ **A Grande Batalha (N. do T.)**

Se nos planos mais baixos da vida, o ser é submetido a uma dura escola, a luta pela seleção do mais forte, isto tem sua boa razão de ser. Se não houvera essa premente necessidade de manter-se sempre alerta para o ataque e a defesa, o que induziria o ser a realizar experiências para aprender, desenvolver a inteligência e assim evoluir? Devorar-se mutuamente constitui uma das maiores ocupações do animal, tanto quanto para o homem fazer a guerra. Esta é a lei de quem vive nesse plano de vida. Mas isto torna-se absurdo logo que se suba aos planos mais evoluídos, onde, para atingir os seus fins, a vida precisa realizar um trabalho totalmente diferente. Para ela, conhecedora de tudo, um evoluído que se exercitasse no jogo do ataque e da defesa não tem sentido, porque é diferente a seleção que se deve fazer nos planos superiores. Então, para um evoluído, fazer semelhante trabalho é perda de tempo, inútil dispêndio de energia, representa uma atividade atrasada e contraproducente. É natural então que a vida, que demonstra ser sábia e econômica, não dirija, com o mecanismo de suas forças, o ser para atividades que, neste caso, o fariam retroceder para planos evolutivos inferiores, e procure, ao contrário, impeli-lo para os mais adiantados, como supremo fim da evolução, lei fundamental da vida.

Observando bem tudo, não se pode acusar a ninguém. Pode-se apenas compreender que tudo esta em seu devido lugar, para realizar o trabalho que compete a cada um, de acordo com a sua natureza. O involuído está bem nesta terra, com as duras condições de luta que aqui se encontram, porque estas são proporcionais a ele, que está revestido por aquelas qualidades instintivas que o tornam apto a esse ambiente. O evoluído aí está bem, na sua posição de exilado, da qual deverá ser libertado, e pela qual será recompensado logo que tiver cumprido sua função civilizadora entre os mais atrasados. Desenvolve-se o jogo da vida protegido em ambos os casos pelos recursos próprios, embora diferentíssimos. Para o involuído existem seus instintos belicosos e as armas da luta terrena. Para o evoluído vem a intervenção das forças do Alto, que realizam o que aparece como prodígio no plano do primeiro. Colocar-se-á, então, a favor do Evangelho quem tem a inteligência para compreendê-lo e um grau de evolução suficiente para poder praticá-lo. Os outros, bem convencidos, no segredo de seus corações, de que se trata de loucura perigosa, evitarão vivê-lo seriamente, e o deixara o no terreno teórico, limitando-se a uma gloriosa exaltação verbal. Este é o único modo pelo qual pode hoje o Evangelho existir na Terra, dado o grau de evolução humana. Mas é útil repeti-lo, embora sem eco, porque fazendo isto durante milênios, alguma coisa se fixa na forma mental das massas e aí fica. Assim, mesmo que a pregação apenas realize uma função educadora, somente através da sugestão, jamais pede uma demonstração racional, inacessível à maioria.

Desta maneira, ninguém está errado e cada um tem o que lhe compete. O homem atual emerge de um recente estado de barbárie, e se pôde chegar até aqui, ele o deve exatamente às suas capacidades combativas. Sem a luta feroz, de que ainda conserva o instinto, como teria podido desenvolver a sua inteligência? O passado o exigia, e assim se justifica a presença atual dos resíduos. Por isso, o involuído não merece condenação alguma. Está tudo bem.

Todavia, se esta posição atual se explica e se justifica diante do passado, o mesmo não acontece em relação ao futuro. Aceitá-la para o futuro, significa adaptar-se a viver naquele estado de barbárie. O homem atual não merece condenação, antes até, admiração, por ter sabido emergir, até aqui, de estados tão selvagens. Se, diante destes, ele pode julgar-se civilizado, está bem longe de o ser diante de seu futuro. Eis por que pode considerar-se o homem atual como um ser ainda semi-selvagem, que precisa urgentemente ser civilizado. Eis aí, então, a função do biótipo evoluído para executar esse trabalho necessário, ou seja retirar da barbárie a massa involuída, que ainda se encontra atrasada, vivendo no plano animal. Trata-se de multiplicar cada vez mais o biótipo do evoluído, em substituição ao outro tipo mais atrasado, que é o involuído. Trata-se de ajudar a vida neste seu laborioso processo de maturação dos espíritos, exigido pela lei de evolução. Trata-se de secundar a história, no grande trabalho desse seu parto

doloroso de evoluídos em massa, e não mais de casos esporádicos excepcionais: só essa massa poderá formar a futura humanidade, sociedade orgânica em que o Evangelho seja finalmente vivido.

Tudo isto, de acordo com o princípio, segundo o qual a sociedade dos seres que formam a vida, é constituída por um sistema orgânico hierárquico, em que os seres esta o interligados, e nenhum deles pode avançar sozinho; mas somente inclinando-se sobre os irmãos menores, para fazê-los subir com ele.

* * *

As belas exortações do Evangelho, o tipo corrente, apegado às realidades da terra, responde desconfiando: mas a Divina Providência, depois, me salvará mesmo? E se não se realizar o milagre? Que tenho de seguro nas mãos? Este, habituado a viver num mundo de traições, deve considerar a desconfiança como uma de suas principais virtudes. E são justamente as suas qualidades, que o tornam apto a viver na Terra, que impedem o funcionamento daquela Providência. Esta é posta em movimento pelas qualidades opostas, precisamente aquelas que tornam o homem menos apto a viver na Terra. Não se pode ganhar dos dois lados, do lado da Terra e do lado do céu. Quem possui as qualidades, com as quais sabe viver bem na terra, contente-se com as vantagens desta e não peça as que descem do Alto. Mas quem não sabe viver na terra, porque pertence a planos mais altos da vida, é justo que seja salvo pelas forças do céu. O homem astuto e forte, que sabe defender-se sozinho, que necessidade tem dessas intervenções superiores, para que sua vida seja protegida e seja feita justiça? Então, é lógico e justo que as forças da Providência não se movam para ele, que deverá conseguir tudo por si mesmo. Em seu instinto, ele sente isso, e por esse motivo não confia no Evangelho, mas só nas próprias forças, e nada espera do Alto, ao passo que o evoluído sente instintivamente o contrário, e por isso confia no Evangelho, e espera tudo do Alto.

Não há dúvida de que, para acender a centelha que faz explodir a reação da justiça de Deus é indispensável que isto seja necessário e merecido, pois de outro modo aquela justiça seria injustiça. É lógico e justo que o homem que vive de prepotência e luta, seja obrigado a defender-se com esses seus meios, de que está bem armado, e que as forças do Alto não se movam para ele. Mas é lógico e justo também que o bom, que renuncia a defender-se na terra, para praticar o Evangelho e viver uma lei mais elevada, seja defendido por outras forças superiores, pois de outro modo ele seria logo devorado pelos lobos, o que significaria a vitória do mal sobre o bem, e a falência da Lei de Deus.

Dizemos isto para que os simples não se iludam. Sem mérito e justiça, nada se recebe do céu. Sem dúvida seria agradável ao homem da terra poder aproveitar também destas vantagens e proteções de que goza o evoluído. Seu instinto é de aferrar tudo o que pode ser útil. Mas é inútil fazer pressão com a força. A máquina não obedece a esses impulsos, não é posta em movimento com a violência nem com a astúcia, que movem as coisas terrenas, mas só com a bondade e o merecimento. É inútil pretender o milagre, quando não há martírio, nem bondade, e quando nos aproximamos dos poderes do Alto com a psicologia humana corrente do aproveitador. É indispensável possuir verdadeiramente as qualidades necessárias, e não apenas julgar que as temos, iludindo-nos. Na terra, estamos habituados a falsificar tudo, para tirar vantagens do engano. Essa psicologia paralisa, neste caso, a máquina, que então, não funciona.

E não basta sermos bons, se formos inertes e preguiçosos. Precisamos possuir a fé e a atividade dos trabalhadores fortes e honestos; quantas vezes, ao revés, gostaríamos de usar o Evangelho como um refúgio para tolos e preguiçosos, que pretendem servir-se de Deus para fugir ao cumprimento do seu próprio dever. O céu não pode funcionar como escapatória, para evitar-nos o cansaço de viver, necessário para evoluir, para fugir às duras condições que o ambiente nos impõe, e ao qual não podemos deixar de

pertencer, porque, dada nossa natureza, é o que nos compete. Para quantos empregos diversos, os mais levianos, querem na terra usar o Evangelho, as religiões, os ideais. É natural que o céu permaneça fechado e o Alto mudo aos nossos apelos.

O evoluído que se acha vivendo na terra em posição evangélica, exposto a todos os ataques, em condições humanamente antivitais, sem defender-se, tem absoluta necessidade de ajuda, o que já não tem o tipo comum, que sabe defender-se bem por si próprio. Portanto, não há razão nenhuma para que a este último seja franqueado esse auxílio. Além disso, o involuído não tem nenhuma missão a realizar, nenhuma função particular evolutiva, que interesse à vida, senão a de evoluir ele mesmo. É justo que ele não receba nenhum auxílio especial, que, ao invés, é indispensável ao que precisa realizar um trabalho excepcional, que os outros não fazem, ou seja, o de ensinar a libertação das mais baixas formas de vida e das dores que com elas estão conexas. É justo que o auxílio seja dado pelo Alto a quem trabalha, sacrificando-se pelos outros, e não a quem trabalha só para si mesmo. Sustentar gratuitamente o biótipo imerso no plano animal da vida que lhe compete, pelo seu nível de evolução seria tirá-lo da escola que lhe é necessária, representada pela luta em prol da seleção do mais forte; seria convidá-lo à preguiça, poupando-lhe o esforço que lhe é indispensável para subir, fazendo-o, com isto, permanecer estacionário, ao invés de evoluir. A vida deve ser trabalho produtivo para todos. Por isso, só pode subtrair-se a um trabalho, quem está realizando outro. Aquele: "todo o resto vos será dado por acréscimo", que o Evangelho promete a quem procurar primeiro o reino de Deus e Sua justiça, presume que primeiro tenha sido feito este trabalho, que justificará o "a mais", trabalho sem o qual, aquele "a mais" não chega. E é isto que, com efeito, acontece em geral, pelo que muitos acreditam que o Evangelho contenha somente belas palavras, e evitam aplicá-lo. Mas a culpa não é do Evangelho, que diz a verdade, mas do fato que não foram satisfeitas as condições necessárias, para que o Evangelho pudesse manifestar-se verdadeiro. É dado de graça o que foi merecido por outros meios, o que é necessário para fins mais alto. Mas não pode dar-se nada por nada, tanto mais que poderia ser prejudicial a quem recebe.

Se quisermos aproveitar as vantagens que nos oferece o Evangelho, só nos resta viver nas condições que ele estabelece para nossa conduta, ou seja, transformar-nos em evoluídos, que é um caminho aberto a todos. Mas o homem comum faz os seus cálculos. Ser-lhe-ia muito agradável ver chover do céu, gratuitamente, todos os auxílios que lhe poupassem as fadigas da vida; mas custa-lhe muito submeter-se às condições necessárias. O homem procura o atalho para chegar com menor esforço a um lucro maior. É justamente isto que ele procura, e com essa psicologia toda humana, ele se aproxima do Evangelho como de todas as outras coisas. Mas quando vê que daí não pode tirar nenhuma vantagem, ou que ele precisa pagar com sacrifícios muito grandes, então o rejeita como coisa inútil. Acontece que este Evangelho, se vivido, pode representar o meio mais poderoso para superar o passado e evoluir; se permanece inutilizado, o homem recai no seu baixo plano de vida, para aí estagnar-se. Por não compreender quão grande é o tesouro que recebeu, ele mesmo recusa a mão que lhe é estendida do Alto, para elevá-lo a melhores condições de vida. E assim continua o mal-entendido, o homem evangélico permanece um enigma e o Evangelho um sonho lindo, que continua no plano dos ideais. Assim, cada um continuará em seu lugar, de acordo com sua natureza, em suas condições de vida, realizando o próprio tipo, utilizando os meios que possui, obtendo aquilo que lhe compete. O ser inferior continuará a agredir o mais evoluído, acreditando que assim está vencendo, ao passo que perde a melhor ocasião para subir; e o mais evoluído continuara a sacrificar-se até que, com a bondade e o amor, tenha conseguido derrubar as portas do egoísmo e da ignorância, e vencer a animalidade, fazendo emergir o homem de seu baixo plano de vida. Assim ira o Evangelho lentamente, através dos milênios, caminhando para a sua realização. Mas entre os dois, involuído e evoluído, o mais forte é o segundo, porque está protegido pelas forças da vida que quer ascender. A ele caberá a vitória final. Se ao outro pertence o passado, a ele pertence o futuro.

Neste capítulo, procuremos definir melhor as duas posições fundamentais e antagônicas, de evoluído e involuído, que se poderiam chamar os dois extremos do biótipo humano. Procuremos ver os direitos e deveres de cada um, as vantagens e desvantagens de estar situado num ou noutro ponto. Antes de enfrentar outros aspectos e problemas, resumamos, para esclarecer cada vez melhor este assunto, alguns de seus pontos fundamentais — alguns dos quais já referidos — definindo com mais exatidão as respectivas posições e condições de vida:

1) Neste estudo, quisemos apenas comprovar, com absoluta imparcialidade, alguns aspectos das leis da vida, explicando seus princípios e funcionamento, sem condenar ninguém. Ao involuído cabe, ao contrário, compaixão, já estando ele condenado pela própria involução, a qual lhe dá, no entanto, o direito de ser ajudado por parte dos mais evoluídos.

2) Em substância, segundo suas relatividades, todos têm razão, porque cada coisa está em seu lugar. E isto é lógico. Nem poderia ser diversamente, se tudo depende da sabedoria de Deus e da Sua lei. Assim, na grande ordem do todo, cada elemento fica em sua verdade relativa, que representa a sua posição no seio da verdade universal, que abraça todas as verdades relativas numa unidade orgânica. Assim, evoluído e involuído permanecem em suas verdades, relativas à sua posição, que é a que compete a cada um segundo a sua natureza, da qual não podem deixar de sofrer as conseqüências estabelecidas pela lei.

3) As diversas condições de evoluído ou involuído representam apenas posições diferentes ao longo da escala da evolução, pela qual todos os seres caminham. Portanto, não significam superioridade ou inferioridade em sentido absoluto. O mais evoluído tem sempre, acima de si, outro que o é mais; e o mais involuído tem sempre, abaixo de si, quem é ainda mais involuído. Ao longo da escala da evolução, cada um se acha sempre nas mesmas condições, ou seja, situado entre um tipo superior e um inferior, de maneira que não há de modo algum superior nem inferior em sentido absoluto. Cada evoluído é um involuído em relação ao que lhe é superior, e cada involuído é um evoluído em relação ao que lhe é inferior. Num mundo assim, em que tudo é relativo, não existe, racionalmente, lugar para orgulho ou acanhamento de ninguém. A palavra involuído não tem nenhum sentido depreciativo, mas apenas o de imaturo, que amanhã amadurecerá.

4) Temos de esclarecer este ponto, porque muitas vezes acontece que a primeira coisa que alguns leitores compreendem, não é se uma teoria corresponda ou não à verdade, mas se alguém quis colocar-se em certa posição de superioridade, que, como tal, os humilhe e ofenda. Ora, a finalidade deste livro não é estabelecer nenhuma superioridade, mas apenas mostrar como funciona a vida, segundo as leis feitas por Deus, diante das quais só temos de obedecer. Nós as vamos descrevendo para vantagem de quem lê, a fim de que possa tirar delas o maior proveito para si mesmo. O universo é uma grande máquina perfeita, até mesmo nos métodos com os quais vai procurando a perfeição nos pontos em que ainda não a possui. Chegar a conhecer como tudo isto funciona, pode representar precioso guia, para evitar erros prejudiciais, pelos quais depois deveremos pagar, e ainda para atingir o nosso bem, acabando por sabermos comportar-nos. Difundir esse conhecimento pareceu-nos coisa urgente, num mundo, que a esse respeito, se comporta loucamente, mas que deverá depois sofrer em proporção.

5) Em relação à meta final, Deus, todos estamos igualmente a caminho. O que nos irmana é o fato de que somos todos viandantes ao longo do ilimitado caminho da evolução. Uns caminham mais depressa, outros mais devagar. Imóvel é que ninguém pode permanecer. O grande impulso para a frente impele a todos. Assim, o involuído de hoje tende a tornar-se o evoluído de amanhã. Trata-se de uma grande marcha, de que todos os seres participam.

6) Na evolução não há barreiras insuperáveis, compartimentos estanques, portas fechadas. A estrada para evoluir está aberta a todos, e qualquer um, desde que o queira, pode tornar-se um evoluído, subindo, se ainda o não é. Cada inferior pode sempre subir, merecendo-o, ao posto do superior, que considera um dever e uma alegria ajudá-lo nisso.

7) Quanto mais são avançadas as posições, menos podem ser de egoísta vantagem para si, mas antes de altruísmo, que se inclina sobre os inferiores para ajudá-los a subir. Evoluindo, não crescem os direitos, mas os deveres; não se ganha em comando, mas em obediência. A evolução representa uma demolição progressiva, egocentrismo separatista, estado de caos ao qual se substitui o estado orgânico unitário. É natural que, caminhando para a ordem, se vá para a obediência, para a confraternização, para o altruísmo que destrói o separatismo.

8) A verdadeira posição psicológica dos menos evoluídos, em relação aos mais evoluídos, não deve ser a de inveja e ciúme, mas a de alegria, pelo fato de possuir um amigo mais adiantado, que nos ajuda, para vantagem nossa. A função dos que mais progrediram é a de trazer para a frente, consigo, os que estão mais atrás. Esta é a lei. Não se pode subir sozinho e só por si mesmo. É verdade que quanto mais se sobe, mais direitos e liberdades se conquistam. Mas, se tudo é equilibrado, quanto mais se sobe, mais deveres e obediência à lei nos esperam. Se o evoluído não aceita isto, comete um erro tão grave, que o faz retroceder ao grau de involuído. Tudo isto é lógico, dado que a evolução avança para a unidade orgânica.

9) Conseqüência de tudo isto é que a idéia de inferioridade, de inveja, de um lado, e a suposição de que do outro lado se possa ser orgulhoso, é própria apenas ao plano do involuído, e desaparece logo que se passe para além dele. Ao evoluído, muitas coisas interessam, mas não a de gabar-se, e muito menos aproveitar-se da própria superioridade. No momento em que ele pensasse dessa maneira cairia de seu plano de vida, tornando-se parte de outro tipo biológico. A primeira qualidade espontânea do evoluído é a de ignorar a sua superioridade; a sua maior paixão é a de tornar evoluídos os outros seres. Esta é a forma mental do biótipo do evoluído e, se não a possuísse, não seria mais um evoluído.

Concluindo este capítulo, quisemos fazer compreender, cada vez melhor, o significado biológico do Evangelho, isto é, não só como fenômeno religioso, mas como força de vida, da qual representa um elemento básico da maior finalidade desta, que é a de fazer evoluir.

II

O EVANGELHO E O MUNDO

O Evangelho e os bens materiais. Cristo ignorava a realidade da vida? Quem tem razão, Cristo ou o mundo? Como entender o Evangelho? Os pobres de espírito. Os deveres de quem possui. As acomodações. O Evangelho tira-nos a preocupação do trabalho, mas não o trabalho. Ócio é desonestidade. Os colaboradores de Deus. A psicologia do

dinheiro. O fator espiritual na construção e o peso do imponderável. Utilitarismo inteligente.

É no terreno dos bens materiais que se torna mais vivo o contraste irreconciliável entre o Evangelho e o mundo, entre o evoluído e o involuído. Como podem concordar dois tipos humanos e dois métodos de vida, dos quais o primeiro abandona com indiferença as coisas da terra, considerando-as secundárias, e o segundo faz consistir seu principal trabalho na vida no aferrá-las e mantê-las seguras? Parece que as coisas estejam sendo olhadas de dois pontos diversos, com olhos diferentes. Olhadas do céu, as coisas da terra, porque estão longe, parecem pouco importantes, ao passo que são importantes as do céu porque esta o mais próximas. Olhadas da terra, as coisas do céu, porque esta o longe, parecem de somenos importância, enquanto as da terra, porque próximas são importantes. Mas procuremos compreender.

O Evangelho toma, logo de início, nítida e inexorável, a sua posição, quando diz as palavras já citadas: "Ninguém pode servir a dois senhores... Não podeis servir a Deus e a Mamom. E para atingir a perfeição, aconselha logo dar tudo aos pobres, afirmando ser bem difícil que um rico entre no reino dos céus. Quem quiser salvar sua vida no sentido humano, a perderá; e quem a perder para conquistar a vida mais alta que Cristo nos mostra, a salvará".

E o Evangelho acrescenta, explicando: "Não vos preocupeis pela vossa vida, quanto ao que comereis, nem pelo vosso corpo, quanto ao que vestireis. A vida não vale talvez mais que o alimento e o corpo mais que a roupa? Olhai os pássaros do céu: não semeiam, não ceifam, não recolhem em celeiros; e no entanto vosso Pai celeste os alimenta. E vós não valeis mais do que eles? E quem de vós, por mais ansioso que esteja, pode acrescentar um cúbito à própria estatura? E por que preocupar-vos tanto com a roupa? Considerai como crescem os lírios do campo; eles não trabalham nem fiam. E no entanto eu vos digo, que nem Salomão em todo o seu esplendor, se vestiu como um deles. Se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao forno, com quanto maior razão vos vestirá a vós, homens de pouca fé? Não vos preocupeis dizendo: que comeremos ou que beberemos, ou que vestiremos? Por tudo isto se preocupam os gentios; mas vosso Pai celeste sabe que precisais dessas coisas. Vós, portanto, procurai sobretudo o reino de Deus e Sua justiça, e todo o resto vos será dado por acréscimo. Não vos preocupeis, portanto, pelo amanhã porque o amanhã se preocupará por si mesmo. A cada dia basta o seu cuidado. (Mateus, VI: 24-34).

Não se poderia imaginar maior reviravolta dos mais fundamentais instintos da vida, que o homem teve de aprender em longa e dura experiência num ambiente hostil, em que só vive quem sabe surripiar dele o necessário e impor-lhe suas próprias exigências. E o Evangelho ainda acrescenta: "Não acumuleis tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os consomem e os ladrões os desenterram e roubam"... Infelizmente é verdade que a ferrugem e a traça consomem e os ladrões roubam, mas isto representa apenas o esforço indispensável para defender o que é necessário à vida. É fácil dizer; não penseis no amanhã — poderia responder o mundo —; mas se o amanhã chega e não estamos providos, faltará até o necessário. É belo saber que o Pai celeste sabe que precisamos de todas essas coisas. Contudo é um conhecimento que servirá para Ele, mas não para nós, que certamente não vemos chegar a nossa casa, da parte Dele, aquilo de que precisamos todos os dias. Sabemos, por dura experiência, que, se não o procurarmos com o nosso esforço previdente, nada chegará a nossa casa. Ao contrário, poderemos contar com alguma coisa, se tivermos acumulado um tesouro na terra, ao qual podemos recorrer para suprir nossas necessidades, e dessa maneira conseguir uma trégua na luta diária pela vida.

Assim, aos olhos do mundo, que sabe que de fato as coisas se passam de outro modo, o Evangelho se apresenta como uma sublime ignorância das realidades da vida. Como se explica isso? Será possível que Cristo não se tenha dado conta dessa realidade, das verdadeiras condições em que se desenvolve a vida do homem? Sem dúvida Ele fala de outro tipo de vida, feita para outro tipo de homem, que não o atual: um tipo novo, o evoluído, no qual o atual deverá transformar-se. Cristo refere-se ao luminoso futuro da humanidade e não a seu bestial passado. Provam-no suas palavras: "Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei, que assim vos ameis uns aos outros". Não representa isto uma reviravolta completa na fundamental lei biológica da luta pela seleção do mais forte? Isto significa passar a um plano de existência em que predominam leis diferentes: e a vida se protege e desenvolve, baseando-se em outros princípios.

Mas Cristo, mesmo ao preparar o homem de amanhã, sabia que estava falando ao homem de hoje. Como poderia pedir-lhe o impossível? Com efeito, o mundo não lhe deu ouvidos, e assim se explica isto, sem dúvida, um fato inegável. Quando o homem prático, que luta em sua vida árdua, ouve estas belas mensagens que descem do Alto: tem a impressão de que provém de um mundo cujos habitantes podem permitir-se o luxo de ter belos sonhos, porque suas condições de vida sem preocupações, lhes permitem ignorar ou esquecer a nossa realidade humana e dura. Quem vive, para si, aquelas belas máximas evangélicas, ao invés de pregá-las aos outros? As próprias e várias religiões cristãs, baseando-se no Evangelho, acusam-se mutuamente, em nome dele, de possuírem bens terrenos; enquanto, na prática, elas os possuem. A única forma, neste caso, de se lembrar do Evangelho, parece ser aquela de cada um escandalizar-se daquilo que pratica somente quando o vê praticado pelos outros, ocasião de que se aproveita para acusar o próximo. Mas isto corresponde perfeitamente às leis da vida no plano humano, que coloca no ápice da escala dos valores, os meios humanos; e até Deus só é respeitado porque poderoso e temível. Nesse plano, em que vencer é a coisa mais importante, é natural que cada um queira tudo para si e tenha inveja das riquezas que exprimem as vitórias dos outros.

O contraste entre duas leis que querem dirigir o mundo, a do passado e a do futuro, ou seja, a animalidade e o Evangelho, apresenta nos fatos estranhas contradições entre o que é o que deveria ser, entre o que se diz e o que se faz. Acontece que as próprias ordens franciscanas que se baseiam na pobreza, têm posses. Como se resolve esse conflito? Diante das claras palavras do Evangelho e dos fatos que se comprovam, temos apenas três soluções: 1) O Evangelho é um belo sonho irrealizável hoje na terra; portanto, não se pode tomá-lo em consideração. Neste caso, o mundo tem razão em não aplicá-lo. 2) O Evangelho é feito para ser vivido na terra; Cristo deu ordens para que fossem cumpridas. Neste caso, o mundo está mentindo, porque não pratica o que prega. No primeiro caso, o mundo tem razão e Cristo está errado. No segundo caso, Cristo tem razão e o mundo está errado. De qualquer forma, um dos dois deve ter errado, e este é o fato que pode justificar o conflito, que, sem a culpa de ninguém, não se explica. Qual dos dois está errado? Então o Evangelho representa um extremismo espiritual que não pode ser aplicado á vida prática material; e esta representa um extremismo material, que a vida espiritual não tolera. Mas é possível que a obra de Cristo se resolva num antagonismo insanável?

Mas pode haver uma terceira solução, que poderemos chamar de conciliadora. 3) Consiste ela em adaptar os dois extremismos, um ao outro, escolhendo um caminho intermediário, uma posição de compromisso. Isto significa aplicar o Evangelho não-integralmente, mas em doses percentuais, que sejam suportáveis pela atual natureza humana, sem que lesassem demais as necessidades materiais da vida terrena. Isto é concebível, se pensarmos que a realidade prática resulta do passado, e que o Evangelho quer sobrepor-se a natureza humana animal de que ela deriva, para transformar essa realidade e essa natureza em novas formas de vida que entrarão em ação no futuro. No alvorecer, por exemplo, a luz e as trevas travam entre si grande conflito, mas até desaparecer a noite e despontar o dia, vivem elas numa

posição de compromisso, misturadas; embora elidindo-se mutuamente, atravessam um processo de transformação e, no fim, garante que a luz, neste caso o Evangelho, deve vencer. Só assim poderá solucionar-se o problema, sem atribuir a Cristo ou ao mundo um erro que eles não têm. Dessa conclusão resulta a grandeza do Evangelho, tão grande, que o homem ainda não pode nem mesmo compreender e muito menos realizá-la. Entretanto, conclui-se também que o homem ainda vive numa fase da vida animal, de que seria urgente sair, civilizando-se.

Pode-se então conceber o Evangelho como uma meta a alcançar, como um estado de perfeição a que o homem ainda não chegou, mas ao qual devesse chegar fatalmente. De outra forma, que sentido teria a pregação de Cristo? E parece uma hipótese bem difícil de admitir-se, que Ele não soubesse o que fazia, tão grande é a sabedoria demonstrada em Suas palavras.

Descendo agora a maiores particularidades, como deveremos entender aquelas palavras acima citadas? Elas dão-nos a impressão de que o Evangelho vai contra a vida e que esta se retrai espantada de tão absolutas renúncias. Procurar somente o reino de Deus, ter de dar tudo aos pobres, estar excluído do céu só pelo fato de ser rico, negar-se a si mesmo, não poder salvar a própria vida senão com a condição de perdê-la em relação ao mundo, e tudo isto imposto sem possibilidade de adaptações, que tornem possível uma conciliação entre os dois extremos opostos, trunca profundamente a vida humana, que por instinto, reage para não se deixar destruir. Não lhe é permitido salvar nada do que mais lhe satisfaz e que julga indispensável.

Isto levaria a outra conclusão, que, no entanto, temos de considerar inadmissível, por ser absurda: ou seja, que o Evangelho, sempre afirmativo e construtivo, pertença, ao invés, as forças negativas da destruição. Seria isto possível? E, no entanto, vemos que existe uma Providência defendendo a vida. Esta possui uma sabedoria sua íntima, muito acima de nossa vontade e conhecimento, sabedoria da qual somos grandemente devedores, por termos chegado até aqui, e por conseguirmos sobreviver a cada minuto. Seria possível que Cristo se tivesse colocado contra essa vontade de viver, a qual o ser obedece irresistivelmente por instinto, e que constitui um impulso fundamental determinado por Deus e indispensável, para que se cumpram os destinos do Universo? Não, não é possível. Mas então, que sentido devemos dar as palavras de Cristo?

* * *

Diz o Evangelho que procuremos "acima de tudo" o reino de Deus e Sua justiça, ou seja, em primeiro lugar, e não por último, ou absolutamente nada, como quereria o mundo. Aconselha-nos a dar tudo aos pobres, mas como um caminho de perfeição que, como tal, só pode ser excepcional. Sem dúvida, será necessário que alguém possua bens da terra, mas não os deve possuir como rico, com egoísmo e avareza; não acumulando-os para si e, nesse intuito, subtraindo-os aos outros, mas deve possuir com espírito de pobreza, sem egoísmo nem avareza, sem querer insaciavelmente acumular sempre mais, como em geral ocorre, antes colocando o supérfluo a serviço do bem alheio, agindo como dono que centraliza tudo em si mesmo, como administrador que, com seu trabalho fecunda sua propriedade, tornando-a mais produtiva, só a cedendo aos outros quando estes dêem prova de serem bastante competentes e trabalhadores, para que os bens não sejam destruídos ou tornados improdutivos. Cristo não pode querer o desperdício e a destruição, não pode querer o ganho sem merecimento. Cristo quer levar-nos aos mais modernos conceitos, que o mundo está começando a compreender: o de conservação do direito de propriedade, mas abrindo sempre mais espaço aos deveres inerentes a obrigação de realizar sua função social. O Evangelho dirige-se contra os ricos, e não contra os bens em si mesmos, que também são obra de Deus, para que sejam colocados a serviço da vida. O mal começa quando se invertem essas posições e a vida é posta a

serviço deles, isto é, quando se sacrifica o bem do próximo por egoísmo. Antes de mais nada, o Evangelho vê o lado espiritual do problema, no qual está situada a raiz de tudo; dirige-se, pois, contra o estado d'alma comum aos possuidores, contra a psicologia do rico, e a combate por causa dos danos que ela produz.

O Evangelho nos quer pobres de espírito, desprendidos, homens que aprendam a possuir com outro espírito, totalmente diverso do que é próprio ao tipo biológico comum humano, espírito que pode permanecer intacto em qualquer regime econômico. Só a revolução de Cristo chegou a substância, para renovar a fundo o homem, única maneira de resolver o problema econômico. Com todas as outras inovações, exteriores e formais, o homem permanece sempre o mesmo, fazendo as mesmas coisas. Pertencer a este ou aquele regime econômico, possuir ou não possuir, tem sempre uma importância relativa diante de nossa psicologia íntima, de que somos dotados. Por isso, não se iludam aqueles que possuem, pensando achar em nossas palavras uma justificativa ou autorização para possuir de modo próprio. Se não possuírem com esse espírito novo, como quer o Evangelho, este continuará condenando-os. Ele respeita a propriedade e também as riquezas, mas já vimos em quais condições. Ele não admite que o indivíduo possa ter, em relação à coletividade, fins negativos ou maléficos, mas apenas positivos e benéficos. O Evangelho, que é justo, não pode admitir nenhum direito sem os correlativos deveres.

Eis o que significa: "procurar o reino de Deus e Sua justiça". É natural, então, que o resto nos possa ser dado por acréscimo. Quando for eliminada toda a destruição de bens, que deriva das guerras, e de todos os atritos das rivalidades sociais; quando a vida não for uma corrida desesperada ao dinheiro, mas uma colaboração honesta de gente de boa-vontade é fácil imaginar como também o problema das necessidades será automaticamente resolvido e o resto, de que fala o Evangelho, nos será dado verdadeiramente por acréscimo.

O Evangelho não é destrutivo e antivital, como pode parecer. Ao contrário, ele representa um novo modo de conceber a vida, para ajudar-nos a enfrentar e resolver, com sabedoria, os nossos problemas. Alguns existem que se revoltam contra o Evangelho, porque acreditam na riqueza, mas ele condena a cupidez. Há outros que se apoiam no Evangelho porque presumem que a Providência esteja a seu serviço, poupando-lhes todo trabalho. Há os heróis da santidade que têm a força de vivê-lo cem por cento, e há os que pensam bem, e o adaptam as próprias comodidades e o vivem na medida em que ele não perturbe os próprios interesses. O fato positivo que existe e se antepõe a tudo, é o tipo individual, o temperamento de cada um, que transforma todas as coisas que encontra, as leis e usos sociais, a moral, as religiões e também o Evangelho, para adaptá-las a si mesmo. Todas essas normas querem fazer vergar o indivíduo. Depois, é o indivíduo que quer fazer vergar essas normas a seu gosto, adaptando-as para vivê-las a seu modo. Antes de tudo, cada um diz "eu". A autoridade, que deveria coordenar esses diferentes tipos para deles fazer uma unidade, é apenas outro "eu" maior e mais forte, que procura impor-se a todos os outros que, ou concordam que ele se lhes convém; ou o suportam, se são fracos; ou fogem, se são astutos; ou se rebelam, se são fortes.

O próprio Evangelho não podia escapar a esse processo geral de adaptação, necessário na terra para poder alcançar sua realização, processo no qual ele é, na prática, transformado, entendido e aplicado em função dos vários tipos de personalidade, procurando cada um destes tipos fazer dele o uso que mais lhe convém. A verdade que existe antes de tudo e se antepõe a todas as outras, é, o próprio tipo de personalidade, com seus instintos e qualidades. Em relação a esta, as outras verdades coletivas parecem secundárias, e contra elas, aquela verdade luta a cada momento, com êxito diferente, para afirmar-se. Mas, como a natureza tende a construção de biótipos em série, eles podem, em certo número, aproximar-se por semelhança, e assim formar grupos e correntes, nas quais podem concordar e permanecer unidos.

Desta maneira, conseguem existir idéias aceitas pela psicologia coletiva, desde que correspondam a um nível médio e exprimam um fundo comum na forma mental da maioria. Mas o ponto de partida, mesmo destas verdades mais gerais, — pelo menos como aplicação vivida —, é o biótipo individual e seu grau de maturação evolutiva, que estabelece, antes de tudo, o que o indivíduo pode compreender e realizar, dos ideais que lhe são dados ou ensinados. Sem isto, as idéias mais sublimes permanecem aptas só para o céu, de onde descem, e jamais poderão tornar-se verdades vividas pelo homem na prática de sua vida, ficando então sua descida à terra, coisa estéril e inútil.

Por isso, o Evangelho achou muitos sequazes. Mas que sequazes? O Evangelho os transformou, ou estes transformaram o Evangelho? Ou, na luta para se transformarem um ao outro, adaptaram-se num compromisso de meio-caminho, que permitisse a ambos sobreviver? Mas se o tipo humano predominante não sabe fazer mais do que isto, por que escandalizar-se com a História, se este era o único meio possível para que ao menos a letra do Evangelho chegasse até nós? Além disso, o que se pode pretender do homem com um passado selvagem tão recente? Por que não escandalizarmo-nos conosco, que nos julgamos mais civilizados e agimos pior?

É o homem que quer trazer tudo ao seu nível, adaptar tudo aos seus instintos, utilizar tudo para vantagem própria. O homem é destrutivo, e não o Evangelho. Este pode parecer antivital, se entendemos por vida a do nível animal, mas ele é extremamente vital, se, ao invés, entendemos por vida aquela do nível espiritual. Ele só é inimigo das formas inferiores de existência, e isto porque quer realizar, em seu lugar, as superiores. Ele contrapõe-se ao mundo, só porque quer substituí-lo pelo reino de Deus. Por isso o Evangelho pode parecer destrutivo aos olhos míopes do mundo que, como tal, considera destruidores todos os que, para fazê-lo progredir, querem sua renovação. Sem dúvida, o Evangelho representa a mais enérgica negação dos princípios em que se baseia a vida do mundo, e contra essa negação rebelam-se aqueles para os quais essa vida é tudo. Que afirmação suprema constitui, em compensação, o Evangelho; afirmação de uma vida muito mais alta e poderosa, que o mundo não toma em consideração, porque não a vê.

Então, quando o Evangelho nos diz aquelas estranhas palavras: "Não vos angustieis pela vossa vida...", não devemos, céticos, voltar as costas aquilo que em nosso mundo — do qual bem se conhecem as duras necessidades — pode parecer uma zombaria. Ao contrário, devemos procurar compreender o verdadeiro sentido dessas palavras, seu bom-senso, útil para nós, que vem ao nosso encontro inclusive para ajudar-nos na vida deste mundo. Essas palavras não foram ditas ao acaso, e no trecho citado nas páginas precedentes, elas são repetidas com insistência: "Não vos preocupeis, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou que vestiremos? ... Vosso Pai celeste sabe que tendes necessidade de todas essas coisas....Não vos preocupeis, com o amanhã...."

Parece que Cristo, falando assim, quer primeiramente colocar-nos em estado de calma, de confiante tranquilidade, libertando-nos da ambição que nos faz maus, assim como da ânsia da preocupação, que paralisa: duas ansiedades perigosas, das quais está cheio o mundo. Para ajudar-nos nesta libertação da psicologia das desapiedadas exigências do contingente, o Evangelho mostra-nos horizontes bem mais amplos, que são nossos, sem dúvida, mas que nossos olhos não vêem; recorda-nos que Deus fez tudo, e que, como Pai, não pode abandonar suas criaturas. Com estas palavras, parece: que Cristo tornou seu o sacrifício humano de viver em tão duras condições, e que, para aliviar-nos, nos quis explicar que, no fim de contas, a vida não está toda aqui, que é inútil lutar por ela além de certa medida, porque depois virá coisa bem diferente. Com isto, o Evangelho quer colocar cada coisa no seu devido lugar, libertando-nos de uma superestima errônea da vida presente, que, em última análise, é o que é, e merece o que merece. Certamente, se o homem é interessado, não é pelo gosto de sê-lo, mas isto constitui a última consequência

de longo passado de lutas terríveis para sobreviver em ambiente hostil. Mas agora é preciso subir mais, e para isto, corrigir os instintos que ficaram como resíduos desse triste passado. Neste sentido, o Evangelho vem ao nosso encontro e ajuda-nos, altamente afirmativo e construtivo, benéfico no bem mais real e duradouro.

Precisamos observar, agora, que, em muitos casos, é justamente neste ponto do "não vos preocupeis" que costumam nascer mal-entendidos. Entre tantos usos que se podem fazer do Evangelho, existe também o que pode ocorrer, quando ele cai nas mãos de quem procura não preocupar-se, descarregando nas costas dos outros trabalhos e deveres que lhe pertencem. Estas pessoas podem gostar muito desse trecho do Evangelho, porque até lhes parece mentira que tenham encontrado alguém que tranquilizasse ainda mais sua inerte tranquilidade, encarregando-se de substituí-los em seu trabalho. Então, eles bendizem o Pai celeste, — que imaginam transformado em servo deles —, que se encarrega de prover-lhes gratuitamente as coisas da vida. Então, têm sempre o Evangelho entre as mãos, sentados, esperando o maná do céu.

Iludem-se, porque o Evangelho não nos foi dado para nos apropriarmos de direitos ou receber serviços, mas ao contrário, para realizar todos os nossos deveres com o nosso esforço pessoal. O Evangelho acompanha-nos, ajuda-nos, santifica-nos, mas não nos tira o trabalho, não nos exime do esforço que nos compete. O Evangelho quer tirar-nos a ânsia do trabalho, mas não o trabalho, quer que o façamos com ânimo tranqüilo, o que significa menos esforço e maior rendimento; quer que o realizemos com inteligência e amor, o que o torna interessante e útil, inclusive para o espírito. Cristo vem ao nosso encontro para ajudar-nos na dureza desse trabalho. Ele não o ignora, e o lembra no fim do trecho supracitado e que estamos comentando: "Não vos preocupeis com o amanhã, porque o amanhã se preocupará consigo mesmo. A cada dia basta o seu cuidado". O Evangelho, que é sempre afirmativo e construtivo, quer eliminar de nossa atividade a sua parte negativa, que é a preocupação, a ânsia, qualidades que nada criam e, ao revés, são contraproducentes, porque paralisam; e quer substituir essas qualidades negativas por nossa confiança em Deus, atitude positiva que torna mais fecundo nosso trabalho, menos pesado nosso esforço. Isto é o que podemos, honestamente, pretender do Evangelho. Nada mais. É inútil que se refugiem em algumas palavras do Evangelho os que não têm vontade de trabalhar. Poderão dizer talvez que foram enganados, mas isto não os ajudará. O Evangelho quer-nos honestos, e a preguiça e uma forma de desonestidade.

* * *

O irreconciliável contraste que vimos existir entre o Evangelho e o mundo no terreno dos bens materiais, apresenta-se-nos também sob outros aspectos. Sem dúvida, o trabalho é uma necessidade inderrogável da via humana. Mas, nas duas posições opostas — a do Evangelho e a do mundo, ou seja, a do evoluído e a do involuído — o trabalho se nos apresenta em duas formas bem diferentes. O trabalho do primeiro é inteligente, fecundo, confiante e satisfatório. O do involuído é forçado, penoso, desconfiado e incompleto. O Evangelho desejaria transformar este segundo tipo de trabalho, no do primeiro tipo. Com efeito, este último faz-nos colaboradores de Deus, enquanto instrumentos de Sua vontade, numa obra que, sendo um fim de si mesma, já representa por si uma graça. O outro tipo de trabalho, como se usa na terra, é geralmente instrumento de interesses, em função de egoísmos, o do empregador e do empregado, dois impulsos egocêntricos opostos que lutam, como rivais, para cada um deles apoderar-se de tudo. Deriva daí um atrito desgastante que custa desperdício de valores, até mesmo econômicos; daí resulta não colaboração, mas inimizade, que constitui uma perda comum: um sistema errado, porque contraproducente justamente onde devia ser produtivo; um sistema em que o empregador procura desfrutar o operário, e este, enganar o patrão, substituindo o princípio fecundo da colaboração, pelo

desagregante da luta.

Com estes dois tipos de trabalho, o homem procura construir suas obras mais diversas. Entretanto, elas não são igualmente rendosas, e seria lógico escolher o que custa menos cansaço e produz maior vantagem. Correspondentemente, há dois métodos para construir: com os poderes materiais do mundo e com os poderes espirituais do céu. Veremos, agora, como merece mais confiança o segundo, que, com segurança maior, pode garantir-nos a vitória, ao passo que, no primeiro, acreditam os simples, que se deixam enganar pelas miragens do mundo.

Que faz este, quando quer construir qualquer obra? Começa por recolher os meios materiais, vai à procura deles e os acumula na maior quantidade possível. Mas bastarão eles para construir? Fazemos uma montanha de matéria prima e de dinheiro. Com isto teremos recolhido meios, mas ainda nada teremos criado. Ocorrem, ainda, outros elementos, especialmente o trabalho do homem, e com isto fatores psicológicos e espirituais que são, em última análise, os que constroem, com aqueles meios. Os meios, sozinhos, continuam inertes, se não intervém o pensamento, a vontade e a ação do homem, para movimentá-los e utilizá-los, transformando-os, de materiais de construção, na obra construída. Então, entram nesta outros elementos e, para consegui-la, mister se torna levar em conta também as forças do imponderável. Portanto, se quisermos construir solidamente e não arriscar a falência da obra, teremos de ocupar-nos também com as coisas espirituais da alma e do céu. E se não soubermos levá-las na conta devida, nossa ignorância ou negligência poderão fazer-nos cometer erros, que mais tarde teremos de pagar.

Não há dúvida: o motor íntimo que dá impulso à obra, a dirige e leva a termo o seu desenvolvimento, dando seu cunho à execução do trabalho e portanto a toda a construção, é de natureza espiritual, e não reside nos meios materiais. Os homens práticos poderão rir ceticamente destas afirmações, e não levar em conta esses elementos. E, no entanto, a forma substancial que, em última análise, sustenta uma obra, está toda aí. Os meios materiais, o dinheiro, são a matéria-prima ou os meios para movimentar o homem. São, sem dúvida, um elemento indispensável, uma poderosa mola. Mas de que forma, e em que direção os movimenta? E se, sozinha, essa mola o movimenta mal, não é indispensável, igualmente, ao menos um corretivo que melhore a ação, tornando verdadeiramente produtivo um impulso que, sozinho, pode ser até mesmo destrutivo?

Ora, qual é o estado espiritual que está geralmente ligado aos meios materiais, qual é a psicologia do dinheiro? Não é decerto a psicologia do amor fraterno, mas a de rivalidade e luta feroz, de egoísmo e de avidez. Trata-se de elementos que poderão interessar cada indivíduo, mas que são estreitamente desagregantes em qualquer atividade coletiva, em que é necessário organizar-se, colaborando, para chegar à construção. Todavia esses elementos sozinhos, tendem a transformar um campo de trabalho num campo de batalha. Então, o objetivo principal que deveria ser o de construir bem uma obra, transforma-se e torna-se o de enriquecer cada um por si, tirando-se desse trabalho a maior vantagem individual possível. Teremos; então, apenas uma atividade de exploração da obra, que se torna um pretexto, uma mentira, para encobrir outros fins bem diversos. Todo trabalho de construção fica assim interiormente minado, corroído por esta vontade que quer encaminhar-se para outras finalidades bem diferentes da de produzir bem e seriamente. O fator espiritual, que os homens práticos se acham com direito de não levar em conta, como se se tratasse de fato desprezível, sem importância, pode, ao contrário, assumir uma tão grande importância que, quando estiver desgastado, poderá minar toda a obra, levando-a à falência. Assim se explica que tal aconteça no meio de tanto progresso técnico.

Dir-se-á talvez: devemos então suprimir os meios materiais e o dinheiro? Não! Aqui desejamos

apenas colocar cada coisa em seu lugar, dando-lhe o que lhe compete, segundo sua própria importância, sem supervalorizar uma nem subestimar a outra. Ora, o mundo de hoje é levado a basear-se quase totalmente nos meios materiais, acreditando que eles sejam tudo. Aqui reside o erro. Com isto não queremos dizer que não precisamos deles. Certamente que precisamos. Mas não deles, apenas. É necessária alguma coisa mais, ou seja, que se saiba usar deles com outro espírito, que os complete, coordenando-os para um fim, colocando-os, em relação a este, na posição de instrumentos ou meios, cimentando-os num estado orgânico que os torne construtivos. Se assim não for, aqueles meios ficarão dispostos de modo errado, e sua quantidade se tornará contraproducente para a obra. Trata-se de elementos mortos em si mesmos, que são postos em funcionamento através do trabalho, que é uma atividade do homem, na qual, portanto, não pode deixar de influir o fator psicológico, que, assim, assume a sua importância no êxito da obra. Onde quer que apareça a mão do homem, não se pode esquecer a presença do espírito. Daí a necessidade de levá-lo em conta. É verdade que, sem meios materiais não se pode construir, mas é também verdade que os meios materiais, eles só, se não os soubermos utilizar, poderão levar a falência.

Por isso, grande é o perigo quando a eles se atribui demasiada importância, dando-se-lhes função preponderante, quando toda a obra fica dependendo exclusivamente deles e da psicologia que lhes é inerente. A idéia de dar-lhes valor absoluto ou preponderante, como se eles fossem onipotentes, é o caminho mais curto para chegar à falência da obra, pelo menos se ela é nosso verdadeiro objetivo. Se o objetivo, de fato, for outro - como por exemplo o de produzir dinheiro — pode-se até atingi-lo. Mas então acaba-se entendendo que a obra era apenas uma mentira, preparada para outros fins bem diferentes. Não é honesto e mais tarde se pagará por isto.

A presença do dinheiro numa obra, mesmo que seja indispensável, tende, por sua natureza — se não for corrigida e disciplinada — a levar-nos pelo caminho dos enganos, num terreno mal seguro de areias movediças, prontas a tudo engolir. É bom estarmos prevenidos de tudo isto, e tratarmos o dinheiro com as devidas cautelas, com certa desconfiança, não lhe dando valor maior do que o que ele merece, tendo em conta que, em última análise, a causa primeira do êxito não está nos meios materiais, mas nas forças espirituais que os movimentam. Jamais esqueçamos que a vida obedece muito mais as causas profundas, que não vemos, do que às superficiais, com as quais tanto contamos. A história e a vida mostram-nos que obras muito bem armadas dos meios mais poderosos faliram miseravelmente, apesar da existência desses meios. Isto quer dizer que eles, sozinhos, não bastam, e que existe algo tão poderoso quanto eles, que se esconde no imponderável, sem o que pouco podem: algo que é mister levar em grande conta.

Qual a obra que pode ser realizada sem o elemento fé, ou pelo menos convicção? O que pode levar a cabo tantos interesses separados, aos quais importa tudo o que serve a vantagem individual, e nada à realização da obra? Quando o estado de alma dominante é o egoísmo e o interesse, e satisfazê-lo é a única finalidade, que se pode alcançar, senão a satisfação deles? Que poderão produzir os maiores meios materiais, quando infectados por essa psicologia? As próprias coisas ficam permeadas pelas sutis vibrações das causas que as geraram e das forças que as movimentam. Que se pode obter quando a obra está corroída na própria raiz da ação, por esses impulsos interiores?

Por isso, o dinheiro pode ser perigoso, e isto pelos sentimentos negativos e desagregantes que atrai e traz consigo, introduzindo-os na obra. Por isso, quando é necessário recorrer a ele, é preciso usá-lo como são usados os venenos nas farmácias. Eles são úteis e às vezes até indispensáveis na medicina, mas ficam bem fechados em seus recipientes, com uma etiqueta par fora que diz: "veneno" para avisar do perigo. Por que veneno? Em si mesmos, os meios materiais não são maus. São obra de Deus, úteis à vida que, sem dúvida, deve ser vivida. Mas tornam-se venenos quando o homem, por causa deles, se torna ávido, agride

o próximo, explora, esmaga, escraviza os fracos. Para conquistar o poder do dinheiro fazem-se as guerras e enche-se o mundo de sofrimentos. Não nos rebelamos contra o dinheiro honesto, fruto do trabalho, abençoado por Deus; mas contra o dinheiro ensanguentado, que gera tantas dores, amaldiçoado por Deus. É este dinheiro que foi chamado de esterco do demônio, enquanto que o Evangelho elogia a esmola da viúva. O erro consiste no dinheiro demasiado, não honesto, não fruto do trabalho, não meio para coisas boas, mas fim em si mesmo. Em vista disso é preciso introduzi-lo com cuidado nas próprias coisas, porque ele é como uma arma que pode defender, mas também matar; é como um veneno que pode curar-nos de uma doença, mas também dar-nos a morte.

O perigo não reside no uso do dinheiro, mas no querer-nos basear exclusivamente nele. Qual a obra que se pode construir sobre o fundamento que nos oferece a psicologia do dinheiro? Logo que se lhe espalha o cheiro no ar, qual é o tipo de homem que imediatamente chega correndo? Certamente não é o homem trabalhador, honesto, sincero, desinteressado, que é o elemento mais adequado para construir, mas o que procura acima de tudo realizar os seus negócios, apto a construir para si, destruindo, porém, para os outros. Quem quiser, portanto, realizar uma obra, principalmente se for espiritual, precisa em primeiro lugar afastar esses elementos e proteger-se contra o dinheiro que os atrai. Quem procura, em primeiro lugar, acumular dinheiro, acaba ficando cercado por essas forças negativas, ansiosas por destruir tudo. Assim o dinheiro pode transformar-se de auxílio em obstáculo.

E assim voltamos sempre à causa primeira de tudo, causa que está no espírito. As coisas em si mesmas não são nem boas nem más. Tudo depende da intenção e do objetivo com que são feitas. Elas só entram no mundo moral com o uso que delas faz o homem. Tudo é bom, quando bem usado; tudo se torna mau; quando se usa mal. E o substrato espiritual que valoriza ou desvaloriza tudo, servindo de apoio e constituindo o fundamento em que tudo se baseia.

O homem inteligentemente utilitário não se deixa enganar pelas miragens que a avidez lhe oferece, e nas quais os simples acreditam e caem, mas, para construir solidamente, leva em conta também o fator psicológico e espiritual. Quem realmente quer atingir a vitória e um êxito real, deve possuir essa esperteza superior a todas as outras, que é a da honestidade e do desinteresse. E no entanto o mundo crê cegamente na onipresença do dinheiro. O jogo da vida não é tão simples, que se possam resolver todos os problemas só com esse meio. O que se pode comprar com o dinheiro? Existe alguma loja em que se possa comprar inteligência, vontade de trabalhar, desinteresse, honestidade, sinceridade, bondade, espírito de sacrifício? Pode o dinheiro dar-nos esses elementos para construir bem? Ou, ao contrário, ele atrai sobre nós exatamente o oposto? E como construir sobre as areias movediças do orgulho, da avidez, do egoísmo? Então, faz parte da sabedoria do engenheiro construtor de qualquer obra — ao fazer o projeto — colocar cada coisa em seu lugar, prevendo o que se possa aproveitar. Esse engenheiro precisa conhecer e calcular o poder de resistência do dinheiro, o peso que pode suportar; e deve apoiar o outro peso em bases psicológicas e espirituais, que possam suportar sua parte. Cada coisa em seu lugar. Também o sal, na comida, é muito útil, mas se passa da medida exata, a estraga. O fogo é indispensável para cozinhar, mas se for demasiado, queima tudo. Assim o dinheiro é uma força que precisa ser contida e dirigida pelos valores substanciais, que estabelecerão seus limites e seu uso.

É este o segredo para alcançar-se a vitória, sabendo ser inteligentemente utilitários. É tolice desprezar o imponderável, porque de fato ele pesa muito. É ingenuidade ignorar o poder das forças do espírito. Não estamos moralizando em nome de ideais. Estamos falando de nossa própria vantagem. E aos que acreditam nos atalhos não-honestos, esperando chegar primeiro, dizemos que as leis da vida estão construídas de tal forma que, mesmo que estes consigam momentaneamente surripiar essa vantagem à justiça de Deus que tudo rege, mais tarde pagarão caro, e portanto isto não lhes convém, e o negócio deles é

péssimo. Vim-lo no caso narrado no volume anterior.

Fala-se muito de Deus e de Cristo, utilizados como capa para encobrir os próprios interesses e para fazerem-se, a sombra Deles, melhores negócios. O atalho para chegar parece o mais breve, o jogo parece fácil, e o mundo é a isso levado facilmente, sem imaginar quanto seja perigoso, sem pensar com que poderosas forças está jogando. Cristo não é uma palavra vazia, que se possa usar levemente, ou dela servir-se para outros fins, ou explorá-la, sem grave dano próprio. Fala-se muito da presença de Deus. Mas o fato é que Deus está verdadeiramente presente, o que significa que Sua Lei está continuamente funcionando, com as sanções próprias a quem delas zomba. Ela defende os que trabalham em seu âmbito, mas golpeia os que a querem violar. O mais forte, a quem compete a vitória, é então quem sinceramente obedece à lei, e não quem se julga valente porque a ela desobedece com astúcia. Com os meios e métodos do mundo poderão fazer-se edifícios materialmente grandes, mas nada se constrói nas almas. No meio das mais colossais construções, vemos como hoje ocorre - que os homens se tornam cada vez piores, até que as próprias obras gigantescas, filhas da matéria e não do espírito, não sustentadas pelo poder deste, acabam por cair em pó. Torna-se inútil escorá-las, quando falta a união espiritual com Deus e quando a obra é fruto apenas das forças do mundo.

Se quisermos ser os mais fortes para vencer, coloquemo-nos do lado das forças espirituais, que são as mais poderosas, e não exclusivamente do lado das forças materiais que nos podem trair. Se nos basearmos orgulhosamente apenas em nossos recursos pessoais, teremos somente estes para nossa defesa. Mas se humildemente nos coordenarmos no âmbito da Lei de Deus, poderemos contar com o poder dela, e a teremos como defesa nossa. Tornamos, assim, a confirmar ainda as conclusões dos capítulos precedentes: a vitória do espírito sobre a matéria, do Evangelho sobre o mundo. Cristo vence.

III

MATERIALIZAÇÃO OU ESPIRITUALIZAÇÃO

O materialismo religioso. Espiritualizar a matéria e não materializar o espírito. O Evangelho afirma e expande, em vez de negar a vida. A rebelião dos instintos atávicos. O passado revive. Crucificação. A reabsorção do mal. A eliminatória. A míope psicologia do involuído. Suas duras experiências. Os novos horizontes do Evangelho. O método da não-resistência. A defesa do justo. A evolução caminha para Deus, que é vida. Mas o egocentrismo a contrai, no limite. A fustigação da dor nos impele a subir; as diversas reações.

Continuemos a observar, sob outros aspectos, o nosso exame do contraste entre evoluído e involuído, entre espírito e matéria, entre o Evangelho e o Mundo. Saindo do caso narrado, que o simboliza, o

problema se torna cada vez mais universal. Procuremos compreender cada vez melhor o significado da luta entre esses dois extremos opostos, entre os quais se debate a natureza humana. De um lado o evoluído que vive, no plano do espírito, a lei do Evangelho; do outro, o involuído que vive, no plano da matéria, a lei do mundo. O choque ocorre entre esses dois tipos biológicos, tão diferentes, situados em dois planos opostos da vida, espírito e matéria, expressos por duas leis irreconciliáveis, a do Evangelho e a do mundo.

Cada um dos dois tipos não pode deixar de reduzir tudo ao nível de seu plano de vida, de conceber tudo com a própria forma mental e de tudo viver segundo sua própria natureza. O evoluído tende a espiritualizar tudo, o involuído a tudo materializar; o primeiro, elevando tudo a seu plano de vida, o segundo, tudo reduzindo ao seu próprio nível. Este último, feito primordialmente de carne e de suas necessidades e instintos, e verdadeiro filho da terra, é levado a conceber tudo, materialisticamente, pensando e resolvendo todos os seus problemas com essa psicologia. Em qualquer circunstância, não se pode sair do próprio estado mental, nem se pode agir diversamente daquilo que se é.

Por isso ocorre que a maioria, mesmo no terreno das coisas religiosas, espirituais, ideais, se comporta materialisticamente, porque essa é a sua psicologia, com que tudo concebe, e da qual não é possível fugir, dado o seu tipo biológico. Quando o próprio centro vital está situado no plano biológico da animalidade, qualquer coisa que se pense ou se faça, manifesta a tendência a levar tudo a esse plano, porque ninguém sabe viver fora do mesmo. Não é questão de uma ou de outra religião ou filosofia, do grupo a que se pertence ou da fé que se professa. Trata-se de um verniz externo, de posições formais, que podem modificar a aparência; mas é difícil que consigam, numa só vida, transformar a substância, ou seja, fazer passar de um biótipo a outro. Quando o ponto de referência é o corpo e a terra, em função dos quais se pensa e se vive, tudo permanece nesse plano. Assim como um peixe poderia aprender a teoria e as regras do voo, sem jamais poder voar, porque sempre referindo-se ao seu mundo e permanecendo em seu ambiente aquático, — também um involuído poderá aprender as coisas espirituais, sem, por isso, tornar-se um evoluído que as vive, mas sempre referindo-se ao seu mundo material, para viver apenas em função deste.

Dado o seu tipo biológico, o ponto de partida e de referência para o homem que é sempre matéria, é o corpo, em função do qual ele pensa e age. Por isso, mesmo quando quer penetrar na estrada da espiritualidade e da santidade, tem de começar agredindo a própria animalidade, para destruí-la. Logo de início, acha-se engolfado num trabalho negativo, que é o demolir a barreira da própria natureza inferior, que o impede de avançar para formas superiores de vida. Trabalho indispensável, sem dúvida, mas que revela a verdadeira natureza humana. Explica-se, assim, por que as primeiras virtudes a aparecer são as negativas, do "não-fazer", ao invés das positivas do "fazer". Ou seja, o que o homem deve aprender primeiro não é a espiritualidade, mas a libertação da materialidade; não é tornar-se anjo, mas deixar de ser animal. A espiritualidade verdadeira só poderá chegar depois que se tenha varrido o terreno dos instintos inferiores da animalidade. Tudo isto nos mostra que estamos ainda longe da espiritualidade, porque esta é positiva, ativa, e não perde mais tempo com esse trabalho negativo de demolição do que é inferior, porque esta parte do ser já desapareceu.

O que interessa ao homem, mesmo quando este quer ocupar-se de coisas ideais, é sempre o que se refere ao corpo e a matéria. Os mandamentos de Moisés dizem sobretudo: "não-fazer". Na vida de Cristo o ponto culminante em que o homem mais atentou, demorando-se em cada particular, é uma paixão física feita de maceração do corpo, sempre visto em primeiro lugar; ao passo que a paixão do espírito, tão maior em Cristo, quase desaparece num fundo longínquo. Na eucaristia, que é união espiritual, fala-se de corpo e de sangue. Sem a presença de algo que é material e sem a intervenção do corpo, parece que o homem não sabe fazer nem imaginar nada; ao passo que a primeira qualidade do homem espiritual é a de eliminar

o corpo e a matéria das próprias funções espirituais. Para que o mundo pudesse compreender que Cristo não morreria e que Seu Espírito sobrevivera, era necessária uma sobrevivência física, com a ressurreição do corpo, porque, para o homem, a vida esta no corpo e este constitui a pessoa. Se não sobreviver algo que se veja e se toque (Tomé exigia como prova, colocar o dedo nas chagas de Cristo que lhe aparecia), se o indivíduo permanecer vivo só no espírito, que é a parte que verdadeiramente o constitui, continua isto um fato sem importância, porque não é percebido. Mas quando aprenderemos a espiritualizar-nos?

Vemos assim como os dois biótipos, — do evoluído e do involuído ou seja, do espírito e da matéria, — estão longe e opostos. Enquanto o primeiro esta colocado no plano espiritual e em função deste vive e concebe tudo, dá-se o oposto com o involuído. Ora, onde esse biótipo representa a maioria, as próprias religiões são concebidas materialisticamente, e existe um materialismo religioso, que é um materialismo de substância, recoberto de formas religiosas, o que é pior. O trabalho que se deveria realizar seria, ao contrario, não o de fazer descer o espírito trazendo-o ao nível da matéria, mas o de transformar nossa natureza material até tornar-se espiritual. Ao invés de reduzir as coisas espirituais à forma mental humana, abaixando tudo a este nível, seria necessário procurar subir, assumindo a forma mental do homem espiritual. Em outros termos, quando se entra neste terreno, não se costuma fazê-lo para espiritualizar a matéria, como se deveria, mas para materializar o espírito. Executa-se, assim, um trabalho às avessas, pelo qual se procura pôr o céu a serviço da terra. Assim como se tende a fazer do poder dos governantes, não uma função social para o bem coletivo, mas um meio de usufruir vantagens pessoais, assim se utilizam as coisas do espírito para tirar delas vantagens no plano material. Ora, o que interessa à evolução e a quem subir, não é abaixar as coisas superiores, mas afinar-nos nós, subindo a planos superiores, aprendendo a perceber, pensar e viver neles, nas formas que lhes são próprias. Mas, infelizmente cada um tende a transformar e reduzir tudo às medidas do próprio plano e aos limites da própria natureza. Estas observações não serão, pois, compreensíveis para muitos, nem mesmo admissíveis.

Já assinalamos quanto é perigoso não usar corretamente as coisas espirituais, brincando com essas tremendas forças. As astúcias e enganos, que podem dar fruto na luta pela vida no plano humano, não podem ser apresentadas diante de Deus, quando se requer sinceridade, e se tornam prejudiciais. Por isso, nestas paginas, quisemos decididamente enfrentar o problema, para resolvê-lo com plena sinceridade, de qualquer forma, menos com o engano. Assim, nos perguntamos: Cristo é realmente levado a sério? Se é, temos de levá-lo verdadeiramente a sério, e viver Sua lei a qualquer custo. Se não é, então abandoná-la. Mas jamais mentir. O que está acima de qualquer discussão é que, qualquer coisa que se faça, deve-se fazê-la honestamente e com sinceridade, sem enganar-se a si mesmo e aos outros. Diante de Deus, nas coisas do espírito, é necessária uma sinceridade verdadeira, e não a humana, que muitas vezes se usa para esconder a mentira.

Assim caminha o nosso mundo. Dada sua posição ao longo da escala evolutiva, as coisas do espírito, situadas em outro plano de vida que não é o do nosso mundo, aparecem neste em seu aspecto negativo, como renúncia e mutilação da vida, e não em seu aspecto positivo, como afirmação e conquista, como expansão vital. Em nosso mundo, as virtudes aparecem como um freio que oprime, como uma sufocação da natureza humana. E é natural, então, que sejam evitadas, como coisa triste. Colocado diante do impulso da evolução, o homem sente mais a pena da renúncia ao seu mundo, e da separação da própria materialidade, do que a alegria de crescer num mundo maior, ligando-se a uma forma mais alta de vida: a do espírito. E não se compreende que não se trata de caminhar com pesar, mas com alegria de viver. Se se atentasse não na primeira parte, que é negativa, mas na segunda, que é positiva, invertida seria a sensação provocada pelo esforço de evoluir. A evolução não pode impelir-nos a caminhar contra a vida, mutilando-se na dor; mas leva-nos para a vida. Se isto fosse bem compreendido, deveria dar uma alegre

sensação de desenvolvimento. Nos primeiros degraus da subida espiritual é maior o cansaço para afastar-nos da matéria, e mais dura é a dor da separação. Mas quanto mais se sobe, mais diminui esse cansaço que nos afasta da matéria, e menor é a dor da separação, porque o ser acha outra vida mais alta à qual ligar-se.

* * *

Assim, o homem não pode deixar de revelar-se como é, segundo o seu tipo biológico, mostrando-nos com os fatos, o que ele é. Dado esse seu tipo, mais vizinho do anti-sistema que do sistema, é inevitável que apareça — mesmo quando ele entra no terreno das religiões e da moral — o seu inato negativismo, qualidade do involuído diante dos problemas do espírito. Esse biótipo está emergindo penosamente dos mais baixos níveis da vida, em que tudo é vivido e sentido em função da matéria. E o Evangelho, avançadíssima lei de espiritualidade, em função da qual tudo é invertido, pretende enxertar-se na carne viva desse ser, para transformá-lo, em sua mais profunda substância. Se nos convenceremos da imensa distância que, ao longo da escala da evolução, existe entre o plano da vida do homem atual e o nível do Evangelho, compreenderemos como, em 2.000 anos, se tenha feito tão pouco, e como o resultado tenha sido a inversão do Evangelho, mais do que o levantamento do homem.

Assim, a ação permaneceu no exterior, nas formas, nas praticas religiosas e nos sermões, com o Evangelho permanecendo na superfície. Todos assim verificam que ele não funciona, o que é verdade; esse fato, porém, os leva a uma conclusão errada: que o Evangelho é uma utopia, praticamente irrealizável. Lança-se a culpa na máquina, que não caminha, ao invés de fazê-lo no maquinista, que não a sabe movimentar. Continua a repetir-se que a fé remove as montanhas, mas de fato não a vemos remover nem mesmo uma pedrinha. Mas qual é a nossa fé? E de que fé fala o Evangelho? Da fé de um momento, de um dia, de uma vida ou de um milênio? De uma fé calculadora e interessada, ou de uma fé profunda, pronta a tudo? É lógico, mesmo que seja mais cômodo o contrario, e justamente isto se busque, não se possa obter um grande resultado com pequeno esforço, pois há necessidade de proporção entre causa e efeito. Nós vamos contra os próprios princípios do funcionamento da máquina. E então, como podemos pretender que ela funcione?

Assim, a animalidade humana continua a enfeitar-se com esse belo chapéu e a vestir-se com esse belo manto, o Evangelho, acreditando que lhe baste isto para conseguir civilizar-se sem esforço. Mas a realidade é a realidade é mais fácil transformar uma montanha, fazendo-a ir pelos ares com a dinamite, do que transformar um tipo de personalidade. A animalidade está bem assente com os quatro pés no terreno sólido da matéria, na qual se apoia há milhões de anos. Ela só conhece esse, e só nele confia. É lógico que desconfie e se rebele contra quem quisesse de um golpe fazê-la voar pelos céus. Na ordem universal, nada ocorre por acaso, nada é inútil, tudo está em seu lugar justo. Se a animalidade existe, ela é involuída, atrasada, mas não está fora da ordem universal. Ela realizou suas importantes funções evolutivas e tem suas razões de existir. O primeiro dever do pensador moralista que quer fazê-la progredir, é compreendê-la, para sabê-la dobrar e plasmar, sem quebrá-la, como pode acontecer quando se usa o Evangelho, com o espírito agressivo do involuído, para domar com a força. Assim, nenhuma moral é tão contraproducente — mesmo se usada por sua fácil atuação — quanto a moral estandardizada, pela qual todos devem entrar nas mesmas medidas e todos têm de ter o mesmo comprimento no mesmo leito. Eles são esticados, então, até aquele comprimento, se forem menores, ou lhes é cortado um pedaço, se forem maiores.

É necessário conhecer as reações da animalidade e levá-las em conta. Ela é uma forma de vida inferior, mas é vida; e como tal, pelo mesmo divino princípio da vida, não quer e não pode renunciar a

existir. Ao contrario, quanto mais se é involuído, mais se é apegado à vida; isto porque, quanto mais se é involuído, e se possui menos, o ser, em sua pobreza, esta mais apegado a sua existência limitada e precária. A plenitude da vida esta em Deus, e o ser a conquista subindo para Ele com a evolução, enquanto a perde afastando-se de Deus com a involução. Eis porque o ser inferior luta tão desesperadamente pela sua vida: porque precisa e quer lutar para sobreviver.

Ora, o Evangelho, negando a animalidade do involuído, aparece a este como uma negação de toda vida, dado que este só conhece a sua forma, e acredita morrer se a abandonar. É natural, então, que ele se rebelde contra um Evangelho que se lhe apresenta em forma negativa, ou seja, como negação e sufocação daquela vida. Ele não compreende, nem os divulgadores do Evangelho o fazem compreender que, ao contrario, o Evangelho é uma afirmação e uma expansão da vida, e que aceitá-lo não é uma dor de renúncia, mas uma alegria de conquista. Mas como pode a natureza humana deixar de inverter tudo na terra? Assim, o Evangelho foi apresentado mais como uma lei dura, carregada de sanções, com as quais se agride a vida para mutilar sua expansão, do que como uma arte sabia para alcançar uma vida cada vez maior. Mas, dado o ambiente humano em que o Evangelho caiu, como poderia ocorrer diversamente? Só os santos e as almas grandes souberam escapar desse erro, mas eles são muito poucos para arrastar a massa humana.

Se o involuído resiste ao evoluído, se se revolta contra a psicologia evangélica do santo, é porque defende seu tipo biológico no qual vê a própria conservação. Ele sente, por instinto, que o outro tipo quer substituí-lo na vida, tomando-lhe o lugar. Sem dúvida, o direito à vida cabe ao novo, mas isto não impede que o velho resista para não morrer. Eles são rivais no mesmo terreno da vida, e por isso se combatem. Se o involuído é o tipo do passado, e por isso se sente com maior direito de continuar a viver, o evoluído é o tipo do futuro, e por isso se sente com direito ainda maior de apoderar-se da vida. O involuído experimenta imenso ciúme dele, porque sabe que amanhã, tomará o seu lugar. E não compreende que será ele mesmo que ressuscitará de uma forma velha, numa nova. Não compreende que o exemplo dos evoluídos é um convite à conquista de uma vida maior, que será apenas a continuação de sua própria vida.

Entretanto, entre os dois, o mais forte é o elemento jovem, que a vida defende porque a ele confia a continuação, de seu caminho. As velhas células resistem. Mas logo que se forma uma célula de tipo superior, mais avançado, ela procura consolidar-se como tipo biológico e tornar-se centro de atração das outras células do mesmo tipo que se vão formando. Estas, por sua vez, se sentem atraídas e se arruinam em redor daquela primeira célula, até que possa firmar-se e fixar-se a vida num plano evolutivo mais alto, na forma do novo biótipo do evoluído. E assim que, por lentas maturações, consegue fixar-se na terra o Evangelho. Hoje ainda estamos na fase dos raros exemplares esporádicos do novo tipo em formação. Mas esses exemplares, com o tempo, deverão tornar-se cada vez mais freqüentes, mais normais, até que, seguindo as pegadas do Evangelho, toda a humanidade terá de passar a viver num plano mais alto de evolução, que já não mais será o atual da animalidade, mas o da espiritualidade. Isto poderá parecer fantasia. Mas não há como contestar que a evolução é fenômeno inegável, reconhecido por todos. Já agora não mais se pode admitir que a evolução continue sendo compreendida como desenvolvimento de órgãos, como o queriam Darwin e Haeckel, mas como desenvolvimento nervoso, psíquico e espiritual.

Assim se realiza a evolução através desse contraste de forças. Os obstáculos que os involuídos costumam colocar para fechar o caminho aos pioneiros do ideal são bem conhecidos. Desde o caso de Cristo até todos os outros menores, a história esta cheia deles. É uma história de mártires. Se o Sistema atrai para o Alto, o Anti-Sistema, por sua vez, possui uma atração sua para baixo. A evolução caminha deste para aquele. Em períodos de descida pode haver o desenvolvimento semelhante ao do câncer, em sentido involutivo. Atividade retrógrada, destrutiva. Enquanto o evoluído tende a desenvolver-se

ordenadamente, em sentido orgânico, construtivo, o involuído só sabe fazer o contrário. Cada um, já o dissemos, não pode deixar de revelar em tudo, a si mesmo. O involuído só saberá agir como involuído, porque, se agisse diversamente, já o não seria mais, e sim um evoluído. Até as células inferiores, involutivas; atraem para a própria órbita os elementos a elas semelhantes. Mas, enquanto, no caso do evoluído, se forma a fraternidade pacífica e construtiva, tendente à unidade orgânica, no caso do involuído forma-se o bando de malfeitores; para guerrear quem quer que seja, e por fim, para guerrear-se entre si, porque a finalidade é destruir e separar, unicamente pela vitória do próprio egoísmo individual.

* * *

Não devemos esconder a realidade e ignorar as dificuldades que encontra na terra a aplicação do Evangelho. O passado animal esta muito próximo ainda, para que não se ressinta toda sua tremenda influência. Transformar o próprio tipo e forma mental, transportar-se para viver num plano biológico mais alto, representa um trabalho profundo que não pode improvisar-se. Sem dúvida, o Evangelho quer ensinar ao homem coisas nobres e grandes para o futuro. Mas podemos perguntar a esse homem: que lhe ensinou o passado? As virtudes da prepotência e do egoísmo, ou as da mentira, principalmente. As tão declamadas civilizações da história só puderam aplicar ligeiros vernizes por cima da originária ferocidade dos animais. E no trabalho de educá-los, voltamos sempre ao início, porque educá-los significa refazê-los totalmente.

Teremos já pensado de quantas dezenas ou centenas de milênios são fruto os instintos atuais? E houve mister adquiri-los para sobreviver, porque só vivia quem os possuísse. Eles constituem o nosso sangue, fazem parte de nossa carne. A luta pela vida pode ter selecionado o mais forte, mas, em redor do vencedor quantas ruínas, contorções, revoltas, naqueles que tiveram de adaptar-se a viver como vencidos! Todas as prepotências que os fracos tiveram de engolir à força, estão prontas a regurgitar à procura de uma desforra que lhes dê satisfação. Todas as experiências vividas permanecem escritas em nossa carne e reclamam compensação. Os delinqüentes natos são tais porque querem ser maus, ou porque se tornaram assim pela reação ao esmagamento dos fortes? A humanidade viveu até agora de delitos. E isto não pode cancelar-se com um golpe. Cada causa deve ter o seu efeito.

Então, quando o Evangelho se nos apresenta inerte e acariciador, que podem fazer esses seres, carregados de revolta que se acumularam em séculos de opressão? Explicam-se assim, mesmo que não se justifiquem, os extermínios da revolução francesa e a revolta de tantas revoluções. E o mundo continua a cometer injustiças, julgando que lhe baste a força para fazer calar e anular as reações. E, no momento parece que isto seja a verdade. Mas o fogo viceja sob as cinzas. E no entanto formam-se rancores profundos, ódios seculares de nações, de raças, de classes sociais, ódios que permanecem escondidos nas vísceras da vida, tal como um homem pode trazer, imersa nas profundidades de sua carne, uma série de vírus, durante anos, até que um dia, tanto a doença quanto a vingança da revolta, explodem, e tudo vem à luz.

O Evangelho não desce para trabalhar num terreno virgem, mas num já poluído por mil delitos. É necessário enfrentar um trabalho imenso, porque se trata de corrigir, de reeducar de novo, reedificar o que esta mal construído. É preciso desentrançar esta carga de explosivos que quer estourar, e ter a força de engolir esse triste passado, neutralizando tanto mal com outro tanto bem, que é indispensável cada um possuir em si para podê-lo expandir em torno de si.

A justiça do mundo atual se apoia em compromissos, em que os impulsos contrários encontraram um

equilíbrio temporário, cada um permanecendo sempre pronto a explodir contra o outro, tão logo a pressão deste se relaxe. Isto em todas as posições sociais em que haja alguém que mande e alguém que deva obedecer-lhe. Como pode o Evangelho enxertar-se de um golpe nesse sistema de forças, para desviá-lo, a curto prazo, de suas primeiras aproximações da justiça até um nível em que esta é definitiva e completa? Quando, no estado atual, o Evangelho intervém entre um patrão armado de força e um dependente armado de revolta, ensinando que a ambos convém muito mais colaborar pela compreensão, logo acontece que uma das partes relaxa a pressão contra a parte oposta, esta lhe salta ao pescoço para apoderar-se de todo o campo que antes, só o equilíbrio entre as duas prepotências opostas mantinha dividido, cabendo um bocado a cada parte.

É esse estado armado de todos contra todos, que paralisa logo de início quem se dispõe a querer viver o Evangelho na terra, a menos que se tenha o estofo de um herói, ou então que o seu ato não seja isolado, mas acompanhado, de tal forma que se possa encontrar algum sustento pela reciprocidade da bondade do próximo. Quem quisesse, sozinho, no mundo de hoje, contra todos, viver integralmente o Evangelho, só poderia ser um mártir. Mas precisamos também admitir que só esse pode considerar-se um verdadeiro civilizado. Todavia aos que não souberem chegar a tanto, só resta continuar a esmagar-se uns aos outros, cada um por sua vez, e a sofrer as reações vingativas dos outros, até que, à força de atritos, se aparem todas as arestas e se chegue a descobrir a fórmula da convivência. Assim, com um esforço muito mais diluído, longo e lento, o homem acabara da mesma forma por chegar à aplicação do Evangelho.

O sofrimento de tanto atrito, que quase chega a paralisar a vida social, só poderia ser poupado com um pouco de inteligência. Mas é justamente esta que falta, e tanto trabalho se emprega, no entanto, para adquiri-la. Queira-se ou não, é mister que a obra da civilização seja feita por todos, cada um colaborando com a parte que lhe compete. Por mais que se queira ser separatista, e portanto permanecer fechado no próprio egoísmo, a vida é fenômeno coletivo em que a reciprocidade nas relações funciona em cheio. Ninguém quer ser o primeiro a fazer o esforço, e espera isto da virtude alheia; e os outros fazem o mesmo. Ficam assim todos imersos no mesmo pântano. Que batalha poderá vencer um exército, em que cada soldado só quer, mandar, conservando-se à frente dos outros? Assim, entre os elementos componentes da mesma máquina, forma-se um atrito que a para, ou fá-la funcionar mal e com esforço. E o mal que cada um queria lançar sobre o vizinho, continua para cada um e para todos, como de cada um e de todos é a culpa. Mais veneno lançaremos na panela comum, e mais devemos bebê-lo nós mesmos. Assim avançam com grande fadiga os nossos destinos dentro desta mal construída máquina social, cada um sofrendo a sua parte. E os que se acreditam mais fortes e astutos procuram escapar firmando-se no egoísmo e lutando para ganhar espaço à custa do vizinho, sem compreender que este é um soldado do mesmo exército, com o qual é seu interesse colaborar para vencer. E assim os mais fortes e astutos põem-se a frente de um ataque às avessas, em direção a um abismo, procurando arrastar a todos com eles.

Eis aí o mundo que o Evangelho tem de enfrentar para realizar-se. Como pode uma Boa Nova de paz arrasar de um golpe montanhas de veneno, acumuladas durante os séculos? Embora seja proibido o crime, o gosto tão difundido pelos dramas criminais demonstra como é grande o desejo de morder, de matar, de destruir, que se acha aninhado no fundo da alma humana. O passado não está absolutamente morto e se encontra sempre pronto a vir à tona. Todos, mais ou menos, trocaram entre si, no passado, um pouco dessa mercadoria de que o mundo está cheio e que se chama o mal. Todos estamos mais ou menos presos numa rede de débitos e créditos recíprocos. Todos cometemos alguma injustiça, sendo culpados contra o próximo, e recebemos algum prejuízo. Para chegar ao Evangelho é mister acertar o saldo de todas essas contas, pagar todos os débitos e créditos, o que significa paixão cruenta e crucificação desta natureza humana, ainda feita de animalidade. Cristo quis ser o primeiro nessa estrada de paixão e crucificação, embora nada tivesse de pagar, mas apenas para dar-nos o exemplo. Quem o quer seguir neste caminho de

redenção, que é o único? A humanidade esta verdadeiramente onerada por uma carga de iniquidade que lhe paralisa a subida, mas que precisa ser anulada de qualquer forma, seguindo a estrada oposta, substituindo a guerra pela paz, o ódio pelo amor, pois não há outro meio de anular o passado e dele libertar-se. Ele nos perseguirá e esmagará, enquanto não o soubermos vencer.

São ridículos os sonhos do homem evangélico? Não constitui ingenuidade ser sincero e honesto? Os homens práticos e astutos não têm direito de rir-se de tudo isso? Então, deixemos que o mundo nos prepare o suicídio com a corrida armamentista, deixemos que a vida, que se tornou um desencadeamento de rapacidade e uma babel de mentiras, se torne insuportável a todos, até ficarmos submersos em nosso próprio veneno. O Evangelho é utopia? Então seja liquidado o homem bom e justo, lançado fora da vida como um ser inútil que não tem direito de viver, seja isolado para que não contagie os outros, os sábios, com a sua doença. Não há lei nem costume que diga isto explicitamente, mas tudo isto está implícito e subentendido nas leis e costumes. Continuemos com esta seleção em descida, com essa evolução às avessas, com essa inversão de valores. Quem caminha de cabeça para baixo somos nós, e no fundo do abismo está a rocha dura das leis de Deus, e contra essa rocha rebentara nossa cabeça. Então, não permanecerão na terra traços do homem evangélico que conseguiu evoluir, pois esse biótipo pertencerá a uma raça desaparecida, e com ele terminará toda a tentativa, por parte do homem, de civilizar-se, e o homem terá recaído no fundo da barbárie. A presente tentativa de levar a sério o Evangelho é um apelo desesperado para a salvação do mundo.

O homem é livre e Deus lhe deixa a liberdade de retroceder. Mas o homem não compreende, que, retrocedendo, se afasta de Deus, ou seja, da vida, e caminha para a própria destruição. Este é o maior prejuízo, e com isto os negadores rebeldes se autocastigam. Com a involução, cada vez mais se acentua o espírito de domínio e de agressão. Não há necessidade alguma de intervenção divina direta, nem que as forças do Evangelho lhes façam guerra para destruí-los. Basta deixá-los abandonados a si mesmos, e, assim como são, estão perdidos. Os involuídos são bastante ferozes para não poder deixar de guerrear-se, e com isto destruir-se mutuamente. Ninguém pode escapar à lei do próprio plano, muito menos quem a prefere e procura cada vez mais imergir nela. Assim é que os elementos inferiores, que desejariam deter a lei do progresso, são automaticamente lançados fora e eliminados;

* * *

Dado o seu ponto de vista; o involuído, no fundo, não está errado... Ele julga e age conforme o ângulo de sua visão. Mas o pior é que seus olhos só enxergam de perto um panorama pequeno e limitado no tempo e no espaço. São essas as dimensões da vida nesse plano biológico. A inteligência ampla e de longo alcance, que tenha compreendido o complexo funcionamento da grande máquina do universo e que saiba funcionar com ela, ainda não apareceu. Forma mental toda fechada no próprio eu, além do qual só aparece a névoa do mistério e a incontável desordem do caos. Psicologia simplista, movida pelos instintos não controláveis pelo conhecimento, emaranhados esboços de astúcia primitiva que e uma rede, na qual fica preso quem primeiro a utiliza, método de vida enganador, que só pode colher ilusões.

A vida do involuído é um jogo curto, que só mira os resultados imediatos, a prazo breve ao alcance da mão, porque todo o resto lhe escapa, já que, não o conhecendo, não pode levá-lo em conta nos seus cálculos. Que matemática poderia fazer um cientista, ao lado de um selvagem que só sabe contar com os dedos da mão e além desse número sabe apenas que há mais do que cinco, mas fica perdido no mundo vago do incomensurável. Que poderemos esperar do homem de hoje, que nada sabe ainda quanto aos problemas fundamentais da vida, e se limita a resolvê-los com crenças contrárias, atentas a condenar-se

mutuamente? Com uma psicologia filha de seu ambiente material, este se limita ao trabalho analítico da pequena luta cotidiana, na qual tem valor o que se pode agarrar de imediato. Para realizar um trabalho mais vasto, com mira a resultados maiores e vantagens longínquas, seria preciso saber conceber com maior amplitude fenômenos a longo prazo. Mas para chegar a isso, é indispensável haver desenvolvido qualidades intelectuais e morais e não apenas instintos vorazes.

Assim se alcança a vantagem imediata. E depois? Procurando aferrar essa vantagem imediata₁ que forças tocamos e movimentamos no grande mecanismo do universo? Ignorá-las, não nos exime das conseqüências. E só quando estas chegam, começa a compreender-se alguma coisa. Diz-se então: a vida é uma ilusão; isso significa que nos iludimos, acreditando seguir o caminho certo, enquanto seguíamos o errado. E esta já é uma experiência vivida, uma lição útil, que nos evitará mais tarde repetir o erro. Como aprender de outra forma? Com o seu respeito à liberdade individual, a lei não pode tirar a ninguém o seu direito de errar. Para aprender, permanecendo livres, é necessário pagar de seu próprio bolso as conseqüências, experimentando-as na própria pele. Se construirmos mal a casa, ela depois nos cairá sobre a cabeça. Só assim aprenderemos a construí-la bem. É necessário que a prepotência e a astúcia do mundo terminem mal, para aprendermos a agir segundo princípios diversos. O mundo esta pagando, e não acabará tão cedo de pagar. Isto parece duro, mas é uma estrada salutar, pois outra não existe melhor para se aprender. O homem, correndo atrás de todas as suas miragens, não as realiza, de fato, e, na realidade faz uma coisa completamente diferente, que é a de seguir uma escola de experiências, que lhe esta ensinando a viver num plano de vida mais alto.

Que faz uma fera ou um selvagem, logo que lhe apareça um desconhecido? A primeira mostra-lhe as garras, o segundo prepara as armas. Essa e a maior sabedoria deles, que todos, mesmo os mais estúpidos, naquele plano devem conhecer, aquela sabedoria que precisam aprender em primeiro lugar e que constitui o patrimônio de seu conhecimento. Isto se justifica com a procura da alimentação, a defesa da própria vida e dos haveres etc. Mas isto é tudo e esgota todas as possibilidades de nossa vida? Essa ciência manifesta-se no atual mundo, dito civilizado, na luta pela conquista do dinheiro. Mas será só isto suficiente para fazer-nos crescer em inteligência, bondade, conhecimento, para fazer-nos progredir até os mais altos planos da vida? A riqueza apenas, ou o poder material, já terão sido suficientes para criar um gênio, um herói, um santo? E então, o que produz de substancial o definitivo tão grande e febril avidez humana? Que fim tiveram e que restou do poder de tantos grandes da história?

Com a visão do mundo espiritual se abrem horizontes mais vastos. Outras finalidades podem dar-se à vida, novos poderes e defesas podem conquistar-se, se se olhar para além do estreito mundo da matéria. Quantos problemas que agora angustiam o mundo poderiam ser resolvidos! No presente volume quisemos desenvolver e demonstrar conceitos rapidamente resumidos em **A Grande Síntese**, com a intenção de mais tarde voltar a eles para desenvolvê-los, como o estamos fazendo agora. No Cap. XCI, "A Lei social do Evangelho", desse livro, assim está escrito:

"O absurdo está na vossa involução. No Evangelho (...), a justiça é automática, perfeita, substancial (...). Aí não é mais necessário ser forte, basta ser justo (...). Torna-se então possível a lei do perdão, porque o espírito sente e movimenta outras forças e não apenas vossos pobres braços, e essas forças acorrem a defender o justo, mesmo se inerte (...). Então, aquele que parece um vencido da vida, se torna um gigante (...). A lógica do Evangelho leva a uma seleção de super-homens, enquanto a lógica de vossa luta cotidiana leva a uma seleção de prepotentes. Os princípios do Evangelho organizam o mundo e criam as civilizações; os princípios que viveis desagregam e desperdiçam tudo em atritos inúteis. Onde passa o Evangelho e o seu amor, nasce uma flor; onde passais vós, morrem as flores e nasce um espinho. O Evangelho é lei de paraíso, transplantada no inferno terrestre; só os anjos no exílio sabem viver aí a lei

divina, ensinada por Cristo na cruz.

"Quem renuncia, no vosso mundo, a agredir e a defender-se, e oferece a outra face; quem renuncia a afundar as garras nas carnes alheias para a própria vantagem, e não quer, por princípio, usurpar com a força todas as infinitas alegrias da vida, permanece subjugado, é um vencido fora da lei, um expulso, um não-valor que se anula. Este, olhado pelo reino da força, é um inerte, indefeso, ridículo. E no entanto, nessa derrota, nessa fraqueza aparente, existe o mistério de uma força maior, que, trovejando, chega de longe, acordando nas profundidades da alma o pressentimento de realizações mais vastas. E o vencedor, no momento mesmo da vitória, tem a sensação de uma derrota. E o vencido olha do alto, como um vencedor; e é assim, porque ele descobriu e viveu formas mais altas de vida".

"O homem permanece mudo e desorientado diante desse estranho ser, sem armas, que proclama uma assombrosa lei nova e parece de outro mundo. O homem sente que, se tem razão em seu ambiente, existe outro mundo em que tudo se inverte, em que o vencido da terra pode ser um vencedor e o vencedor da terra um vencido. Um abismo o separa daquele ser superior; o homem agride e ele perdoa; ele é um justo e sabe sofrer. Ele está aí para indicar-vos, na sua vida, a meta atingida, para indicar-vos o caminho, ao acompanha-lo para a realização da mais alta e fecunda lei social: o amor evangélico".

Mais ou menos no meio do capítulo XC, "A guerra, a ética internacional", **A Grande Síntese** confirma:(...) "A luta do evoluído é feita de justiça e mobiliza o dinamismo das forças cósmicas. Neste sentido ele é o mais poderoso, embora humanamente inerte".

Quando essas palavras foram escritas, há uns vinte e cinco anos, ninguém poderia pensar que hoje, a um quarto de século de distância, em outro hemisfério do mundo, quase nos antípodas, teria podido nascer um livro como este, em que uma série de fatos positivos ocorridos e objetivamente tomados em exame, teria dado provas para demonstrar como verdadeiras, teorias que, até este momento, podiam ser relegadas por alguns para o reino dos belos sonhos e dos desejos nobres. Mas eis que, com o desenrolar-se da vida do instrumento, **A Grande Síntese** passou à sua fase experimental, para ser comprovada pelos fatos. já recordamos, no princípio do capítulo IX do volume precedente, das outras palavras de **A Grande Síntese**, cap. XLII: (...), há apenas uma defesa extrema: abandono de todas as armas. Mais tarde veremos como". Esse conceito foi aí confirmado, no cap. XC: "Disse-vos, mais atras, que (...), só há uma defesa extrema: abandono de todas as armas

Só no curso da presente obra, podemos dizer que explicamos o mistério daquelas palavras, acessíveis agora não apenas pela fé, mas também por uma demonstração racional e experimental. Os fatos confirmaram a intuição. Agora, como explicamos neste livro, é que compreendemos aquele "como". Pudemos tocar com a mão, o modo pelo qual o abandono de todas as armas representa a suprema defesa; pudemos compreender a razão da imensa superioridade, na luta pela vida, do método evangélico da não-resistência. Agora conhecemos os segredos do especial sistema defensivo de quem segue o Evangelho, sistema que, em última análise, o torna mais forte que os fortes da terra. E pensar que a ignorância do mundo é tão grande que acredita que a vida, só porque evoluímos, nos deixa indefesos E por isso se foge do Evangelho como de um perigo, para a própria segurança, quando ele é a nossa salvação. Não pode deixar de percebê-lo quem consiga penetrar na órbita de influência das forças da lei que o Evangelho representa, pois será logo integrado nesse sistema de forças. Continentes inexplorados, possibilidades novas e estranhas nas quais o mundo não acredita, teorias que para ele são fantásticas, e que, no entanto resistiram à comprovação séria da razão e dos fatos, como vimos. Tudo para chegar à mais revolucionária das conclusões, ou seja, de que ninguém esta mais defendido, embora desarmado, do que o justo, e precisamente porque é justo.

Assim, vimos o Evangelho sob novos aspectos, em seus significados mais profundos, colocando-o, como jamais se fez, diretamente em contato com a realidade biológica, não mais apenas como fenômeno histórico, religioso, moral, mas como uma nova posição da vida, posição já assinalada ao longo da escala da evolução e à qual devera fatalmente chegar-se amanhã. Assim o Evangelho encontra logicamente seu lugar no desenvolvimento do plano do universo, e aparece sua função no seio do transformismo evolutivo, ficando demonstrado também seu imenso valor do ponto de vista racional e científico. Visto sob este prisma, não apenas como fruto de um tempo ou de uma religião, mas em relação às leis da vida, o Evangelho torna-se universal, torna-se fenômeno biológico que a ciência não mais pode ignorar, enxerta-se de forma tão profunda e substancial no processo evolutivo, que lhe demarca o telefinalismo, e com isto a linha de desenvolvimento. O que queremos fazer compreender nesta obra, é o que não se encontra nas explicações comuns, perdidas nas minúcias de pormenores concretos; é a idéia central dominante no Evangelho, que estabelece sua função fundamental em relação ao fenômeno universal do desenvolvimento da vida, idéia que leva o Evangelho a uma atuação necessária em todos os tempos e lugares, como lei de progresso de toda a humanidade. Só assim podíamos conseguir um Evangelho imparcial, universal como o queria Cristo, fora da luta, acima dos partidos religiosos e de seus antagonismos, exclusivismos e condenações. Só assim pode compreender-se o imenso alcance do Evangelho, a necessidade de vivê-lo, a fatalidade de sua atuação futura.

* * *

O objetivo da evolução é a conquista da vida. Essa conquista é a maior paixão do ser, que tanto mais se debate para subir, quanto mais baixo é o plano em que está imerso.

Mas é um debater-se cego, impelido pelo instinto, que explora o caminho por tentativas, sem guia nem método, como se encontra no Evangelho. O próprio Cristo qualificou-se como vida. No ápice da evolução esta Deus, que representa a plenitude da vida, enquanto ao pólo oposto esta a plenitude da morte, ou seja, a falta da vida. Quanto mais se involui, caminhando nessa direção, tanto mais vem a faltar a vida, porque ela se torna cada vez mais contraída, restrita, limitada no egocentrismo separatista do eu. Dado que a aspiração máxima do ser é a vida, e vindo ela então a faltar, é natural que ela se torne cada vez mais preciosa, o ser cada vez mais ávido, ciumento e apegado a ela, e o indivíduo lute cada vez mais ferozmente para conservá-la na única forma a ele acessível: a de seu plano de evolução. Por isso a luta se torna tanto mais árdua quanto mais se involui longe de Deus, porque é sempre mais difícil salvar a vida da morte quanto mais o ser se afasta do centro da vida, que é Deus, avizinhandose do pólo oposto, que é o da negação de Deus e da vida, ou seja, o pólo da morte. A estes conceitos brevemente aludiremos neste mesmo capítulo, e era mister aqui desenvolvê-los e esclarecê-los.

Nós mesmos somos feitos desta luta contínua entre a vida e a morte, que disputam o campo. O princípio egocêntrico separatista (limitada vida individual) representa o estado de contração desta; o princípio orgânico unitário (ilimitada vida universal) representa seu estado de expansão. Ao evoluir, o homem passa de um princípio ao outro. Nele, do infinito incêndio de vida que esta em Deus, permaneceu apenas a centelha do próprio eu. São miríades de centelhas, que perderam luz, força e calor pelo fato de estarem, não só divididas, como em luta entre si, destruindo-se mutuamente, com o próprio separatismo e rivalidade, introduzindo o princípio da morte no princípio da vida. Essa forma de vida mutilada é devida ao estado de involução; não é a verdadeira vida, mas apenas um fragmento dela, asperamente disputado à morte. Assim se explica e se compreende nossa vida sufocada pelos limites, aprisionada pela forma, continuamente partida entre nascimentos e mortes. É para fazer-nos viver verdadeiramente em dimensões

cada vez mais amplas, que a evolução nos transforma para o Alto; é para nos devolvermos a nós próprios a vida cada vez mais completa, que temos de romper a casca do egocentrismo, expandindo-nos para além da prisão da matéria, na vida maior do espírito Assim se explica por que o homem tem tanto medo da morte (e tanto maior, quanto mais ele é involuído), medo que cessa com a evolução que nos liberta da morte.

Em sua ignorância, o homem segue um caminho errado. Logo que ele dá com amor, o egocentrismo dá-lhe a sensação de perder, e o impele a retrair-se e negar-se, fazendo-o dessa forma fechar as portas à expansão da vida. Assim, o passado interior tende a levá-lo de novo às posições assumidas anteriormente e a libertação para expandir-se não é atingida. Para subir é necessário vencer esse instinto de involução, que tenta resistir ao outro, de evolução, porque a involução quer que tudo desça, ao invés de subir. O homem oscila entre essas duas forças que o disputam. Gostaria de abandonar-se à alegria de dar, mas depois tem medo, pára, faz calar o coração e retrocede até o terreno que lhe parece positivo e seguro, o da avidez que acumula egoisticamente para si. Gostaria de conquistar a vida, mas ao mesmo tempo se retrai, o que lhe impede conquista-la. É vítima da atração da matéria que o puxa e retém embaixo. E, no entanto, está próximo o espaço ilimitado dos céus, em que cada movimento é livre e é gratuita a energia para realizá-lo. Mas o homem prefere a imobilidade da terra, sua prisão. Penetra-o a ânsia de evadir-se dela, mas se comporta como quem, querendo sair de um quarto cuja porta se abre para dentro, se lançasse contra ela para sair, empurrando-a, sem compreender que deveria, ao contrario, afastar-se para trás, porque só assim poderia abrir a porta. O amor dá, e só o amor cria, ao passo que o egoísmo que acumula para si subtraindo aos outros, destrói. Só quem cria, enriquece, ao passo que quem destrói, empobrece.

O homem gostaria de conquistar a vida. Mas, com seu egoísmo, estabelece primeiro um deserto em redor de si, e depois pretende enchê-lo de água, tirando-a dos outros, embora a encontrasse grátis e abundante, desde que não secasse tudo no local em que se acha. Assim, depois que, ao civilizar-se num período de paz e progresso, o homem fez novas conquistas, como as usa? Logo que tem forças, ele guerreia para crescer ainda mais e engordar-se, e com isso destrói os bens e valores acumulados. A expansão do princípio egocêntrico, como acontece no imperialismo, tem funções criadoras, mas muito mais para os povos que são absorvidos e assim civilizados, do que para o dominador, que, realizada sua função, acaba perdendo tudo. Por mais que na guerra se queira ver o heroísmo, aí existe a morte, e embora nela se sonhe a conquista, há nela a destruição. O que um perde, quem quer que seja, representa uma perda para todos; a derrota do vencido é também a derrota do vencedor. Ninguém pode permanecer isolado de qualquer outra criatura, que viva em seu próprio ambiente terrestre. E assim o homem cai sempre no mesmo erro: para expandir-se na vida, ele se contrai, para trás, na morte; por querer enriquecer, empobrece; por querer construir, destrói. Que mais pode pedir-se a este nosso mundo em que tudo está quebrado, despedaçado no particular e no relativo? Que pode pretender-se, se, em lugar da verdade una, não conseguimos possuir senão fragmentos, verdades relativas em luta entre si, e um conhecimento pulverizado nas análises, incapaz de alcançar uma síntese unitária?

E então como consegue a vida fazer-nos evoluir? De que meios dispõe ela, para realizar esse seu objetivo fundamental? Ninguém mais do que o homem quer viver e conquistar a vida. Mas o faz sem conhecimento e sem juízo, muitas vezes às avessas, conseguindo resultados opostos. Pode, então, a vida ficar desiludida, em sua primeira necessidade, que é a de evoluir? Mas eis que aparece um elemento de funcionamento automático. Ao procurar ascender, o homem tenta caminhos diversos, ao acaso, erra a estrada, muitas vezes os instintos do passado o arrastam para trás, e a conclusão é a descida. Acontece, então, um fato inevitável, ou seja, que quanto mais baixo se desce, tanto mais dor se encontra. Ela aperta o homem em sua compressão. A dor queima, sufoca, comprime a vida que não quer morrer, e que portanto reage. Eis então que a evolução, quando não funciona o instinto da subida, firma-se nessas

reações para ascender. Quando não é suficiente a atração para o alto, entra em ação a repulsão contra o baixo.

Observemos a mecânica desse sistema de reações. Um objetivo pode ser atingido, quer fazendo funcionar as forças positivas que nos levam a ele, quer as negativas que nos repelem do pólo oposto. A vida possui ambos os tipos de força, positiva e negativa, e as utiliza para seus fins positivos. Em outras palavras, para construir, Deus pode utilizar tanto o método da construção como o da destruição, o que significa que o bem domina tanto as forças do bem como as do mal, que pode utilizar, quando quiser, para os próprios fins do bem. Assim, o organismo universal é tão bem construído que, aconteça o que acontecer, tudo termina bem; qualquer erro que o ser cometa servirá para instruí-lo e, finalmente, fazê-lo progredir. Por isso o impulso da evolução, apesar de tudo, é que acaba sempre vencendo.

A dor é que acorda o instinto de vida, que adormece no bem-estar. Os climas doces e cálidos não criam homens fortes e lutadores como os que são filhos de climas ásperez e duros. As desventuras e a necessidade da luta ensinam coisas que só aqueles que lhes estão sujeitos podem aprender. A vida jamais se resigna a morrer, e muitas vezes, em vez de matá-la, as muitas dificuldades a fazem forte e sábia, quando isto é indispensável para sobreviver os obstáculos são duros de superar, mas os que aprenderam a superá-los possuem um conhecimento e uma força para sua defesa, todavia os que encontraram a vida fácil estão bem longe de possuir essa força. Nas mãos da vida sábia tudo se resolve em construção e progresso. Quando a evolução não se realiza pela alegria de progredir, a vida a realiza com o chicote da dor, para que se cumpra, de qualquer forma, o progresso, que é o maior bem para o ser.

As atitudes que o indivíduo assume diante das dificuldades, variam para cada pessoa. Mas o ressentir-se diante da dor produz um efeito mais ou menos comum a todos, que é o de pôr a nu e revelar a verdadeira natureza do indivíduo. Ele é reconhecido pelo seu tipo de reação, porque parece que, colocado diante das mais profundas realidades da vida como a dor e a morte, o ser não sabe mais mentir. Ora, o que dirige a reação e lhe define a forma, é a natureza do biótipo. É lógico que a reação não pode criar um ser novo, mas apenas mostrar-nos quem é ele verdadeiramente, na hora em que se veja constrangido a usar todos os seus recursos, a qualquer custo. É lógico que o ponto de partida do novo passo adiante não pode ser dado, senão como valor e qualidade, a partir da posição precedente do ser. Teremos assim uma reação e um esforço proporcionados a essa posição. Assim, o biótipo inferior reagirá como inferior, o mais evoluído, como evoluído, de forma mais elevada. Assim, diante de uma dor desesperada, quem não possui nenhum recurso nem no bem, nem no mal, se abandonará nas tenazes da correnteza até à morte, aprendendo o pouco que pode da lição. Quem tem tendência á mentira e ao mal, reage com a traição e o crime, vingando-se do próximo e envolvendo cada vez mais para baixo, porque é baixa a natureza do indivíduo. Quem é violento e não está habituado ao controle, pode reagir com o suicídio. Quem possui tendência para os gozos inferiores, reagirá com excessos e vícios procurando esquecer, naquelas efêmeras alegrias em que ele acredita, as próprias dores. Mas existem também os que reagem com a santidade, com o amor operante para o bem do próximo. Esta é a reação dos fortes e dos grandes.

As adversidades, a insatisfação da vida podem excitar diversas revoltas. Dessas reações é que nascerão muitos santos. Quantas vezes o santo é um rebelde que não quer adaptar-se a aceitar as condições do ambiente; é um revoltado que explode, criando, com sua revolução, novos conceitos de vida. Mas o grande valor de sua reação está justamente no fato de que ela é dirigida para o bem, no sentido construtivo: é uma revolta para subir, e não para descer. Eis o que pode ocorrer quando, no indivíduo, existe o estofado do ser superior. Mas se este não existe, não há dor, por mais desesperada, que possa improvisar esse tipo de homem. Se bastasse a dor para criar um santo, o mundo, que está cheio de dores, deveria estar cheio de santos. Vemos, ao contrário manifestarem-se reações bem diferentes.

A vida é um recipiente que, em si mesmo, vale pouco. Tudo depende do valor do conteúdo que lhe derramamos dentro. Podemos colocar dentro dela o que quisermos. Se pusermos coisas nobres e grandes, a vida se tornará um escrínio precioso. Se dentro lhe colocarmos podridão, tornar-se-á uma caixa de imundícies. A vida é uma estrada feita para caminhar, é um meio para atingir um objetivo. Se a fizermos fim de si mesma, se, por querer-nos conservar demais, não quisermos caminhar e renovar-nos, deteremos o movimento da vida e o mataremos. Então, tudo terá caminhado menos nós, e permaneceremos atrás.

Então, teremos vivido no vazio, e poderão escrever em nosso túmulo: "tempo perdido".

A grandeza da vida consiste em fazer dela um meio para transformar o mal em bem, fazendo de um inimigo que nos atormenta, como é a dor, um mestre amigo que nos ensina; de uma condenação medrosa, uma escola para aprender. Ora, a vida está cheia de sofrimentos e insatisfações, aptas a provocar nossa reação. O segredo da sabedoria está no saber reagir. A solução do problema está na forma que nossa reação assumir. A vida nos espicaça com esses estimulantes, que esfolam a chaga e põem a nu a carne viva. A operação é dura, mas e para nosso bem, porque somente depois da raspagem e da limpeza com a podridão removida, a carne nova e sã crescendo, pode cicatrizar a chaga. Assim, diante da dor deveremos ter muito mais do que a simples paciência passiva e cega do burro chicoteado: devemos ter a inteligência iluminada e a bondade operante, de quem compreendeu o mecanismo da dor e quer tirar dela toda a vantagem possível, colaborando com a inteligência da vida, que no-la manda para nosso bem. O sistema usado por alguns, de revoltar-se contra a dor, sofrendo-o com a alma envenenada, não resolve o problema, não melhora, mas piora nossas condições. Quanto mais nos agitarmos com o nó do enforcado à garganta, mais esse nó se apertará. A posição de maior vantagem e de menor prejuízo em relação à dor, é a de aceitá-la, não passivamente, mas para pôr-nos a seu lado construtivamente, com ela colaborando para nosso benefício.

IV

AS RELIGIÕES E A VERDADE

O Catolicismo na grande batalha A involução das massas e sua incapacidade de autodirigir-se. O princípio da autoridade. Disciplina e obediência. Fé e ortodoxia. Pode dar-se liberdade aos imaturos? As adaptações da Igreja e as escapatórias do mundo.

Não podemos deixar de observar o contraste e o êxito da luta entre os dois elementos opostos: espírito e matéria, Evangelho e mundo, e isto, justamente, no próprio seio do órgão social e historicamente especializado para realizar a grande função de estabelecer contatos entre o céu e a terra, com o objetivo de espiritualizar o homem, o que, em termos científicos, quer dizer fazê-lo progredir ao longo da estrada da evolução que, como já mencionamos e mais tarde demonstraremos, caminha para a

espiritualidade. Esse órgão é representado pelo Cristianismo, que se constituiu uma religião. Naturalmente nos referiremos ao nosso mundo ocidental, onde isso ocorreu, e onde esse fenômeno esta funcionando há dois mil anos.

Desde o início, e até agora ainda, o Cristianismo se acha envolvido na resolução do tremendo problema da descida dos ideais à terra. Pode interessar-nos ver como, neste caso, foi resolvido esse problema, que procuramos resolver nestas páginas. Desde o início achou-se a Igreja de Roma com a necessidade de aceitar, como código de vida, o Evangelho, que era a lei estabelecida pelo seu Fundador. Vimos que o Evangelho significa a lei do evoluído, ou seja, de um tipo raro na terra, e vimos qual é a revolução que essa lei quer operar. Como fez essa instituição para sobreviver e permanecer coerente com seus princípios, para resolver o conflito, estando constrangida ao mesmo tempo a viver no mundo, tendo que apoiar-se nele também como coisa humana, que não podia deixar de ser, e tendo de sofrer por isso, inevitavelmente, a influência dele? Que aconteceu nesse ponto de aproximação entre o céu e a terra, de maior conexão, e por que nesse ponto devia ocorrer o enxerto do espírito na matéria? Que ações e reações produziu esse contato entre os dois extremos opostos, especialmente no órgão encarregado de realizar essa função? E neste caso, como foi dirigida e quem venceu a grande batalha que estamos estudando: foi o Evangelho que transformou o mundo, ou foi o mundo que transformou o Evangelho? O resultado obtido até agora foi a espiritualização da matéria, ou a materialização do espírito? Sem dúvida, os dois elementos têm de coexistir no Cristianismo, que não pode eliminar de si a idéia de Cristo, nem o fato de que precisa viver na terra. Como foi possível realizar tão difícil convivência, que já de per si é um problema árduo a resolver, à espera de que, com o tempo, possa solucionar-se o outro, o da vitória definitiva de um dos dois antagonistas sobre o outro?

Já aludimos, no meio do cap. II do volume precedente, **A Grande Batalha**, à função que na terra têm as igrejas constituídas, para aqui transportarem seus ideais. Elas são, ou deveriam ser, o ponto de encontro de dois planos de vida: como organização humana representam, ou deveriam representar, o vaso material que recebe do céu e conserva na terra o conteúdo espiritual que as religiões dispensam ao mundo para o seu progresso. Nestas, nas doutrinas, nas instituições, nas formas e até nos templos, o ideal imaterial toma corpo em construções de pedra e organizações de homens. Ora, é evidente que o valor e o poder das religiões residem em seu conteúdo espiritual, que é a alma que as sustenta. Se o vaso está vazio, torna-se ele uma mentira, um corpo sem alma, isto é, um cadáver. Ora pode acontecer que o vaso se torne esplêndido e imenso, mas que, quem tiver cuidado desse trabalho, tenha deixado evaporar o precioso licor que estava dentro dele, de modo que agora aquele vaso nada mais contém. Nas religiões, como em nosso organismo, é necessário haver equilíbrio entre espírito e corpo. Um espírito só, sem corpo, passa despercebido. Um corpo só, sem espírito, torna-se cadáver putrefato. Vimos, no princípio do capítulo precedente, como as religiões tendem, hoje., a ser concebidas materialisticamente. Ou seja, como a forma mental dominante em todos os campos é o materialismo, assim ele permanece, mesmo quando se cobre de formas religiosas, dando lugar a coisa ainda pior, que é o materialismo religioso. Sendo assim, seria este um triste indício de decadência. Se o cristianismo se tivesse realmente transformado num corpo sem alma, só lhe restaria a sorte que se reserva a um cadáver.

Vimos como o indivíduo pode conduzir a grande batalha por si mesmo, em casos isolados. Vejamos agora como a costumam conduzir na terra, no reino de Satanás, os homens encarregados de tratar dos negócios do espírito e de Deus. Vejamos quais são as atitudes assumidas e os expedientes usados neste trabalho de cristianização do mundo ocidental, que retorcimentos terá de suportar uma lei feita para os anjos, para poder tornar-se realizável num mundo feito para as feras. No esforço da autoridade espiritual para aplicar essa nova roupagem à humanidade, para fazê-la, ao menos, parecer civilizada, até que ponto se conseguiu colocar a mordança na animalidade rebelde? Logo que nos afastamos do caso excepcional, a

grande massa das multidões, que constituem o rebanho a guiar, só pode oferecer-nos, no máximo, as primeiras aproximações elementares do ideal. Seria absurdo pretender mais. Não se trata tanto de ter realizado, quanto de saber o que pode sobreviver do Evangelho nesse ambiente, o que permaneceu do choque entre o encarniçamento dos pregadores de virtude, armados de terrores e sanções para domar a animalidade humana, e o encarniçamento do rebanho, cuja animalidade não aceita de maneira nenhuma deixar-se sufocar pelos ideais. Seria interessante ver também como, debaixo do nobre manto dos ideais, muitas vezes não se tem podido deixar de continuar a conduzir a desesperada luta para viver, que é patrimônio de nosso mundo. Talvez somente levando em conta o que verdadeiramente é a natureza humana, poder-se-á compreender, em muitos casos, em vez de nos escandalizarmos e condenarmos.

O ser espiritualmente maduro baseia-se na substância, dando à forma o valor que ela merece. Quanto mais o ser está adiantado, mais livremente aceita por convicção, e maior conhecimento possui para poder autoguiar-se. Diante de que elementos se achou o cristianismo, desde o seu primeiro aparecimento e, em grande parte, se acha ainda? Uma religião não se apoia em pequenos grupos de eleitos, mas nas grandes massas dos fiéis; não deve tratar com poucos escolhidos de exceção, mas com o tipo biológico comum, que ia vimos o que é. Multiplicando esse tipo pela massa imensa das multidões que formam as religiões, poderemos perceber o peso que, em todas as manifestações da vida, poderão exercer os instintos dessas multidões. Ora, é um fato positivo que o cristianismo nascente se encontrou diante de uma forma mental primitiva dominante, a materialista, mais capaz de perceber a forma do que a substância; uma forma mental involuída, que não sabe aceitar livremente por convicção, mas, tal como ocorre no plano animal, só obedece por temor; uma forma mental que não tem conhecimento além dos limites da luta pela vida, e que, portanto, é absolutamente incapaz de poder autoguiar-se no terreno das coisas espirituais.

Ora, tratar um primitivo como homem civilizado, é um erro que logo aparece nas suas conseqüências tristes. Não podem dar-se pérolas aos porcos; não se pode dar alimento espiritual puro, sem revestimento de formas, a quem apenas sabe conceber coisas materiais; não se pode dar liberdade a quem esta habituado a funcionar apenas debaixo do agulhão do mando; não se pode dar direito de autodecisão a quem não possui nenhum conhecimento para dirigir-se. Não estamos aqui para aprovar e condenar, mas apenas para observar e compreender. Assim nos explicamos porque a direção tomada pelo cristianismo desde seu primeiro nascimento teve de ser a da disciplina. Disciplina e não liberdade. Isto significa autoridade em quem manda e obediência das massas.

Sem dúvida, não é esta a idílica atmosfera do Evangelho; mas este é constrangido a tornar-se assim, quando desce a terra. Diante da imensa multidão, representada pela psicologia dominante, nada pode funcionar senão com a psicologia do próprio prejuízo e da própria vantagem, egoisticamente pessoal. Teve, assim, o Evangelho de haver-se com o duríssimo egocentrismo individual. Sem o terror do inferno de um lado e a cobiça de ganhar um paraíso do outro, nada se teria podido obter do ser humano. E, dado que, como massa, ele representava a força maior, só restou ao cristianismo aceitar-lhe as exigências psicológicas. Trabalho aliás, não difícil, porque afirmar-se o princípio da autoridade nos chefes e de obediência nos fiéis, representava não só o único meio indispensável para manter a disciplina — e com isto poder realizar a própria função espiritual — mas correspondia ao instinto natural de domínio dos chefes e ao estado de servidão a que estavam habituados os fiéis. Isto era justamente o que se fazia para todos na vida social, dirigida por esses princípios, que correspondiam exatamente ao tipo biológico predominante em todos os lugares. Não se pode esperar que os dirigentes de uma religião representem uma raça diferente da comum, uma raça guiada por outros instintos.

* * *

Assim, imposto pelas exigências do ambiente humano e gerado pelo instinto da luta na seleção do mais forte, nasceu o princípio de autoridade no cristianismo, como nasce em qualquer agrupamento humano. Assim como Cristo teve de tomar um corpo físico quando quis descer à terra, assim o Evangelho teve de aceitar os métodos e as leis do mundo, quando quis nele realizar-se. Esse sistema esta em vigor até hoje. Alguns mais amadurecidos sentem que deveria ser diversamente, e se acham constrangidos dentro de uma disciplina que só admite a posição do crente que aceita em obediência. Mas eles são apenas uma exígua minoria, e as minorias nunca têm razão. A Igreja não pode ocupar-se deles, mas apenas da massa, que é bem diferente. Para os favorecer, seria mister abrir as portas a uma liberdade para a qual os outros não estão de maneira nenhuma maduros, estando prontos a fazer péssimo uso dela. Assim, — tal como ocorre com o divórcio, mesmo que em alguns casos seja útil — não é solução ideal.

Desta forma, a Igreja continua a tratar os seus súditos como crianças, a quem não compete indagar a respeito de mistérios nem resolver sozinhos os problemas, porque aquilo que se deve saber e crer já é oferecido confeccionado e pronto para o uso como os remédios que engolimos sem refazer o diagnóstico do médico que no-los prescreveu, nem a análise química do laboratório que os confeccionou. Resolveu-se, assim, o problema da maneira que o ambiente humano permitia: os dirigentes assumiram a responsabilidade de guiar e aos discípulos menores de idade só restou crer, ouvir e aprender. Não se usa diariamente esse método nas escolas? É método imposto pelas condições humanas, e enquanto essas condições não mudarem, como mudar-se o método? Poderemos escandalizar-nos com o fato de que a Igreja dá provas de não acreditar no amadurecimento espiritual de seus filhos. Mas como acreditar nele, se esse amadurecimento não existe, de fato, na maioria? Se a humanidade estivesse verdadeiramente amadurecida, não haveria necessidade de autoridade, de coações, de sanções, em campo algum, nem mesmo no social. Ora, existe algum estado que não tenha exército e polícia, alguma lei que não prescreva penalidade ao seu não-cumprimento? Não é esta a forma mental dominante? E como poderiam as religiões abrir uma exceção, como se operassem num mundo diferente? E como dizer toda a verdade a um tal tipo de homem, pronto a reduzir tudo em função de seus instintos e interesses materiais? O próprio Cristo não pôde dizer tudo às multidões. Assim, a verdade esotérica, plena e completa, só pode ser patrimônio de pequena parte da humanidade, ao passo que apenas a parte esotérica, limitada e pública, pode ser dada em alimento à todos.

Como a capacidade criadora de um chefe é medida pela capacidade de correspondência de seus súditos, assim também o que constitui o campo de ação de uma religião é o grau de compreensão e o nível de evolução de seus prosélitos. Como pretender que compreendam, aqueles que não sabem pensar? Explicar tudo, então, significa apenas gerar dúvidas sem fim e uma confusão geral. Eis a necessidade da fé. Cristo não podia dizer: olhai, as coisas são assim, porque vo-las explico e demonstro; mas teve de dizer: acreditai, porque vo-lo digo eu; e como prova, faço-vos milagres, já que isto é o que mais vos convence. Depois, nas coisas humanas, aparece logo a questão prática de obter o máximo resultado com o mínimo esforço. Ora, mesmo que o homem comum tivesse inteligência para enfrentar e resolver os problemas do conhecimento, ele preferiria poupar tempo e esforço, aceitando as soluções que já se encontram prontas, feitas por outros mais competentes e especializados. Um dos maiores problemas humanos é o de poupar trabalho e satisfazer a todas as necessidades próprias, inclusive às espirituais, com o menor dispêndio possível de energia física e mental. Onde existe um esforço muito grande para fazer, o homem pára. O que ele compreende em primeiro lugar é cansar-se pouco e fazer-se servir. Nisto ajuda-o a construção em série. Assim, já que é cansativo e difícil achar a verdade por si, o mundo vive em qualquer campo de verdades já feitas, oferecidas no mercado das idéias por aqueles que, por outras razões, acharam útil especializar-se nesse trabalho. Na prática, não se acha o grande pensador, mas o manual que, para nosso uso, esmiuça o pensamento em ordem alfabética.

Estabelecido o princípio de autoridade, de disciplina e de obediência a um governo central, tende assim a religião a transformar-se numa grande máquina burocrática, constituída de homens que disciplinam o seu trabalho na forma regular de administração. Desponta então o instinto humano expansionista que, se nos estados fortes assume a forma de imperialismo, realizado com a guerra, nas religiões tem o aspecto de proselitismo, para aumentar o rebanho. Rebanho significa criação de ovelhas em série, ou seja, produção de um dado tipo de fiéis, para os quais já está estabelecido como devem pensar, em que precisam crer, e o que é mister fazer. Só assim pode obter-se a disciplina indispensável para que o soldado possa ser enquadrado e o exército possa começar a marchar organizadamente. Para quem lê o Evangelho, pode parecer absurdo que dele possam tirar-se estas conseqüências. Mas a culpa não é do Evangelho, e sim do mundo que impõe suas leis a quem quiser entrar em seu terreno. Certamente, para ser vivido como ele é, o Evangelho exigiria um mundo de santos. Mas isto não existe na terra, e, mesmo que pudesse formar-se um governo de santos no mundo religioso, esse governo seria logo liquidado pelos métodos humanos. Assim se explica por que as religiões tendem a tomar a forma que lhes é imposta pela natureza humana e pelas condições do ambiente terrestre.

Formou-se, assim, o modelo estandardizado do crente disciplinado e obediente, nos pensamentos e nas obras, o tipo do perfeito ortodoxo. Ele aceita tudo sem discutir, não importando se não entende. A compreensão é um fato interior, pessoal, difícil de controlar, ao passo que discutir tem sabor de revolta e semeia escândalo. Mas o indivíduo comum foge desse esforço. Seus instintos e objetivos são outros. Sua psicologia é utilitária e simples. Cada um quer viver depois da morte, e viver o melhor possível, como procurou fazer na terra. Ora, as religiões ensinam que, fazendo certas coisas, depois se vai ao paraíso, e fazendo outras vai-se sofrer no inferno ou alhures. O raciocínio da própria alegria ou dor é compreendido por todos. Fazemos então aquelas coisas que nos trarão vantagem, mesmo se custam um pouco de esforço; e não fazemos as que nos trazem prejuízo, embora custe isto um sacrifício. É opinião corrente que esse cálculo corresponda, depois, aos fatos; isto é afirmado por grandes autoridades, e, portanto, aceitemo-lo. Além disso, ninguém mesmo sabe, com segurança, por experiência própria, como se passam realmente as coisas. Seguro é só aquilo que temos hoje em mão. Assim raciocina o homem prático, apto a viver na terra. Já falamos desse materialismo religioso, pelo qual qualquer coisa, na terra, tende a ser concebida materialisticamente e a ser transformada nesse sentido.

Que podem, no fundo, as religiões? Algumas práticas exteriores, alguns possíveis sacrifícios e deveres, crer ou não crer em algumas coisas, que é bem difícil controlar se são verdadeiras ou não; aliás, coisas longínquas que pouco tocam na realidade da vida. Feitas as contas, convém fazer esses pequenos esforços, em vista de uma utilidade futura, que também poderia ser verdadeira. Por que, então, não fazer tudo isso, quando, além do mais, pode obter-se com isso estima, confiança, que se concedem às respeitáveis criaturas que pensam bem, se não mesmo poderes e honras? Por que não agir assim, quando isto pode salvar-nos a alma na outra vida, enche-nos de bênçãos nesta, e agir assim não faz mal a ninguém: ao contrário, é um bom exemplo, louvado como virtude? Assim surgiu a acomodação, e o acordo é completo dos dois lados: as religiões mantêm a sua unidade na disciplina e obediência dos fiéis; e estes, com pouco incômodo, calculam obter uma boa vantagem.

Surgem as dificuldades quando aparece o indivíduo que quer agir seriamente, e portanto exige chegar ao fundo dos problemas, porque ele quer pensar, compreender, e finalmente resolver, já que ele tenciona, depois, viver a sua fé. Ser ortodoxo no caso comum é fácil. Trata-se de dizer que se crê, dizê-lo com a boca e também com toda a boa-vontade do coração e da mente, sem dúvida de boa-fé, mas sem saber o que significa crer e sem compreender o significado das coisas em que se diz acreditar. Para um indivíduo imaturo é equivalente e indiferente aceitar esta ou aquela idéia, pois logo que se sai do terreno das coisas materiais, tudo se perde, para ele num oceano de pensamentos impalpáveis. Mesmo para ser

herege são indispensáveis certa inteligência e interesse pelos problemas que estão para além da materialidade da vida. Mas à grande maioria só importam, ao invés os que estão próximos e são tangíveis. Daí se conclui que a perfeita ortodoxia pode ser efeito não de uma fé mais viva, mas da falta de interesse, consequência implícita do estado mental que explicamos, o materialismo religioso. Então, a aceitação cega e completa liberta o crente de entrar em questões espinhosas, inúteis porque insolúveis para ele, e representa muito menor esforço sepultá-las sob o belo manto da fé, para ocupar-se, em lugar disso, com o que interessa muito mais, as coisas deste mundo. Quem não escolhe o caminho de menor resistência e cansaço? Por que não acreditar em tudo o que as autoridades ensinam, quando isto custa tão pouco e não traz consequências no terreno prático, em que está o nosso tesouro? Esse também é um modo de enfrentar e resolver os grandes problemas do espírito. Por isso, é fácil ser ortodoxo, quando esses problemas pouco nos atingem, porque se sabe que a vida prática é outra coisa, e o que nos interessa são os negócios da matéria e do mundo.

Mas existem, embora excepcionalmente, indivíduos maduros, para os quais as coisas espirituais têm suma importância. Eles sabem o que significa acreditar e, para crer seriamente, precisam compreender, porque de sua fé dependem consequências importantes em sua vida, a orientação e a conduta próprias. Para poder agir de conformidade com a própria fé, é preciso compreender bem aquilo em que se crê. Se não for assim, chamemos fé não a um conhecimento preciso, apto a guiar-nos, mas a um vago nevoeiro que permanece nos céus sem interessar nem atingir a nossa vida. Estes amadurecidos não têm medo de pensar e de esforçar-se contanto que chequem à verdade, e a uma convicção própria profunda. Eles não podem desinteressar-se dos problemas do espírito, e fazer calar a sua fome de conhecimento, em relação às coisas supremas. Não podem deixar de ser honestos diante de Deus e da própria consciência, e não podem dizer que acreditam firmemente naquilo que não compreenderam, e que lhes não interessa absolutamente nada compreender.

Ora, acontece que, para as religiões oficiais, baseadas, como vimos, na disciplina e na obediência, esses que, espiritualmente, deveriam ser aceitos como os melhores elementos, são considerados os mais perigosos, como logicamente o seria, num exército organizado, um soldado que, por ter muito zelo e inteligência, quisesse examinar os planos do próprio general. Essas qualidades que trazem desordem, não são admitidas nem no soldado, nem no fiel. No seio da ordem constituída, tudo o que é insubordinação traz desordem, semeia escândalo. Podem esses indivíduos estar animados das melhores intenções, mas, no organismo constituído, não há lugar para eles; a grande máquina esta construída para funcionar por meio da aceitação cega de uma doutrina já feita, e não para elaborar a cada passo uma nova. Os reformadores serão úteis, sem dúvida, para fazer progredir o pensamento humano, mas o que mais interessa aos organismos constituídos é, sobretudo, conservar a ordem em que eles se fundamentam, e não procurar novas idéias que a perturbem. Então, o tipo do pesquisador que não pensa com a cabeça dos chefes mas quer pensar com a própria, que não crê cegamente mas quer antes compreender e discutir, e com isto ameaça tornar-se um inovador, é olhado com suspeita, como um perigo para a integridade da doutrina, como um rebelde, o mais difícil de todos a ser enquadrado na perfeita ortodoxia. Por isso, os inovadores mesmo se forem santos, são inicialmente olhados com desconfiança, apesar de mais tarde — após severo controle e uma vez que se compreendeu sua utilidade — serem aceita suas idéias. Ninguém é tão perigoso e importuno quanto aquele que, em nome dos próprios princípios da religião — porque é honesto e sincero — se sente autorizado a syndicar, perturbando assim soluções já alcançadas e confirmadas pela autoridade, ameaçando, mesmo sem o querer, a deslocação das pilastras em que se apoia todo o edifício. Tais seres, rebeldes às mentiras convencionais da sociedade, gostam de dizer a verdade, o que constitui grave escândalo em nosso mundo. Assim, eles são condenados por todas as religiões, ou seja, pelo mesmo tipo de homem que se encontra em todas as religiões.

* * *

Diante do princípio da autoridade, façamos esta pergunta: pode dar-se plena liberdade a um ser, quando ele não possui o conhecimento necessário para autodirigir-se? Deve tirar-se a liberdade daquele que não saberá usa-la bem, mas só em prejuízo próprio?

Dominar o próximo, impondo-lhe a própria vontade, é coisa normal e natural na terra, no plano biológico animal do involuído. Aí a autoridade é patrimônio do mais forte, que venceu os mais fracos, em relação aos quais, portanto, só por esse fato, têm direito à obediência. Sem um comando, uma disciplina, — e portanto uma diminuição de liberdade — não pode construir-se um organismo na terra. Se se desejasse fazer do cristianismo uma instituição neste mundo, era mister obedecer às exigências desse ambiente. E eis por que, neste ponto, ele não pôde manter-se divino, mas teve de tornar-se completamente humano. Constituirá isto um defeito, ou uma culpa sua?

Podem apresentar-se dois argumentos em sua defesa. 1º) A impossibilidade pratica de fazer-se obedecer, se não foi usada a autoridade, fato, portanto, necessário para poder realizar o dever de cumprir a própria missão na terra. Mesmo para o espírito, não há outro meio de realizar-se neste plano biológico. 2º) A parte divina da instituição permanece inativa apenas momentaneamente, à espera de manifestar-se cada vez mais, gradativamente, conforme o permita a civilização do ambiente. Ela se conserva escondida no íntimo, em potência, como uma árvore está na semente, mas para revelar-se depois, cada vez mais. Então, o princípio divino permanece invariável. O que muda é o grau de sua manifestação e realização na terra, permitido pelas condições desta. O uso do princípio da autoridade, ou seja, desse método de tratar, na prática, com as massas humanas, as coisas do espírito, seria apenas transitório; como uma flor que se conserva ainda fechada como defesa, mas pronta a abrir-se para a liberdade do ar e do sol, logo que a tepidez de um ambiente mais civilizado o permita. Não é o divino que evolui, mas a capacidade humana de compreendê-lo e realizá-lo. Só o absoluto pode permanecer imóvel em sua perfeição. Todo o resto, inclusive as religiões que o representam, não podem deixar de evoluir para a perfeição.

Isto significa que as instituições do cristianismo, em primeiro lugar a Igreja, deverão, com a evolução do homem, afastar-se cada vez mais dos métodos do passado, para introduzir novos, mais adequados. Ou seja, será mister afastar-se cada vez mais do princípio da autoridade e caminhar para o princípio da liberdade. E isto porque o primeiro corresponde ao estado involuído da matéria e ao plano biológico da animalidade, ao passo que o segundo corresponde ao estado evoluído do espírito, e ao plano biológico da humanidade futura.

Só assim se consegue resolver o conflito entre o espírito do Evangelho, que se baseia na livre e espontânea adesão à substância, e os sistemas autoritários e formais, que tiveram de ser adotados na prática. Como poderia conceder-se o direito de livre exame ao homem ainda primitivo, quando a Igreja cobiça solução urgente de outro problema bem diverso, o de sobreviver, salvando a própria unidade? Diante dessa necessidade premente, qualquer idéia de liberdade significa uma revolução perigosa, para a qual já os ânimos tendiam por si mesmos exageradamente. Ao invés de encorajá-los, era preciso freá-los, porque outras tarefas bem mais urgentes se impunham de momento. É verdade que o Evangelho se levantara justamente contra o formalismo farisaico, mas é também verdade que permanecíamos no mesmo mundo, onde impera a mesma psicologia humana, que, se não quisermos cair no caos, exige uma disciplina rígida sob o comando de uma autoridade. Sem dúvida, para ser perfeita, uma Igreja deveria ser constituída só de santos. Só então o Evangelho poderia ter realização completa. E certamente uma tal Igreja de santos saberia tratar muito bem das coisas do céu. Mas será que saberia tratar das coisas da terra? Os santos, em geral, não se ocupam com estas coisas, pois lhe são contrários e no entanto elas são

necessárias para quem desejar construir neste mundo, mesmo no sentido espiritual. E é este precisamente o trabalho da Igreja: o de tratar na terra das coisas do céu, adaptando a este ambiente as verdades eternas, para torná-las assimiláveis a ele. Assim se justifica a presença de práticos e administradores na Igreja. Acham-se eles situados no pólo da matéria, enquanto os santos estão no pólo do espírito. A dificuldade esta em manterem-se equilibrados entre os dois extremos opostos, sem que um tome completamente o lugar do outro. Uma igreja apenas de santos, sem os homens do mundo, permanece no céu e não trabalha na terra. Uma Igreja só de homens práticos, feitos para a matéria, estaria falha em sua substância espiritual e seria uma mentira.

Estas são as condições que a realidade impõe. E de fato, foi isto que ocorreu, e que se pode explicar assim. Então, no seio de uma religião, ao lado dos que vivem os problemas longínquos do espírito, é indispensável haver lugar também para os que vivem próximos da matéria. Mas eis que surge uma consequência gravíssima: assim tem direito de ingresso numa religião, que deveria ser coisa espiritual, esse mesmo mundo que o Evangelho condena tão explícita e energicamente. As íeis e os tão condenáveis métodos do mundo se acham numa posição legítima, em sua própria casa, aí justamente onde jamais deveriam comparecer. Mas então, se quisermos ser coerentes, temos de, pelo menos, reconhecer que, por enquanto, o Evangelho não precisa ser aplicado, porque nas condições atuais humanas ele é inaplicável. Mas reconhecer essa sua inaplicabilidade não o fará tornar-se utopia, e sua descida na terra uma falência?

As religiões, que deveriam ser coisa espiritual, acima das lutas terrenas, estão imersas no mesmo conflito, próprio a todas as formas de vida no planeta, e têm que albergar em seu seio os que lutam pela supremacia material, que comandam e se fazem obedecer impondo-se às consciências. Os que deveriam ser banidos deste terreno, já não são mais tolerados como mal e erro, mas incorporados como úteis e indispensáveis. Estes, que ao menos deveriam reconhecer sua posição ínfima, subordinada à do espírito, muitas vezes na história assumiram, e fixaram sua posição como predominantes, à custa da posição espiritual, diante da qual eles poderiam no máximo ser suportados como um meio. Então as posições são invertidas e no próprio centro do terreno, reino do espírito, entra, vence e governa justamente o inimigo condenadíssimo: o mundo. Que significa isto? Mas então a lei de Deus, para conseguir realizar-se na terra, teve de inclinar-se diante da lei dos homens?

O conflito entre Evangelho e mundo, se neste mesmo mundo parece mais calmo, porque é o inferior que vence, torna-se vivíssimo no seio das religiões, porque aí nos encontramos no terreno em que o espírito se sente mais em casa e mais faz valer seus direitos. E quer fazê-los valer precisamente na terra, que é justamente a pátria de seu adversário, o mundo. É natural que este resista, porque não quer ser destronado, mas continuar dono do campo, com os próprios sistemas. Neste mundo caiu o Evangelho. Que acontece então?

Numa escola, sem dúvida, o mestre tem de ensinar. Como seria belo se pudesse fazê-lo com amor, armado apenas de bondade e amizade, como ensina o Evangelho! Mas se os alunos são rebeldes, como poderá ele agir, no interesse mesmo deles e do próprio ensino, senão com uma autoridade e sanções que lhe permitam manter a disciplina? Sem dúvida que o ideal seria o respeito às consciências e à personalidade individual, ou seja a posição que está nos antípodas do absolutismo dogmático, feito de autoridade e disciplina. Mas é também verdade que não se pode respeitar a liberdade de um selvagem, porque, se o fizermos, ele se aproveita disso para matar-nos. E então, quem realizará a missão de civilizá-lo? Demonstramos, neste volume, que existem as armas do Evangelho. Mas tão grandes forças será que se adaptam aos pequeninos usos comuns, e depois, chegam todos a possuí-las e manejá-las? Se elas não estão ao alcance de todos, como contar com elas? E então, como pode o homem comum deixar de recorrer às que lhe são acessíveis, as oferecidas pelos sistemas do mundo?

Como pretender que todo um grupo de homens, como é o organismo que na terra dirige uma religião, pudesse apoiar-se apenas em meios sobre-humanos, acreditando poder ir para frente somente à força de prodígios? Não poderiam eles pensar que isso constituiria, diante de Deus, a maior das presunções, e que, justamente, essa falta de humildade paralisaria a ajuda, sendo portanto mais positivo não confiar nelas, e apoiar-se, ao contrário, em base mais sólidas: as próprias forças, poucas, mas seguras? Era mais prático recorrer aos métodos já experimentados no mundo, cuja técnica e resultados, já se conheciam, tanto mais acessíveis, quanto mais correspondentes à própria forma mental, e tanto mais espontâneos quanto mais radicados nos próprios impulsos e instintos. Não é fácil que homens comuns encontrem prontamente a força e a coragem de abandonar-se, como quer o Evangelho, à Divina Providência! Como vencer a tentação de tomar a estrada de todos, se a própria natureza dos alunos o impunha, como único caminho para conseguir realizar a própria missão, que era a de mantê-los disciplinados, obedientes à lei, que deveria fazê-los ascender, para salvá-los?

Com a melhor boa-vontade, não era possível satisfazer a todas as exigências opostas. Se se quiser ser práticos, usando os sistemas do mundo para atingir a realização dos princípios, então se acaba limitando a liberdade do ser. É verdade que não se pode dar-lhe essa liberdade, porque ele faria dela mau uso, com prejuízo seu. Mas assim tende-se a fazer do ser um autômato. Privamo-lo da experiência feita à sua custa, a única que verdadeiramente ensina; e então, como pode aprender? É verdade que o pai amoroso que sabe, deveria impedir que o filho caísse nos perigos, mas é também verdade que os filhos protegidos demais crescem sem experiência, indispensável para não cair nesses perigos. Se, para ensinar, tirarmos a livre experimentação, substituindo-nos à escola da vida, então impediremos que ele aprenda e, ao invés de ajudar a evolução, nós a deteremos.

Como se vê, a liberdade é fundamental, tem uma função sua, importante, e como tal deve ser respeitada. Tirando-a, são criados escravos ou rebeldes. É mister, ao contrário, ensinar a saber usar bem a liberdade, para que se possa concedê-la sem prejuízo. A disciplina pode ser imposta aos menos amadurecidos só para seu bem. Logo que eles progredirem um pouco mais, a liberdade será um direito deles. A lei da vida é a evolução e esta leva ao sistema, a Deus, a quem não se pode chegar senão livres, e jamais como autômatos. É indispensável então reconhecer que, admitindo-se a disciplina que tende a fabricar o escravo autômato, isto só é tolerado de momento, porque o objetivo último é construir o homem consciente, que sabe livremente autogerir-se. Então, a restrição da liberdade constitui só um fato transitório, destinado a ser gradualmente eliminado, concedendo-se progressivamente liberdade, em proporção ao conhecimento adquirido, e na medida merecida, que dê garantia ao seu bom uso, desde que seja liberdade útil, e não prejudicial. Quem dirige as almas, deve estar do lado das forças do bem que, se tiram, não o fazem para tirar, mas para dar; se limitam, é para depois conceder liberdade; forças que, mesmo que pareçam fazer o mal, fazem substancialmente o bem.

V

A IGREJA

Exigências ideais e exigências práticas da Igreja. Na terra,

ela venceu, ou foi vencida? O inferno, triunfo definitivo das potências do mal, e a lógica da salvação. O Comunismo, perigo externo. A justiça social, não realizada em dois mil anos, ponto vulnerável em que o inimigo ataca. O Maquiavelismo, perigo interno. Os dois padrões e as duas lógicas. Simbioses com o inimigo. Os perigos do jogo duplo. A gravidade da hora. Perder a batalha da terra, para vencer a do céu. A dura operação do salvamento forçoso.

Procuremos agora localizar mais exatamente o problema, para ver como a organização eclesiástica do catolicismo o enfrentou e resolveu, ou seja, como desenvolveu com a sua conduta o tema que este volume, continuando o precedente, vem tratando, como realizou e resolveu a Grande Batalha. Este choque entre evoluído e involuído, entre Evangelho e mundo, é fenômeno de alcance biológico, a quem ninguém pode escapar, tanto menos uma religião que se fundamenta no Evangelho e que se propõe implanta-lo no mundo.

Entremos num terreno controvertido; adequado a polêmicas e condenações. Já dissemos que se reconhece o biótipo do involuído por seu espírito de agressividade, ao passo que o evoluído, por seu instinto de compreensão e conciliação. Procuremos, pois, imitar o segundo. Então, o leitor que quiser ver esta obra enquadrada numa opinião ou num partido, ficará desiludido. Aqui não se combate nem se condena nenhum grupo humano em particular: prefere-se observar o que o homem costuma fazer. Verifica-se que tudo permanece o mesmo, pois o homem em geral faz as mesmas coisas em todos os grupos. É inútil, portanto, escandalizar-se do que se faz nas casas alheias, quando os mesmos homens fazem, em todas as casas, mais ou menos as mesmas coisas. Nem se justifica que se culpe uma instituição por ter feito no passado o que, na época, era tão normal que todos fizessem, exigindo-se que um grupo de homens tivesse atingido, isoladamente, um grau de evolução mais adiantado do que o atingido pela vida no planeta, o que é absurdo e impossível.

Para se lançar a pedra, seria necessário estar sem culpa. E quem pode pretendê-lo na terra? Aqui procuramos, pois, apenas observar os problemas por todos os lados, usando a inteligência, e isto para ver e compreender, mais do que para julgar e condenar. A satisfação de saber onde está o erro ou a razão, segundo o mundo — coisa difícil e sempre controvertida no relativo — deixamo-la ao leitor para que tenha a alegria de descobri-lo, conforme o seu gosto.

É fácil criticar, e são criticadas todas as formas de governo, inclusive no terreno religioso. Mas o que constitui a bondade de um governo é a bondade do homem ou dos homens que o compõem, e não a sua forma. Mas na terra faz-se muita questão da forma. De que serve, porém, usar uma ou outra, quando os homens continuam a fazer as mesmas coisas, apenas de forma diferente? Se o chefe fosse bom e inteligente, a melhor forma de governo seria o absoluto. Mas logo que o possa, parece que o homem tende imediatamente a transformar-se em tirano. Provam-no os sistemas representativos, em que se sentiu a necessidade de corrigir os possíveis abusos de um só, mediante o controle de muitos. Diz Gorer Geoffrey, em **The Americans** que: "a atitude americana para com a autoridade foi sempre a mesma: a autoridade é intrinsecamente má e perigosa, e quem ocupa posições de autoridade precisa ser submetido a um controle constante". A natureza humana é tal, que aquilo que deveria ser uma função para o bem coletivo, tende, para a coletividade, a transformar-se num perigo de que é necessário, pelo contrário, defendermo-nos.

Como pretender, num mundo assim, um comportamento de evoluídos? E no seio de uma humanidade em que predomina outro biótipo bem diferente, como esperar que possa surgir uma organização de santos, só porque são santos o fundador e o programa? Mas a perfeição para o homem é um estado a ser atingido no futuro, e não uma condição já atingida no passado. Toda a massa humana está sujeita ao mesmo processo de evolução, e a maioria está agrupada em redor de certo nível desta, do qual esta procurando lentamente subir para outro mais alto. Imensos e penosos movimentos biológicos que comprometem todos os aspectos da vida humana em nosso planeta. Dentro dessa massa enorme, só pouquíssimos indivíduos se diferenciam, rara exceção que não pode pesar nos movimentos da vida. Governantes e governados, juizes e julgados, senhores e servos, acusadores e acusados, todos pertencem mais ou menos ao mesmo grau de evolução que, para todos, se vai deslocando com o tempo. Dessa maneira, julgando os outros, nós julgamo-nos a nós mesmos, e condenando os erros e a ferocidade do passado, condenamos os nossos erros e nossa ferocidade no passado.

Em seus dois mil anos, a vida da Igreja seguiu, no mesmo passo de todas as outras instituições humanas, a evolução da vida, que é a grande estrada em que tudo caminha. A Igreja, como organismo terreno, acompanhou os tempos, aceitou o que eles ofereciam, e, na prática, permaneceu no plano humano, comportando-se como se comportavam os outros, no mesmo nível de evolução. Foi sempre o mesmo pensamento humano que, atravessada a civilização grega e romana, atravessa agora a civilização cristã, enriquecendo-se cada vez mais de elementos diversos. Esse pensamento, na Idade Média, foi preponderantemente cristão, mas agora não o é mais. Como se aquela forma mental tivesse esgotado a sua função, a mente do mundo pôs-se a pensar de outra maneira e, com a ciência, o pensamento humano caminhou para a frente por sua conta, deixando para trás a orientação cristã, que dantes estava na vanguarda. E se esta tiver que voltar, só será possível em outra forma totalmente diferente. Sem dúvida que, depois de séculos de positivismo científico e após os brilhantes resultados práticos atingidos, a fé, se tiver de voltar, só poderá fazê-lo com uma mentalidade que não será mais a do passado.

Tudo evolui e nem sequer as religiões podem parar. Assim o Cristianismo, emergindo do plano da força (religião mosaica do Deus rei dos exércitos, egoísta e vingativo) tornou-se religião da bondade. e do Amor (Evangelho universal), para tornar-se mais tarde a religião da inteligência e da liberdade (Cristianismo do futuro, em que os mistérios serão demonstrados, baseado não mais no medo das sanções, mas na livre adesão de quem compreendeu que a vantagem é obedecer).

Nestes dois mil anos o princípio da bondade e do Amor lutou para substituir-se ao princípio da força e o impulso da evolução procurou elevar o homem, do plano da lei mosaica ao plano mais elevado da lei do Evangelho. Essa forma religiosa foi apenas uma expressão do fenômeno da ascensão da vida. A luta entre as duas fases de evolução foi dura e, ao menos até agora, não se pode dizer de maneira alguma que o Evangelho tenha vencido. Isto não é um julgamento, muito menos uma condenação, mas somente uma comprovação de fato.

Dadas as condições do ambiente e um conjunto de fatos históricos, o Evangelho teve de permanecer, em grande parte, apenas como uma teoria. O primeiro impulso de Cristo teve de ser substituído, mediante adaptações sucessivas, por outro impulso totalmente humano, imposto pelas necessidades do contingente, pelo qual o princípio de autoridade e disciplina deteve a explosão do Amor evangélico. Por isso não foi possível a emersão imediata, e todos ficaram no nível de todos. Nas lutas entre os dois princípios opostos, a necessidade prática de julgar e condenar levou vantagem sobre a necessidade ideal que era de compreender e perdoar.

Entrando numa ordem de idéias, não se pode mais sair dela, e sua concatenação lógica nos arrastará até ao fundo. Somos livres ao colocar as premissas, mas depois ficamos inexoravelmente ligados a elas. Assim, salvou-se a unidade e a integridade, mas estabeleceu-se uma insanável cisão entre bons e maus, entre julgadores e julgados, entre quem condena e quem é condenado. Recaímos no método humano, próprio das instituições terrenas baseadas na força, o método da lei que pune, que tende, pela autoridade, à imposição e coação com sanções, embora, neste caso, espirituais. Isto se explica, sem dúvida, como dissemos, pela natureza do ambiente terreno e da psicologia dominante em nosso mundo Mas isto não impede que as conseqüências lógicas desse fato não devam ser suportadas até ao âmago.

Foi assim que a psicologia do plano humano, aquela que o Evangelho queria refazer, se aninhou no centro da Igreja. Foi aceita e como que fixada na instituição a figura do malvado; foi reconhecido o mal como potência rival que ameaça a de Deus. Assim, por instinto de conservação num estado de integridade e pureza, o preceito evangélico que tende à aproximação do malvado para acabar em sua redenção e salvação, se inverteu num afastamento dele, para acabar na sua perdição eterna no inferno. Com o sistema do juiz e do castigo, uma classe social dominante poderá defender seus interesses e a sociedade afastar os elementos que a perturbam. Mas estamos sempre no plano humano da luta para a defesa da própria vida, luta entre juiz e julgado, na qual vence o mais forte. Isto não aproxima os dois termos, antes acentua as cisões e a inimizade. O sistema do juiz que condena está nos antípodas daquele que ama para remir. Assim o mal não é absorvido pela não-resistência, mas, ao eliminá-lo com o esmagamento, mais ele é excitado, reforçando a reação, induzindo a uma resposta adequada, no mesmo nível, no plano da força, com a rebeldia. Recaímos no sistema do mundo, no julgamento que divide e afasta, e não do Amor que aproxima e une. Ao invés de chegar à confraternização, o pecador é repellido pelos bons que deveriam ajudá-lo, e permanece um rejeitado. Eis que na luta entre Evangelho e mundo, venceu o mundo e o Evangelho falhou à sua finalidade.

Ficamos presos dentro de uma lógica desapiadada, que não nos permite saídas, detendo-nos no meio, mas que nos constrange a percorrê-la até o fim. E a conclusão é que, com o inferno e o paraíso, bons e maus se separam definitivamente, para sempre. Assim, a cisão triunfa, em lugar da união, e recebe sua eterna confirmação. Desta forma, Deus coloca a sua assinatura na sua falência. O poder do mal permanece de pé, para demonstrá-lo. Restará sempre uma parte do universo em que Deus foi derrotado, em que reina o Seu inimigo, em que venceu e impera o ódio, em lugar do Amor.

O inferno eterno representa a vitória dos métodos do mundo, baseados na punição, sobre os métodos do céu, baseados no Amor. Um castigo eterno que detém a evolução e exclui definitivamente a salvação, supremo fim do Evangelho; uma condição de imobilidade, num estado de dor, que não tem mais finalidade de bem, porque não educa mais, mas é só condenação pela condenação, inútil para a salvação; um Deus que celebra a Sua vitória final apoiando-se nessa inexorável condenação, e não no Amor que é Sua essência. Admitir tudo isto poderá explicar-se como uma temporária necessidade, para que uma instituição seja respeitada, e portanto pudesse ter sobrevivido até hoje no feroz ambiente terrestre; mas, se for admitido como verdade definitiva, isto significa que, na Igreja, deve vencer a lei do mundo e não a do Evangelho.

No inferno, o Amor morreu e foi para sempre sepultado. isto constitui a derrota do Evangelho e a falência do plano divino. Quanto mais gente entra no inferno, tanto mais a Igreja falha na sua finalidade, que é a salvação. Com tal sistema, essa instituição poderá ter vencido sua batalha terrena, sobrevivendo até hoje, mas perdeu sua batalha no céu, com as conseqüências inevitáveis. Isto porque, para resistir na terra, aceitou os princípios do mundo, pôs-se a lutar com os métodos deste, descendo até ao nível dele. Acabou, assim, achando-se desprovida daquelas armas do espírito que estudamos nos capítulos

precedentes. E que vitória final pode esperar uma Igreja que não se apoia, antes de tudo, no espírito, que é a sua alma, reduzindo-se a contar com as normas humanas?

Existe uma única solução, que oferece possibilidade de Salvação; uma solução que deveria ser escolhida por obra de inteligência, ou aceita espontaneamente das mãos da história, antes que esta seja estrangida a impô-la. Trata-se de fazer marcha-à-ré repudiando os métodos do mundo e seguindo plenamente os do Evangelho. Se a lógica daqueles leva à perdição, só a lógica destes pode levar à salvação. Embora o Evangelho ensinasse o contrário, isto é, a reabsorção do mal pelo bem, o que é árduo, preferiu-se, no passado, seguir o caminho mais fácil, que é o de livrar-se do mal, não o curando com a redenção, mas lançando-o todo fora, para dentro do inferno, revigorando-o, com uma sede e organização própria. Assim a infecção, ao invés de ser eliminada por reabsorção, constituiu um centro seu, donde lhe é possível guerrear. Caminho perigoso, porque depois a infecção poderá tornar-se epidêmica. Contra ela não mais se dispõe de armas no céu, porque foram escolhidas aquelas armas enganosas do mundo, e agora ficou-se preso dentro da lógica destas. Iniciado esse caminho, é necessário grande esforço para voltar atrás e depois tomar outro. Iniciado o método das condenações, só se pode insistir nelas, sem compreender-se que, quanto mais usadas são, mais perdem seu efeito. Quanto mais se é obrigado a condenar, tanto mais se dá prova de que a religião do Amor faliu.

Mas a evolução não pode deixar de impor o árduo esforço, necessário para a salvação, de se voltar ao Evangelho, ou seja, aos métodos do Amor e do céu ao invés dos métodos das condenações e da terra. O homem não pode deter o caminho do Evangelho. Se esse caminho de regresso a ele não for escolhido por obra de inteligência ou aceito espontaneamente das mãos da história, será ele imposto pelos próximos cataclismos sociais, encarregados de purificar o ambiente das escórias do passado. Reconhecer-se-á, que o fato de se ter seguido o caminho do mundo foi aceito apenas como condição transitória, imposta pelo grau de involução do elemento humano, com o qual era preciso trabalhar. Com sua forma mental o homem só teria respondido aos terrores do inferno, em que agora já ninguém crê e que não são úteis à evolução; devendo, portanto, ser abandonados como expediente psicológico superado. Assim, sem tumultos, o terrorismo todo medieval do inferno será alijado da vida que avança, e abandonado aos museus da história como coisa desnecessária. Desta forma, tudo fica explicado e justificado, e, sem condenar ninguém, não se detém a função civilizadora e o caminho do Evangelho, que é o que mais importa. Se a história permitiu alguns erros no passado, nenhum homem está isento de culpa, e a perfeição não pode ser atingida no início do caminho, mas apenas no fim. Se o homem não teve de imediato a força de usar os métodos do céu e preferiu os do mundo, não pode eximir-se de pagar as conseqüências; e depois de ter aprendido a lição à própria custa, não pode deixar de colocar-se no caminho da salvação.

Desta maneira, com a bondade e o Amor, será sempre mais aliviado o peso da dor que, embora permanecendo, não será uma condenação eterna, como vingança e falência da obra de Deus, mas um instrumento bendito de redenção, uma escola transitória de evolução, para levar todos à salvação. O inferno é fruto da psicologia terrorista de luta, ditada pela lei de bestialidade ainda vigente no mundo. Enquanto essa psicologia não for superada, e não se chegar a viver no plano mais alto do Amor, no choque entre céu e terra, entre Evangelho e mundo, será sempre o Evangelho o derrotado e o mundo o vencedor.

* * *

A crise atual do mundo é uma crise profunda de todos os seus valores. O homem está saindo de sua menoridade, começa a raciocinar e pede aos chefes que o dirigem, que lhe prestem contas do que fazem,

assim como se cobra aos professores que ensinam, a justificação de suas teorias. Não mais são possíveis as escapatórias do passado, nas quais o homem feroz, mas ingênuo, de ontem, acreditava; o homem moderno, aberto a todas as astúcias, não acredita mais. Muitas ilusões psicológicas caíram após serem analisadas; a crítica revelou o verdadeiro conteúdo dos produtos da explosão de nossos instintos. O mundo quer saber como são cozinhados os alimentos que lhe são oferecidos. O positivismo científico despiu a verdade de todos aqueles mantos barrocos extravagantes e nos fez tocar algo de sólido. É pouco, mas o progresso científico, é, já hoje, a única coisa em que a humanidade acredita seriamente. A conquista da energia movimentou tudo, até a estática conceptual de outrora se dinamizou. Prevalece hoje o conceito de uma verdade relativa em evolução, que é também uma transformação, o fruto de uma conquista progressiva. A pretensão do homem de atingir a verdade com os próprios meios, pelos resultados obtidos com as descobertas científicas, autorizou-o a desinteressar-se da verdade transcendente revelada, que, parece, já secou há séculos, não dando mais novos frutos. A vida, que não pode morrer, parece ter-se transferido para outra árvore. O homem tem fé em outras coisas. Quem se entrincheira no definido e no definitivo, permanece aí congelado e abandonado ao passado da vida que caminha lógica do imóvel absoluto foi substituída pela do relativismo em movimento. Na crise profunda que sacode e renova os alicerces do velho pensamento humano, não podem deixar de ser arrastadas também as religiões.

Nada resolve uns lançarem as culpas sobre os outros; apenas devemos procurar todos juntos a porta de saída para todos. É preciso ter a coragem de erguer-nos por nós mesmos, se não quisermos ser erguidos por força das leis da vida. É indispensável deixar as espertezas e acomodações e falar claro, com sinceridade e honestidade, reconhecendo onde se pode estar errado, para não continuar a errar e depois ter de pagar. Encobrimo, nada se salva, porque o erro continua a piorar, se escondido. Se continuarmos a pôr estuque e pintar a casa do lado de fora, para que apareça bela, enquanto por dentro está caindo, ela terminará ruindo sobre nós. Encontrar-se-ia talvez nessas condições a Igreja católica? Observemos o que está acontecendo, não para condenar, mas para achar um caminho de salvação.

Dois grande inimigos ameaçam hoje a Igreja: 1) O comunismo do lado de fora, que avança, agressivo, e contra o qual ela está em posição de defesa. 2) Um secular maquiavelismo do lado de dentro, e que constitui a sua fraqueza, representando aquela derrota do Evangelho e vitória do mundo, de que acima falamos. Deste modo, estão agora amadurecendo as conseqüências. Observamos os dois pontos, a começarmos pelo primeiro.

Quando a inteligência da história permite que as forças do mal tomem um desenvolvimento excepcionalmente agressivo, isto significa que a evolução para poder avançar, precisa do seu trabalho de destruição para limpar o terreno de todas as construções velhas e erradas. Essas forças, especializadas nesse trabalho a serviço do bem, demonstram-se bem hábeis em descobrir o ponto fraco, o que mais atrai o seu instinto de destruição, assim como os micróbios das doenças agridem de preferência no ponto mais fraco os organismos macilentos. Seria preciso não ser fraco e não oferecer ao inimigo pontos vulneráveis. Estes representam o nosso débito, que temos de pagar, e as forças destrutivas se encarregam de nos cobrar.

Ora, o comunismo descobriu qual é o calcanhar de Aquiles da Igreja, isto é, que ela pactuou com o mundo, colocando-se no nível deste, deixando escapar de suas mãos o poder das armas espirituais. Da parte dos agressores é sentida, mesmo sem compreendê-la, essa fraqueza, e eles querem aproveitar. O programa do Evangelho não era o da justiça social? E que se fez em dois mil anos para consegui-la? Foi preciso que a revolução francesa interviesse, para corrigir os abusos a que se chegara, justamente na direção oposta, fruto da aliança do clero com a aristocracia. Por que, com esse sistema, deixar escapar um grande programa, que deveria ter permanecido, para ser aplicado? Dessa forma, ele caiu em outras mãos,

nas de quem teoricamente, pelo menos, o professa, e com isto faz prosélitos, utilizando-o como ideologia de propaganda. Assim um dos pontos fundamentais do programa de Amor e justiça do Evangelho volta agora, em forma invertida, como uma espécie de reação punitiva, para o lugar de onde deveria ter partido, e volta para destruir aquele órgão que deu provas de ter sido muito fraco e de não ter sabido executar a sua função. O que não foi feito espontaneamente por si mesmo, é agora imposto à força pelos outros.

Se a Igreja não tivesse pactuado com o mundo e não tivesse aceito o seu poder terreno, hoje o comunismo nada teria de dizer nem para atacar, porque a justiça social já teria sido realizada. Aceitar as ofertas do mundo e possuir o seu poder, pode parecer uma vantagem. Mas quem assim procede envolve-se com o sistema relativo de que mais tarde precisará fatalmente suportar a lógica e as conseqüências até ao fundo, como vimos. E é isto justamente que está acontecendo hoje. Descobrir e acusar os defeitos do inimigo, lançar-lhe em cima as culpas que ele tem não nos liberta das nossas culpas nem da necessidade de pagá-las. Cada um assume a própria responsabilidade.

Será que um católico, que se defende do comunismo, jamais pensou no que tenha feito a Igreja em dois mil anos para impedir que ele nascesse? E em vez de reclamar e condenar, não pensa que para vencer o comunismo, o verdadeiro modo de combatê-lo, seria já ter realizado o seu programa, ou pelo menos arrancá-lo às mãos comunistas para realizá-lo em seguida? Para vencer um inimigo na parte errada, é preciso não ser vulnerável na parte em que ele tem razão, a fim de não oferecer o flanco às suas acusações. Para repreender as culpas dos outros, é preciso não as possuir no mesmo terreno. Para poder pregar um dever, seria preciso primeiro cumpri-lo. Como se pode lançar a pedra, quando não se está sem pecado? Ter-se-ia o direito de condenar, desde que já se tivesse feito alguma coisa para realizar a justiça social. Condenam-se os métodos de violência que constituem a culpa da parte oposta, enquanto se poderia responder que a história, para atingir um estado de mais justa distribuição econômica, teve de confiar aos elementos piores, para que o executassem com a força, aquele mesmo programa que era destinado aos elementos melhores, e que deveria ter sido executado com a bondade, por força do amor.

Assim ambas as partes lutam no mesmo plano humano, como seres do mesmo tipo e plano biológico, cada um acusando e condenando as culpas do outro, em vez de procurar libertar-se das próprias. O método é igual: procurar mostrar os erros alheios e esconder os próprios. Mas qual a verdadeira razão de a Igreja tão energicamente combater o comunismo? Será por que — conforme diz — este é irreligioso e ateu, por que insincero e violento, ou por que ele é anticapitalista? E de outro lado, se o comunismo assalta a Igreja, fá-lo porque ela é espiritual e crente, idealista e pacífica; ou por que, com o pretexto da justiça social e do anticapitalismo, quer apossar-se de seus capitais? No caso do choque entre comunismo e democracia, parece, e até mesmo se afirma, que se trata de um choque de ideologias. Mas como nos achamos diante do mesmo tipo humano, é muito mais verossímil que o verdadeiro móvel de todos seja o interesse, a avidez, o espírito de domínio, o desejo de poder. Não agem todos da mesma forma? Cada um não se coloca do lado do ideal e da justiça, naturalmente para condenar em seu nome todos os outros? O mesmo tipo de homem não faz em todos os lugares, com os mesmos métodos, o mesmo jogo? Em vez de exigirem primeiro, de si mesmos, o cumprimento dos próprios deveres, acusam os outros de não cumprirem os deles; exige-se deles a realização, alegando o direito próprio de lhes impor a execução. A verdade é que todos vivem imersos no mesmo plano da luta, da força e da astúcia, à caça dos bens e poderes materiais, que constituem o único ideal em que o mundo hoje efetivamente dá provas de acreditar.

* * *

Observemos, agora, o segundo ponto. Se o comunismo representa o inimigo exterior, ameaça a Igreja outro inimigo, ainda mais temível, porque interno: o maquiavelismo. Já procuramos explicar fatos cuja existência não se pode negar. Procuremos agora explicar outros fatos.

Já falamos do maquiavelismo no cap. II do nosso volume **Problemas Atuais**, fazendo a crítica desse método. Vejamos agora a posição da Igreja a esse respeito. É neste ponto que vemos chegar até suas últimas conseqüências práticas o nítido antagonismo colocado pelo Evangelho, entre ele mesmo e o mundo. Trata-se de dois inimigos irreduzíveis, entre os quais não é possível pactuar: "Ninguém pode servir a dois senhores; ou amará um e odiará o outro; ou se afeiçoará a este e desprezará aquele. Não podeis servir a Deus e a Mamon". O pensamento é bastante explícito, para que se possa torcê-lo e achar escapatórias.

A Igreja não podia deixar de encontrar-se diante da necessidade de resolver esse quesito, que pertence a todos, o que nós mesmos fizemos neste volume, e no de **A Grande Batalha**. Se quisermos realmente viver o Evangelho, temos de depor as nossas armas terrenas e, cumprindo todo o nosso dever, deixar que Deus nos defenda com a Sua Providência. Nosso dever não deve basear-se na força nem na astúcia, mas na justiça e no fato de haver merecido, por ter obedecido à lei de Deus, a Sua ajuda e proteção. O mundo admite apenas os próprios meios, únicos nos quais acredita. Maquiavel leva até às suas últimas e mais sutis conseqüências esse método. O cristão, que segue o Evangelho, deveria colocar-se nos antípodas e seguir o método oposto: "Procurai sobretudo o reino de Deus e Sua justiça, e todo o resto vos será dado por acréscimo". A conclusão a que não se pode fugir, é que a Igreja e o cristão, se quiserem ser coerentes, observando os princípios fundamentais de seu código, devem ser irreduzivelmente antimachiavélicos, afastando de si, como diabólico, um método de vida que representa a quintessência destilada da patifaria do mundo.

Se perguntarmos a qualquer cristão que professe o Evangelho, o que acha mais seguro, se ter merecimento da parte de Deus, ou ter dinheiro no banco e possuir bens, poderemos estar certos de que, mesmo que nas palavras proteste o contrário, nos fatos dará prova de que sua fé e confiança são todas baseadas nos bens e não nos méritos. Se o mundo fosse sincero deveria dizer: este é o meu método, e por isso o sigo. Então a separação seria nítida e visível. Mas o maquiavelismo louva, com palavras, o sistema evangélico, para seguir, nos fatos, sem declará-lo, o sistema do mundo. E é assim que, com o maquiavelismo, o método do mundo consegue, sob falsas aparências, escorregar dentro do campo oposto, que, pouco a pouco, por pequenas e gradativas concessões, se acha, quase sem percebê-lo, — engodado pelas vantagens imediatas, e justificando-as pela sua finalidade de bem, — adotando o método do inimigo. Foi dessa forma que o maquiavelismo pôde entrar na Igreja.

Esta não tardou a compreender a inconciliabilidade entre maquiavelismo e cristianismo; mas depois teve de condená-lo, proclamando-se antimachiavélica, e talvez o fosse, por uma necessidade de purificação imposta pela reforma protestante. Mas nem por isso a infiltração do maquiavelismo cessou. Oferecia ele a grande vantagem tangível, imediata, de resolver — ao menos aparentemente — o penoso conflito entre o Evangelho, código que a Igreja devia seguir e o mundo, em que no entanto ela tinha de viver. Embora não incentivado pelo Evangelho, tratava-se de um modo prático e astuto, de resolver o difícil problema. Através de um compromisso, chegava-se à paz que permitia uma convivência tranqüila. Escolhia-se o caminho do menor esforço, já que era mais difícil resolver o caso com a vitória de um dos inimigos. Fazer o mundo vencer abertamente, seria colocar-se em contradição flagrante com os próprios princípios. Fazer vencer o espírito requeria esforço impossível e inatingíveis qualidades de santos. Assim, ao contrário, cada um dos dois inimigos cedia um pequeno espaço ao outro e se conseguia viver ao lado

do Evangelho e neste mundo, duas necessidades imprescindíveis. Desta forma podia-se acreditar até que se domesticara um pouco o mundo, para glória de Deus. Diante dessas concessões, a consciência sentia-se justificada, pela finalidade do bem que assim parecia poder conseguir-se. E a infiltração continua escudada na teoria do fim que justifica os meios.

Chegamos deste modo ao seguinte impasse: para atingir os supremos objetivos do espírito, a Igreja usa os métodos do mundo; possui, e se torna Estado e potência política, econômica, bélica, chega a fazer guerras e a abençoar as armas, a instituir tribunais, a construir para si um direito canônico próprio e a executar legítimas condenações a morte (fogueira). É lícito então perguntar-se: por onde se perdeu o Evangelho? Estaremos diante de uma contradição necessária que trará bons frutos? Teremos sabido achar, na acomodação, uma nova virtude mais sutil, que o céu não pode aprovar? Ou trata-se verdadeiramente de uma traição ao Evangelho, enganado e emborcado pelo inimigo que, com a mais diabólica das astúcias, se sentou na Igreja para comandar como senhor? Essa acomodação que permite a convivência, não será uma derrota, ao invés de uma vitória? Não terá acontecido uma espécie de simbiose, como aquela a que se reduz um organismo que se adapta a suportar a vida dos micróbios, fortes demais para que ele consiga expulsá-los, e que assim se fixam dentro dele, gerando a doença crônica? O maquiavelismo não se terá tornado a secular doença crônica da Igreja?

Começando esse caminho, é fácil escorregar até ao fundo. E "fundo" significa que o micróbio, no fim, mata o doente, ou seja, que o mundo vence o Evangelho. Perigo mortal, portanto. Talvez os primeiros que se encaminharam nessa direção não tivessem compreendido aonde se poderia chegar. Mas repetimos: quando se entra na lógica de um sistema, fica-se preso a ele até ao fundo. Sem dúvida não se poderia pretender que os homens, formadores da Igreja nos séculos passados, fossem tão clarividentes que previssem conseqüências tão distantes, nem mesmo que fossem santos, capazes do heroísmo necessário para viver o Evangelho. Mas permanece o fato: as conseqüências são inevitáveis; preparam-se grandes choques dolorosos mas purificadores; e não é nesta sua forma atual que a Igreja poderá sobreviver. O problema atual não é buscar culpados para condenar, mas salvar o que pode ser salvo. Se no fim conseguirem fazer marcha-à-ré com o regresso ao Evangelho, então tratar-se-á apenas de um parêntese de adaptação, talvez necessário ao longo do caminho ascensional do Evangelho, e a enfermidade será curada.

Com o princípio de que o fim justifica os meios, pode chegar-se ao uso da violência para estabelecer a paz, da astúcia para defender a verdade, dos expedientes humanos para fazer descer à terra o divino. Podemos assim medir todas as gradações do progressivo emborcamento do Evangelho nos métodos do mundo. É um lento e inadvertido corromper-se, mas que só pode acabar revelando-se numa crise. A contaminação é sutil; o mal permanece sempre escondido como indevassável vírus no fundo dos tecidos orgânicos; não se sabe até que ponto se cedeu e até que ponto se resistiu; não se sabe onde se está doente e onde se está são; se somos maquiavélicos ou antimachiavélicos, tanto mais que uma das normas do maquiavelismo é a de não parecer seguidores dessa escola e de declarar-se antimachiavélicos. Assim se passa da tolerância à acomodação, depois à astúcia, a seguir à mentira e, uma vez aceito o método de lançar as redes, nelas mesmas se fica preso. Não se sabe mais se o mal que se pratica é ou não uma vitória do bem; se é justo ou não favorecer injustiças necessárias, perdidas no particular e justificadas pela vitória de uma justiça maior.

O fato é que tanto o Evangelho, como o mundo, tem cada um a sua lógica. São tão opostas, que resultam inconciliáveis. Quem tentar fundir as duas lógicas, achar-se-á como quem quisesse colocar-se entre dois campos inimigos, recebendo os golpes dos dois lados, sem possuir, para defesa própria nem as armas de um lado nem as do outro. O Evangelho explicou bem claramente que não se pode servir a dois

senhores. O que quer dizer que é preciso decidir-se, na escolha, entre as duas lógicas, rumando por um caminho certo para segui-lo até o fim. Parar no meio do caminho, procurar a solução nas escapatórias por atalhos e estradas laterais, engolfar-se na via das sutilezas e das discriminações, abandonando a estrada reta, tudo isto acaba lançando-nos no caos em que, a força de querer distinguir sutilmente entre honesto e desonesto, uma só coisa se sabe com segurança: que não se é de maneira nenhuma honesto. Chega-se, então, a uma moral em que, à força de destilações filosóficas, se pode ir aonde se quiser, e a lógica férrea de um sistema reduz-se a uma opinião, sobre a qual sempre pode discutir-se. Eis que o mutável e o relativo do mundo assumem a supremacia sobre aquela que se proclama verdade revelada, absoluta.

Os caminhos do mundo são traidores, porque engodam oferecendo vantagens imediatas, mas depois nos fazem pagar, porque nos levam por uma estrada escorregadia, cheia de armadilhas. Assim, consegue-se mentir acreditando que não se mente; consegue-se imaginar que se está fazendo o bem, enquanto fazemos o mal. Mas o veneno sutil e doce não pode deixar de produzir os seus efeitos. No fim nós mesmos ficamos fragmentados entre um antimaquiavelismo professado e um maquiavelismo praticado, posição ambígua, em que não mais sabemos o que somos; e para poder usufruir das armas dos dois sistemas opostos acabamos como dizíamos acima, não tendo à nossa disposição nem as armas de um nem as do outro. A astúcia do jogo duplo é a mais perigosa e enganadora das astúcias. E de tal forma complica a defesa que, a certo ponto, se torna impossível. Nasce então uma moral e uma conduta divididas do dualismo entre o que se pode, e o que não se pode declarar; entre as normas de domínio público e as secretas; entre o explícito e o implícito. Uma discussão franca, visando ao entendimento torna-se impossível, pelo fato de que uma parte da verdade será sempre calada e subentendida.

Nessa psicologia mergulhou particularmente a Companhia de Jesus, tanto que, na linguagem comum, costuma dar-se à palavra jesuíta o sentido de maquiavélico. Tendência da Igreja, a mundanizar-se e tornar-se política, sempre com a finalidade do bem. Não uma posição nítida do limite entre lícito e ilícito, de acordo com uma lógica única, mas a oscilação do limite segundo os casos, sobrepondo-se à retilínea lógica do Evangelho, a contorcida lógica do mundo, sem compreender que assim não se chega a um acordo, mas à contradição. Acaba-se em luta consigo mesmo, o que constitui a maior fraqueza. Fraqueza perigosa porque situada nos alicerces do edifício, ameaçando fazê-lo ruir; fraqueza no ponto mais vital do organismo que, por isso, adoece; fraqueza na coluna central da Igreja, que é a fé em Deus e no poder do espírito. Então o navio perde o leme, e o exército as armas, e a Igreja fica à deriva das forças da matéria e do mundo.

O verdadeiro cristão aceita uma única lógica: a do Evangelho. Não sobrepõe uma lógica à outra, para delas fazer um composto híbrido; não desconjunta a solidez de um processo lógico, que significa, na prática, solidez no desenvolvimento de forças em que adquirem forma as proposições desse processo. A Igreja colocou-se nesse encaixe e assim oferece o flanco vulnerável. E agora correm, para golpeá-la nesse ponto, os infiéis sem Deus, e essa vulnerabilidade facilita-lhes a vitória. Não estamos condenando, repetimos, pois isto não adianta a ninguém. Estamos olhando o temporal que se aproxima, como conclusão fatal das premissas que foram colocadas voluntariamente. A borrasca dá-nos, infelizmente, a prova de que estas considerações são verdadeiras. Que fará a Igreja diante do comunismo? Deus a salvará? De que forma? Que ficará dela após o cataclismo? Esses problemas estão nas mãos de Deus.

Como poderá uma Igreja, que já se colocou no terreno econômico-político de todos, deixar de usar as armas deste plano humano, e, quanto mais forte for o ataque, deixar de insistir nelas cada vez mais? Mas são elas justamente o seu maior perigo, que a impede de salvar-se! E como pretender que uma avalanche que está rolando desde séculos possa deter-se repentinamente, para fazer marcha-à-ré? Poder-se-á justificar tudo como uma necessidade de legítima defesa. Ao maquiavelismo jamais faltam razões para

legitimar suas obras. Assim o mundo com seus métodos se assenhoreará sempre mais da fortaleza do espírito, até chegar à meta cobiçada, que é desmantelá-la por meio do inimigo interno, justamente quando o externo, o comunismo, estiver lançando o ataque.

O momento é gravíssimo, porque a Igreja tem de lutar contra dois inimigos, o interno e o externo. O primeiro é produzido pelo fato de que ela funciona, há séculos, maquiavelicamente, e agora, como consequência, pôr-se a lutar contra o comunismo no mesmo plano humano dele. Isto significa não permanecer no plano espiritual, acima dos combates, mas ficar, como coisa humana, mergulhada dentro da luta humana. Então surge, para defender-se e não ficar inferior em armas, a necessidade de aceitar e usar sem outros escrúpulos, todas as armas do mundo, já que agora é difícil demais voltar atrás. Mas se é justamente esse caso que leva à derrota, como impedi-la? Se é muito difícil de um só golpe renovar um hábito, para achar a lógica da fé, pura, absoluta, sem os compromissos do maquiavelismo, se o organismo do enfermo não pode suportar o remédio, como se poderá curá-lo?

E no entanto, as duas lógicas antitéticas continuam a corroer-se mutuamente. A lógica da fé gostaria de matar a do mundo, e a do mundo destruir a da fé. Só no primeiro caso, mesmo à custa de perseguições, de espoliações e destruição de toda a superestrutura terrena, é que a Igreja poderá vencer, da única maneira possível: fortalecendo pelo poder espiritual, o que lhe compete, e reentrando num terreno que é seu, e no qual ninguém pode vencê-la. Assim a Igreja poderá perder a batalha na terra, mas a vencerá no céu, o que reforçará a sua missão na terra. Mas, se para vencer a batalha na terra, chegar a perdê-la no céu, a Igreja a perderá em ambas as frentes porque, numa, traiu a sua missão, e no plano humano será liquidada como é de justiça fazer-se com os fracos e vencidos. Esta é a força lógica das coisas, e não há poder humano que permita sair disso. Portanto, um método único existe, com o qual pode a Igreja combater e vencer a atual batalha, e já vimos qual é.

Mas, no fundo, se olharmos o que aconteceu no passado, o que acontece agora e o que deverá acontecer, só podemos admirar a sabedoria de Deus que tudo dirige e salva, utilizando os elementos que se acham disponíveis no mundo. Assim tudo se explica a seu tempo e no devido lugar. A imperfeição humana escapam erros e a história traz-lhes remédios, impondo o necessário corretivo, executando a dolorosa operação salvadora.

Bem ou mal, a Igreja conseguiu chegar até hoje, através do tempestuoso oceano da Idade Média. Para chegar a isto, interessou-se antes de tudo em salvar-se como instituição e como unidade, exigindo para isso disciplina e obediência como autoridade, mais do que cuidando do aprofundamento dos princípios, da solução dos problemas do conhecimento, da evolução do pensamento e das consciências. Achou assim que talvez fosse melhor não tocar na casa de marimbondos de problemas tão espinhosos, difíceis, sempre controvertidos, de solução própria, inatingível, enquanto permanecia mais acessível e agradável ao povo a faustosa encenação do rito, da arte, da suntuosidade dos grandes templos. Desta forma, as massas, mais satisfeitas, aderiam com maior facilidade. Mas também a exterioridade e a forma, qualidades do mundo, venceram, substituindo-se à interioridade e à substância, e a Igreja se foi esvaziando de seu mais precioso conteúdo que é o espiritual. No barroco, encontrou o seu estilo e o aceita, sem ao menos suspeitar o verdadeiro significado dele, que é o de ser a mais ofensiva expressão da vitória da exterioridade mundana e do vazio interior. Com o barroco fixou-se na Igreja e ainda aí permanece: o teatral e o fantástico em vez do simples, o confuso em vez da sinceridade, o artifício no lugar da verdade, a ficção em vez do superamento, no espírito a materialidade da vida dos sentidos. Estilo que exprime uma época e sua forma mental. Assim, a arte religiosa torna-se humanamente esplêndida, pagamente grandiosa e espetacular, em vez de humilde e crente. E tudo isso ocorre com tanta convicção, que nem sequer se percebe a contradição, e surge vontade de perguntar: mas será que a Igreja percebeu o desgarramento, pelo qual a fé

se tornou uma exterioridade? De tal forma o mundo venceu o espírito, que ninguém mais vê que tudo está extraviado, e, mesmo fora, estão persuadidos de continuar no caminho certo e que esta é uma ótima expressão do pensamento do catolicismo. Dessa maneira, a psicologia do mundo e do paganismo entra nas igrejas e aí fica, funde-se com a religião e adormece o espírito, envolvendo-o na magnificência de seus planejamentos.

Assim foi a Igreja navegando pelo mar do tempo. Sacudida pelo assalto da reforma, organizou a contra-reforma, levada por um só instinto: sobreviver de qualquer modo. O trabalho mais urgente e a maior preocupação foram as de salvar a instituição, mais do que a fé, e a de salvar a fé que se tornou instrumento para salvar a instituição. Ocorreu então que o meio terreno se tornou meta, e a meta celeste se tornou meio.

Dessa inversão derivou um fato grave: a Igreja teve de assumir uma posição negativa, de defesa — que ainda mantém — colocando-se assim numa posição de grande desvantagem, pois é um fato que a posição positiva pertence hoje ao inimigo que passou ao ataque. Como se explica isto? Tudo é lógico. A Igreja pode ser afirmativa apenas em seu terreno, ou seja, no espírito. Tornando-se potência terrena, desviou o seu centro vital para o lado oposto, do mundo, que ela assim reconheceu e aceitou; transplantou-se para o campo do inimigo, colocando-se assim no rol das coisas humanas. Se com isto conseguiu a vantagem imediata de tornar-se presente e afirmativa naquele plano de vida, que não é o seu, isto a tornou ausente e negativa no plano próprio, o do espírito. Enquanto a Igreja julgava conquistar novos poderes, este fato a privava de sua força maior, porque a reduziu ao nível das instituições terrenas, que desta maneira a podem tratar de igual para igual, como potência do mundo, nada mais. Pode ter parecido uma astúcia vantajosa, a de querer colocar-se também nesse outro terreno, o do mundo; mas no fim, tudo se reduziu a uma traição, e desse lado nada mais se podia esperar, como bem avisa o Evangelho. Essa posição negativa significa o esvaziamento espiritual da Igreja, o que quer dizer perda de seus maiores poderes, isto é, achar-se em posição de fraqueza e vulnerabilidade, justamente na luta em que se procurava vencer. A troca foi muito desvantajosa: de um organismo espiritual superior reduzir-se a uma instituição humana; assumir uma posição terrena, que não é a sua, e portanto de inferioridade, enquanto a posição da Igreja, como espiritual, deveria ser de superioridade diante de qualquer organização humana. Saindo do terreno próprio, e transportando-se ao do mundo, aceitando as armas do inimigo, a Igreja iludiu-se, acreditando poder afirmar-se melhor com isto. Por haver renunciado, porém, à própria superioridade espiritual e às armas do espírito em que residia toda a sua força, desceu ao nível das coisas terrenas, perdendo aquelas armas, e ficando com outras que não são as suas, que não pode usar, numa luta desigual com quem as possui como próprias, e as pode usar e com elas sabe tornar-se bastante forte. Podemos assim explicar-nos tudo, ou seja, como a Igreja se enfraqueceu tanto hoje, pelo menos como potência espiritual; como, diante do inimigo que se movimenta para o ataque, ela se acha em posição negativa, em atitude de defesa, que, pode, a cada momento — como num exército que não esteja bem armado — transformar-se numa fuga.

Mas, conforme dissemos, não pode pretender-se que os homens sejam todos gênios que saibam prever a séculos de distancia, nem que sejam todos heróis, querendo escolher para si mesmos os caminhos mais árduos e difíceis. Mas, então, por isso se deteria o progresso e se concederia à insipiência humana tanto poder, que paralisasse a evolução da vida? E então, como resolver o problema? Quando a imperfeição humana chega a comprometer o fatal desenvolvimento dos planos da história, então entra em jogo a inteligência desta que, com acontecimentos apropriados, constringe a passar pela estrada estreita e espinhosa, aquela que o comodismo nos fez antes evitar, mas que é necessário percorrer para chegar à salvação. Então, Deus abre as portas do inferno, de modo que todos os diabos desencadeados saiam para agredir a quem errou; em outros termos, deixa livres, para explodir, as forças do mal, que se tornam instrumento da justiça divina, para que se realize a operação cirúrgica de limpeza e cura. O mal funciona a

serviço do bem, e chegam destruição e dor para recolocar-nos na posição devida, fazendo triunfar o espírito. Assim, aqueles diabos desencadeados e cegos trabalham intensamente para que Cristo triunfe. A salvação que poderia ter sido feita por obra de inteligência e boa-vontade, e que não foi feita, agora se faz pela força. Trata-se apenas de um caminho mais doloroso e mais longo. Mas o objetivo é alcançado do mesmo modo. Ninguém pode deter a história e o progresso. Mesmo o que o homem possa fazer todas as coisas, não obstante tudo continua a funcionar perfeitamente na perfeição de Deus.

VI

DINÂMICA DA EVOLUÇÃO

O telefinalismo da evolução. Não mais materialismo evolucionista, mas evolucionismo espiritualista. Da matéria à vida. A técnica construtiva da evolução. Uma inteligência dirige o fenômeno, que é regresso à perfeição perdida, meta preestabelecida e fatal. Objeções. A técnica da tentativa prova e não desmente o telefinalismo. A entropia. Dinamismo cósmico e dinamismo biológico. A vida na conquista do movimento para domínio da dimensão espaço.

Até aqui estudamos, a propósito de um caso vivido, o fenômeno do choque entre involuído e evoluído, explicando seu significado com teorias gerais. Observamos, depois o mesmo fenômeno, mas em dimensões maiores, na luta entre o Cristianismo como representante do Evangelho, e o mundo, e ao contrário. Até agora permanecemos num terreno prático, como a realidade da vida se nos apresenta na terra. Nesta última parte do presente volume, dilataremos ainda mais os nossos horizontes, ampliando a nossa visão para considerar outro aspecto diferente de *A Grande Batalha*.

Revelar-nos-á ele o vasto e profundo significado biológico do fenômeno dessa batalha, sua importância para o desenvolvimento da vida, e a que resultados maravilhosos tende o fenômeno, levando com ele o ser. Isto nos erguerá acima deste mundo, do qual tivemos que ocupar-nos até agora, colocando-nos em contato com os princípios universais, que estão na raiz mais profunda desse fenômeno, do qual traçam o caminho e impõe as conclusões. Esses princípios são os teológicos, demonstrados nos dois volumes: *Deus e Universo* e *O Sistema*, princípios que aqui voltam, aplicados e confirmados em contato com a realidade da vida, onde são observadas onde são observadas as suas conseqüências práticas. Essa subida permitir-nos-á unir a realidade do relativo aos princípios que o dirigem, no plano das causas primeiras, e isto com absoluto sentido unitário que liga tudo, e tudo funde monisticamente, fazendo achar a causa no efeito e o efeito na causa.

Poderemos justificar assim, racionalmente a concepção de involuído e evoluído em que se baseia este tratado, dando a esta concepção fundamento cientificamente positivo, de acordo com o que a biologia admite. Poderemos explicar e provar nossa afirmação de que o Evangelho representa a lei da humanidade futura. Mesmo pelas teorias da ciência, poderemos sustentar que a evolução leva o homem à sua própria espiritualização, pois é esta direção em que a vida progride, e é no espiritualizar-se que verdadeiramente

consiste o telefinalismo da evolução. Assim, por outros caminhos positivos, poderemos dar plena confirmação às afirmativas em que nos baseamos no desenvolvimento desta obra, uma confirmação lógica, enquadrada no seio da lei, ou seja, no seio do plano que dirige o funcionamento e a evolução do universo.

Que haja um telefinalismo na evolução e que ele seja representado pela espiritualização, já o afirmamos várias vezes neste volume, em rápidas referências. Desenvolvamos agora esses pontos, explicando-nos o que isto significa e analisando o fenômeno e as razões pelas quais isto acontece. Reside a explicação lógica desse fato numa razão profunda.

No volume *O Sistema*, foi demonstrado que a evolução representa o trabalho de reconstrução do sistema, a partir das ruínas do anti-sistema em que aquele caíra. Trata-se de uma experiência do fenômeno da evolução que são mais exaustivas e profundas do que as oferecidas pela ciência que, segundo a concepção materialista de Darwin e Haeckel, sem penetrar no mundo das causas, se detém na superfície dos efeitos, onde aparece apenas o desenvolvimento morfológico dos órgãos. A este, que é um materialismo evolucionista, podemos agora substituir um evolucionismo espiritualista.

Podemos assim penetrar o significado íntimo do fenômeno da evolução, ou seja, o de ser um processo de reconstrução de um sistema destruído. Impõe-nos este fato consequências importantes. Com efeito, o modelo a reconstruir preexiste ao processo evolutivo e estabelece a sua meta que constitui justamente o telefinalismo. Esse modelo já existe e, se o atual estágio de evolução ainda está distante, ele já possui um objetivo determinado, que deverá atingir ao identificar-se com o modelo. As fases sucessivas do progredir e aperfeiçoar-se da vida são gradativas aproximações a este estado final. Este é estabelecido pelo sistema perfeito, não decaído, que representa a primeira criação operada por Deus. Eis então que a evolução não caminha ao acaso, abandonada a si mesma, mas é guiada pela atração para a meta longínqua, para a qual tende a marcha, como sobre um binário marcado por um raio de luz.

Há mais, porém. Se conhecemos o ponto de chegada sabemos também qual é o ponto de partida da nossa evolução: a matéria. Em *A Grande Síntese* traçamos todo o caminho a que a evolução submete o ser, da matéria ao espírito. Chegamos a saber, assim, mais do que pode dizer-nos a ciência, porque, conhecidos o ponto de partida e o ponto de chegada da evolução, pode estabelecer-se também todo o traçado do seu caminho. É verdade que, no relativo, as estradas pela quais se pode evoluir são muitas; mas se são diferentes na forma, são iguais na substância, porque todas levam ao mesmo objetivo, e partindo da matéria vão ao espírito, ou seja, ao sistema e a Deus, que é o seu centro. Tudo parte de um pólo onde tudo se encontra no negativo (mal, trevas, dor, morte etc.), e caminha para um pólo em que tudo se encontra no positivo (bem, luz, alegria, vida etc.).

Eis então que a evolução se nos revela em seus mais profundos significados, como um fenômeno não casual e isolado, mas como um processo fundamental, enquadrado na ordem universal, como parte integrante do sistema, em função do objetivo supremo desta; um fenômeno guiado por uma inteligência e poder que o disciplinam, determinado por Deus e sujeito à Sua Lei, que permaneceu de pé mesmo depois da queda, para dirigir e salvar tudo. Os primeiros biólogos que descobriram a evolução nem sequer sonhavam com tudo isto. O conceito de telefinalismo está implícito nessa concepção. Ainda que o particular seja deixado ao livre-arbítrio individual, à mercê das tentativas e do erro, em suas grandes linhas o fenômeno da evolução é fatal e amarrado a um caminho próprio preestabelecido. Pode-se evoluir de várias maneiras, mas somente caminhando para Deus.

Já está, portanto, estabelecida a forma que deverá assumir no futuro da evolução humana, ou seja,

que ela só pode consistir no espiritualizar-se. Seu profundo trabalho criador faz-se no terreno das causas primeiras, que está no íntimo do ser, mesmo que se trate, como no passado, de construções morfológicas, que explicamos como produto ideoplástico. O regresso a Deus só pode significar o despertar, no ser, de todas as qualidades espirituais que aproximam de Deus. Assim se explica por que a evolução, quanto mais se sobe, mais se deve verificar no íntimo, no profundo, onde Deus está em nós. Assim se explica por que o caminho da evolução, para a raça humana que já se tornou madura, só pode continuar na forma de sua espiritualização. Significa isto o despertar do ser por conquista do conhecimento e consciência; significa desenvolver a vida interior; compreender e viver o espírito do Evangelho, e com isto realizar na terra o reino de Deus: espiritualização, porque a evolução vai da matéria para Deus, que é o espírito; desenvolvimento da vida interior, porque Deus é interior e não exterior ao ser e ao universo.

Aqui se vão delineando os argumentos racionais, positivos e científicos, que demonstram a exatidão de nossa precedente colocação do problema de *A Grande Batalha*, provando-nos que nosso ponto de vista não foi criação arbitrária de teorias, apenas para nos dar razão, mas que elas justificam e confirmam verdadeiramente a nossa interpretação dos fatos que narramos e dos fenômenos trazidos a exame.

Assim também obteremos confirmação da ciência, para a nossa tese do valor universal do Evangelho como fator biológico de evolução. O Evangelho insere-se na evolução, acompanhando o seu telefinalismo, com o qual coincide, porquanto é espiritualização. Que mais podemos fazer? Mais não podemos dar, porque mais não temos. Em nossos livros oferecemos todos os meios que o sentimento, o pensamento e a palavra podem oferecer para orientar, e também os dados positivos da ciência. Fazemos isso para cumprir nosso sagrado dever. Aproveite quem quiser, como um salva-vidas, na hora do “salve-se quem puder”. É ordem da Lei, que é vontade de Deus, que se tenha de fazer este passo à frente na realização do Evangelho, o que quer dizer, na evolução da vida. A hora está madura, porque o mundo de hoje está espiritualmente em diluição, como no tempo do imperador Constantino estava o mundo romano, e de suas ruínas nascia o Cristianismo. Repitamo-lo para o Evangelho: “In hoc signo vinces”², para que do desfazimento do mundo de hoje nasça o novo cristianismo do Evangelho, vencendo a Grande Batalha.

Estes livros querem salvar o que pode ser salvo. Mas que podemos oferecer senão conceitos e avisos? Sozinhos, estes não podem ter poder decisivo para refazer o mundo. Seria loucura imaginá-lo. Então, a sua maior força não reside apenas nos argumentos escritos, porque o mundo está habituado a zombar dos sermões há muito tempo, como zomba de todas as religiões, do Evangelho e de Deus. A força destes livros, então, baseia-se nos acontecimentos que Deus prepara, aos quais o homem não poderá resistir e dos quais não poderá escapar, acontecimentos históricos que liquidarão o nosso mundo apodrecido, como foi liquidado o império romano. Quando isto tiver ocorrido, os elementos negativos da humanidade, contraproducentes para a evolução, terão sido todos afastados, assim como, pela mesma lei, ocorreu no pequeno episódio narrado.³ E então estes escritos adquirirão um valor que o homem de hoje (que os aceita ou condena conforme sirvam ou não para o seu partido religioso) não pode, com tal forma mental, compreender, e que de fato, com tudo isso, demonstra não ter compreendido ainda. Se eles fossem apenas obra humana, não se explicaria a sua linguagem. Mas paralelamente a eles estão amadurecendo grandes acontecimentos históricos (V. volume: *Profecias*) e a mão de Deus é tremenda, quando é necessária a destruição, que executa sem piedade, e quando a operação do corte cirúrgico é necessária para o bem do enfermo a quem se precisa salvar a vida.

² “Com este sinal venceremos”. (N. do T.)

³ Fato narrado no livro *A Grande Batalha*

* * *

À sua velha concepção mecanicista do mundo, segundo a física clássica, a ciência substitui hoje a de uma física quântica e estatística, em que não mais dominam leis dinâmicas, mas leis estatísticas ou de probabilidade, não mais reguladoras de um caso singular, mas de inumeráveis processos individuais; leis que governam uma multidão de acontecimentos, nos quais o indivíduo desaparece (V. *Problemas do Futuro*, cap. XVII, “As últimas orientações da ciência”). Eis o que nos diz a estrutura atômica da matéria, hoje, que a velha visão do conjunto-observação que poderia chamar-se macroscópica ou de síntese — se substitui uma visão analítica da matéria, da qual se penetrou a estrutura, com uma observação submicroscópica e intuitivo-matemática. Compreendeu-se então que a concepção estática da matéria, como um sólido imutável, era devida apenas à escala de observação usada pelo homem no passado. Verificou-se que, mudando as dimensões da escala de observação, o fenômeno se revela constituído segundo uma natureza diversa. Assim a física se baseia hoje em resultados gerais de massa, segundo os quais de uma desordem básica pode derivar, todavia, uma ordem de conjunto, que nos revela a escala normal de observação, obtida com os meios de nossos sentidos limitados. E é assim que, no grande número, desaparecem as irregularidades individuais em uma regularidade coletiva de conjunto, nas quais se fundamentam as leis vistas pela física clássica. Mas eis que a ciência admite hoje, para a matéria, leis que se baseiam no acaso e na desordem. Mesmo que depois haja compensação, para revelar as características dominantes de massa, é um fato que, na dimensão submicroscópica da escala de observação, se verifica a irregularidade de inumeráveis liberdades individuais.

Ora, em nosso grande mundo vemos as formas de existência escalonadas segundo vários planos de desenvolvimento, unidas por um contínuo transformismo no mesmo caminho traçado pelo processo evolutivo que estabelece sua parentela e lhe mantém a unidade. Assim, partindo do mundo inorgânico da matéria, através do dinâmico da energia, chega-se ao mundo orgânico da vida, vegetal e animal, no cume da qual se desponta com o homem, o mundo imaterial das idéias e do espírito. Cada um desses mundos se transforma, evoluindo, por imperceptíveis gradações, infiltrando-se no seguinte. Acharo-nos como que diante da construção de um grande edifício, cujas qualidades e complexidade de estrutura, revelam uma sabedoria que aumenta a cada plano. Se a evolução fosse um processo isolado, abandonado a si mesmo, sem grandes bastidores de forças e de inteligência que a guiam, não se poderia explicar como da pedra se chegaria ao gênio. E que o pensamento faça parte de nosso universo, tanto quanto a matéria e a energia, é um fato que não se pode negar e que a ciência não pode deixar de reconhecer cada dia mais.

Não basta comprovar o fenômeno da evolução. É indispensável explicar-se as forças determinantes e a sabedoria que a dirige. Aqui está a incógnita que escapa à ciência e que é necessário conhecer, porque ela é a causa de tudo, é a chave do fenômeno da evolução. Matéria e energia sozinhas não são suficientes para explicar a derivação da vida, pois não possuem diante desta o poder de causa determinante. O complexo não pode ser gerado pelo simples, nem o mais pelo menos. Onde estão as causas determinantes de maravilhoso florescimento produzido pela evolução? Olhando desde a matéria inorgânica até o homem que pensa, podemos compreender o tremendo trabalho criador que a evolução deu provas de saber realizar.

Para fazer compreender melhor, quisemos aqui recordar qual é a estrutura íntima da matéria. Agora perguntamos: como pode, de um mundo dirigido pelo acaso, derivar, sem a intervenção de qualquer outro fator, o mundo biológico em que uma série imensa de fatores aparece não só disciplinada: segundo um funcionamento próprio, bem diferente do estado orgânico, mas orientada segundo um transformismo que arrasta tudo na direção evolutiva, capaz de levar a vida da primeira célula até à complexidade do

organismo humano, no qual o cérebro atua em ordem ainda mais complexa, a do mundo psíquico e espiritual? As causas desses efeitos não as achamos na matéria. Ela é insuficiente para determiná-los. Onde estão, pois, essas causas? Como pode, de um sistema constituído por movimentos livres dos indivíduos componentes, baseados em leis estatísticas ou de probabilidades, desenvolver-se aquele maravilhoso edifício biológico, em que vemos, no fim, aparecer o pensamento e o espírito?

Dado o ponto de partida estatisticamente falando, o fenômeno do surgir da vida é estranhamente improvável, e o seu desenvolvimento até ao homem é inexplicável. Usando o cálculo das probabilidades pode demonstrar-se matematicamente a impossibilidade de explicar, apenas com o acaso, o aparecimento espontâneo da vida na terra. As primeiras células não podiam nascer de uma desordem caótica por uma combinação fortuita de elementos atômicos, mesmo que, dispondo de um tempo ilimitado, fosse possível teoricamente qualquer combinação. Antes de tudo, para a terra, há limites de tempo, imensamente inferior ao necessário para que tal combinação tenha podido verificar-se em larga escala. Além disso, as propriedades da célula implicam, não uma simples combinação de elementos, mas pressupõem uma coordenação de complexidade que jamais poderá resultar do acaso, mas apenas de uma direção inteligente. Sem dúvida foi utilizada matéria prima menos evoluída. Mas não significa absolutamente que isto seja a causa do fenômeno. Devemos admitir, ao invés, que a vida não é uma criação da matéria, mas apenas uma manifestação e revelação através da matéria. Igualmente temos de aceitar que o espírito não é uma criação da vida, mas somente uma manifestação e revelação através dela. É inevitável, então, concluir admitindo que o mundo biológico não é o produto gerado pelo mundo físico e dinâmico; que o mundo psíquico espiritual não é um efeito determinado pelo mundo biológico, mas que todos eles são a expressão de um princípio superior que utiliza as construções precedentes para delas realizar outras cada vez mais complexas e perfeitas coordenando seus elementos em combinações cada vez mais sábias. Se nada se cria, e nada se destrói, e se do nada, nada se produz, não nos resta senão buscar naquele princípio superior uma causa, para esses efeitos.

Passando, ao evoluir, do mundo físico ao dinâmico, ao biológico, ao psíquico e espiritual, assistimos, em cada degrau, a uma inovação radical, como se fora uma revolução em que se manifestam efeitos que as causas existentes nos planos inferiores não contêm e não explicam. A cada salto para frente nasce um mundo novo, dirigido por novos princípios, que são muito mais do que simples conseqüência dos precedentes. Nada se destrói, o velho continua a existir no novo, mas apenas em posição subordinada, como meio e suporte de algo que ele não conhece.

Além disso, podemos observar um fato estranho. O plano da vida e do pensamento constituem um mundo físico e energeticamente de grandeza desprezível, diante daquela grandeza imensa dos astros e planetas, e da quantidade e potência das energias cósmicas. Trata-se de um mundo quantitativamente menor, mas qualitativamente superior. A que causa atribuir essa superação qualitativa? Não, de certo, aos planos inferiores, dos quais é, justamente, uma superação. Nenhuma entidade sozinha pode conter os elementos aptos a produzir a própria superação, que lhe permitam sair das próprias dimensões elevando-se acima delas. É verdade que, nos planos inferiores, encontramos maior riqueza de quantidade. Mas poderá a quantidade sozinha produzir a qualidade?

A evolução parece proceder construindo em forma de pirâmide, selecionando cada vez mais, quanto mais sobe, os seus elementos e mandando para a frente apenas os mais escolhidos. E assim que a evolução consegue fazer qualidades com a quantidade, extraindo-a da massa. Mas para que isto seja possível, seria necessário que a quantidade contivesse, embora em medida reduzida, a qualidade. Ora, como pode um plano inferior conter as características complementemente diferentes que individualizam um plano superior?

Eis que quanto mais observamos e raciocinamos mais somos arrastados para o mesmo ponto. Os fatos e a lógica nos constroem a aceitar, como explicação de tudo isto, a presença de uma inteligência e poder diretores, preexistentes ao fenômeno da evolução, à qual impõe determinado caminho e telefinalismo. Torna-se então explicável essa transformação de potência criadora, compreendendo-a não como uma absurda derivação do menos no mais, mas como uma destilação progressiva de valores substanciais, já contidos em potência, como numa semente, que depois gera a árvore, contidos numa coisa que não é menor, mas apenas aparece assim, porque ainda não se desenvolveu. Mas donde derivam, então, esses valores substanciais, e como podem existir no estado latente, não-expresso, à espera de desenvolvimento, mesmo nos mais baixos planos da evolução? Para responder, é indispensável ter compreendido a teoria da queda, explicada em nossos dois volumes *Deus e Universo* e *O Sistema*, e o desenvolvimento evolutivo traçado em *A Grande Síntese*, que se pode definir: a teoria do reerguimento. Nesses livros está explicada a origem da matéria, pela queda, corrupção ou involução do espírito, e o regresso, pelo caminho da evolução, àquele perfeito estado originário, o que é um estado de reerguimento ou reconstrução do sistema, a partir do anti-sistema, sob a guia daquele mesmo Deus que, tirando-o de si, tinha criado tudo.

O fenômeno da evolução torna-se, então, bem compreensível, como um caminho de volta, paralelo e inverso ao de ida; compreensível, porque toda a trajetória do projeto se torna visível, equilibrada em suas duas fases opostas de descida e subida, do ponto de partida até ao pólo oposto, e, deste, recuperando tudo o que perdeu, novamente até ao ponto de partida. Explica-se, assim, esse estranho fenômeno do "mais" que nasce do "menos", pelo qual a qualidade emerge da quantidade, o complexo, do mais simples, porque esse mais não é gerado do menos assim como a qualidade não o é da quantidade, nem o complexo do simples. A posição precedente, de menos, de quantidade, de simplicidade, não representa a causa do "mais", da qualidade, do complexo, mas apenas uma fase de diverso grau de desenvolvimento de um mesmo processo, que consiste na restituição ao estado atual daquilo que se reduzira ao estado latente. Restituição, isto é, regresso e reerguimento, porque a involução é uma queda do espírito na matéria, da substância na forma; ao passo que, com a evolução, da matéria reaparece o espírito, da forma emerge e revela-se a substância. Com eleito, esse é o processo evolutivo, que significa tornar a subir a Deus, que é, ao mesmo tempo, ponto de partida e de chegada.

Leva-nos tudo isto, fatalmente, ao conceito telefinalístico, que agora nos parece indispensável, para poder compreender e explicar-nos o processo evolutivo que, não podemos deixar de admitir, é presidido por esse guia que fixa a meta preestabelecida e fatal. Assim, podemos agora explicar-nos, finalmente, o significado e as causas da distinção entre involuído e evoluído em que se baseia este volume. Sabemos agora qual é o poder que faz nascer, num plano inferior, os primeiros exemplares de um superior. Agora vemos qual a força que preside ao fenômeno, que defende e salva, num ambiente ciumento e inimigo, esses tipos biológicos fora da série, como todas as exceções isoladas e contrastadas pela massa diferente dos menos evoluídos, que é contrária a elas. Explica-se dessa maneira como o mais adiantado, que é mais difícil e complexo para sobreviver, pode vencer a batalha da vida, e fixar-se como novo tipo biológico, fazendo desse modo progredir; a evolução. Tudo se explica, mas por obra de um conceito metafísico, que já agora se torna indispensável até à ciência; pois enquanto esta não descobrir o lado imponderável do fenômeno, só poderá atingir uma visão parcial, insuficiente para compreender o processo evolutivo, que permanecerá um mistério cheio de incógnitas. Conceito metafísico, o no entanto, tão íntimo aos seres, inclusive a nós, humanos, e que em todos grita e sabe realmente fazer-se compreender e obedecer muito bem, por meio de um instinto irrefreável de melhoria e ascensão, em que se exprime a grande chamada de Deus a todas as criaturas.

* * *

Não faltam, todavia, as objeções a essa concepção telefinalística. Mas o fato é que, mesmo parecendo que elas a possam abalar nos pormenores, elas a confirmam nas linhas gerais. Observa-se que, na evolução da vida, a natureza procede por tentativas, e não com a segurança de um plano pré-organizado. A técnica da tentativa contrasta completamente com o conceito de telefinalismo e o desmente. Se fosse verdadeiro aquele conceito, a evolução deveria caminhar retilínea e segura. Ao invés, ela avança incerta, como quem não conhece absolutamente o caminho a seguir; sua tendência a progredir é falaz, como de quem não sabe aonde quer chegar. Ela tende a subir, mas erra, corrige-se, pára, toma outra estrada, retrocede, depois recomeça e continua a subir. Muitas formas, inúteis como resultado final, permanecem abandonadas, mortas, nas margens do grande caminho. Por que esses erros, essas tentativas sem êxito? Naufraga com isto o poder do telefinalismo? E, vindo ele de Deus, como pode falir em tantos pontos? Vemos que sua sabedoria não está absolutamente presente na evolução, que não conhece nenhum telefinalismo.

Ao invés de uma consciência organizadora, dá-nos tudo isto a sensação de um cego à procura de luz, apalpando as paredes de sua prisão para achar a porta de saída para formas de vida menos duras e mais livres. Por que esse esforço de evoluir, com risco próprio, expondo-nos a todos os perigos? E o poder diretivo dirige o quê, se fica impassível a olhar? Parece ser fraco, incerto, quase ausente, ou, no máximo, presente apenas como um vago e longínquo chamamento que o ser sente como uma ânsia confusa, que só pode realizar-se através de seu esforço mais árduo.

E no entanto, podemos responder, quantas coisas conseguiu a evolução construir com essa sua enganadora técnica da tentativa. Em última análise, com suas maravilhosas construções, a vida demonstrou que sabe responder a esse íntimo chamamento telefinalístico. O esforço árduo nos levou até aqui, onde nos achamos hoje no caminho da evolução, as dificuldades foram superadas, a vida triunfou sobre todos os erros e obstáculos, seus objetivos foram atingidos. Pelo nosso comodismo, somos levados a conceber a presença de Deus fazendo tudo com seu infinito poder (aliás, isto nada lhe custa), poupando-nos um cansaço que nos custa muito. Mas, ao contrário, a presença de Deus em nós é uma conquista que temos de fazer com esforço próprio, merecendo-a pelo fato de saber subir até Ele. Então, esse imperativo telefinalístico não é um elevador, dentro do qual nos sentamos para sermos levados para o alto, mas é uma escada que precisamos subir com as próprias pernas. Não se trata de fazer-nos arrastar preguiçosamente pela vontade de Deus, mas de reconstruir por meio de nosso trabalho, de acordo com a vontade de Deus, uma perfeição perdida, que permaneceu como recordação e nostalgia de reconquista, impressa na profundidade do ser.

Há tanta miséria de fraqueza e ignorância nessa cegueira da tentativa, e no entanto aí vemos também a mais profunda sabedoria, que sabe erguer-se e ressurgir de todas as quedas, transformando cada erro e falência num aprendizado para aprender a subir. Na evolução, vemos agir as suas forças opostas, a do anti-sistema e a do sistema, que disputam o campo. A primeira, negativa, para corromper e paralisar a subida; a segunda, positiva, para curar e fazer progredir. A miséria da fraqueza e da ignorância pertence ao ser que deve subir, desde o fundo. A riqueza de poder e sabedoria pertence a Deus que o chama e ajuda a subir. Explica-se assim como a técnica da tentativa não destrói absolutamente a presença do telefinalismo na evolução.

Se tentativa significa incerteza, também quer dizer tendência para uma finalidade. A presença dessa técnica poderá indicar-nos a imperfeição do método, mas não a ausência de um fim; poderá ligar-se a um

telefinalismo difícil de realizar-se, porque cheio de obstáculos, mas não uma falta de meta. Se caminhamos até aqui, isto significa que existe uma estrada na qual se caminha. A tentativa exprime, justamente, o esforço para alcançar qualquer coisa. O acaso não tende a nenhum ponto particular, nem faz esforços para atingi-lo. Ele não tem finalidades não luta por alguma coisa, é imparcial e indiferente. Ao contrário, a evolução manifesta-se — além das paradas e desvios — como o efeito de uma atração lenta e sistemática, que faz movimentar-se em determinada direção. Apesar da técnica da tentativa, o fenômeno está intimamente auto-orientado por um impulso seu animador que tenazmente o solicita sempre na mesma direção. E eis que as objeções contra a concepção telefinalística, ao invés de destruí-la, a reforçam, obrigando-nos a observar com exatidão cada vez maior. Continuemos a observar esse grande fenômeno da evolução, para compreender-lhe cada vez mais o significado profundo.

Já notamos que seu ponto de partida é um mundo de inumeráveis irregularidades individuais, que desaparecem numa regularidade coletiva de conjunto, que se revela por leis estatísticas ou de probabilidade. Ora, essa ordem de massa, que deriva de uma desordem de base, só pode levá-la sozinha ao nivelamento das diferenças individuais, eliminando o individualismo. A evolução, ao contrário, tende à diferenciação, ao assimétrico, à distinção por formas definidas, e à coordenação dos elementos componentes. Eis que o princípio de base é invertido. Ora, o cálculo das probabilidades prova a impossibilidade prática de atingir, com aquele sistema de desordem básica, e de ordem de massa, uma sucessão de fatos cada vez mais assimétricos e irregulares. E na biologia os tipos conservados são exatamente aqueles constituídos pela maior complexidade e assimetria, justamente os que são mais improváveis estatisticamente, mas que em contrapartida são os mais avançados em direção à meta.

É verdade que, nas sociedades de unidades biológicas, as leis estatísticas tornam a regular os maiores acontecimentos da coletividade. Mas isto é um expoente, efeito de outros impulsos determinantes, a serviço da evolução, e não uma causa suficiente que possa explicar-nos e ter determinado desde o início sua constante direção progressiva, tão tenazmente orientada que, apesar de todas as falências, chega ao homem e ao mundo do espírito. Do ponto de partida ao de chegada, da monera ao homem, existe um crescimento sistemático de complexidade e uma contínua conquista de qualidades superiores. Se isto acontece por tentativas, não se pode negar que estas se movimentaram sempre em uma direção determinada, para um objetivo certo, sem o que não se explicam os resultados finais, obtidos com a formação do homem pensante. Se aceitarmos como procedente o princípio do acaso, ou seja, aquele da ação dos fatores da adaptação e seleção, jamais poderemos explicar-nos como esses fatores se orientaram, em média, para a construção de uma forma que é a mais improvável estatisticamente.

O que não se pode negar, é que deve ter havido uma tendência prévia a evoluir em dado sentido, em obediência a forte chamamento. Evidentemente era necessária a ação de um poder bem grande, embora escondido e latente, para conduzir a nossa existência, das estradas do mundo inorgânico da matéria às tão diferentes do mundo orgânico da vida. O primeiro não possuía os elementos que o tornassem capaz de fazer, sozinho, um salto tão grande. Havia uma revolução grande demais para realizar; uma ponte muito longa, para atravessar o abismo e uma encosta muito íngreme para subir, para que o milagre pudesse ocorrer apenas com as leis e os recursos do mundo inorgânico.

Mas outros fatos existem ainda. Em *A Grande Síntese* já falamos (cap. XLVIII, Série evolutiva das espécies dinâmicas), e também no volume *A Nova Civilização do Terceiro Milênio* (Cap. XXV, "O dualismo universal fenomênico"), do fenômeno da **entropia**, pelo qual se verifica, no universo dinâmico, a tendência à quietude final do nivelamento. A entropia manifesta-se como um fenômeno de cansaço no dinamismo universal, que culmina na uniformidade, pela completa exaustão atingida por todas as diferenças. Este deveria ser o fim natural do universo inorgânico, segundo suas leis, se ele fosse somente

isso. Com a entropia, ele tende a nivelar as desigualdades, a cancelar os valores; tende a caminhar para uma distribuição cada vez mais simétrica da energia, ou seja, para a diminuição e a supressão das dissimetrias.

E no entanto, eis que aparece, neste ponto da evolução, um mundo novo, o orgânico da vida vegetal e animal, a caminho para outras direções, regido por outras leis e por um dinamismo de outro tipo. Este é dado por um princípio diferente do da entropia, pelo qual, no fenômeno vida, verificamos não uma diminuição, mas um incremento das dissimetrias; ao invés de uma tendência a nivelar as desigualdades e a cancelar valores, uma tendência a acentuar as desigualdades, a criar valores, diferenças, complicações. E eis que a evolução se coloca numa estrada diversa que leva não ao nivelamento dinâmico, mas ao surgimento de individualizações autônomas que se tornam senhoras do movimento e o utilizam livremente para as próprias finalidades.

Assistimos, assim, a um fato rico de profunda significação. Acima do universo físico, tendente à sua liquidação, aparece, quase numa compensação, e tendente ao seu desenvolvimento, em direção e forma diversa, o universo da vida. Os dois fenômenos parecem ligados por complementaridade, além de sê-lo por continuação. Se a vida, como dizíamos acima, pode parecer um acontecimento quantitativamente secundário, desprezível, pela pequena quantidade de matéria e energia que usa, entretanto a vida se nos apresenta como a herdeira da degradação do mundo físico e dinâmico, que ela vence por uma superioridade qualitativa. Paralelamente ao seu desaparecimento nos planos inferiores, parece que o universo quer reconstruir-se em outra forma, mais acima. Então, cada plano de existência seria antes utilizado para dele se derivar, por evolução, o plano superior; e depois como suporte deste, para fazê-lo desenvolver-se; seria depois abandonado e eliminado, logo que o ser, mais avançado, se tenha tomado independente. E assim que todo o anti-sistema acaba transformando-se em sistema.

É assim que o dinamismo, partindo de sua imensa massa de energias cósmicas, se torna mais exíguo, embora de qualidade superior; pois que ele — nesse ponto da evolução — não regula mais os astros, mas sim a vida, que é fenômeno muito mais evoluído pela complexidade de movimentos, por um dinamismo agora dirigido pela inteligência, coordenado aos objetivos desta e por ela dominado, e que, assim se libertou do determinismo que lhe era próprio nos planos inferiores. Conquista de autonomia de movimento, que se liberta cada vez mais da escravidão daquele determinismo, tornando-se cada vez mais livre e conscientemente apto ao trabalho — agora bem diferente — de construir a vida.

A matéria como a energia, os átomos como os astros, representam movimentos poderosos e velozes. Mas átomos e astros não os dirigem, e sim os sofrem. Manifesta-se a evolução como uma conquista de individual independência de movimento, como uma libertação do determinismo das leis dinâmicas e daquilo que aparece como estaticidade da matéria.

Na passagem da matéria à energia, assistimos a uma primeira libertação do movimento fechado nas trajetórias circulares do átomo, que assim se expandem por transmissão ondulatória. Neste ponto de evolução, o mundo inorgânico da matéria, chegado à fase energia, impelido pelo íntimo impulso ascensional, quebrou e abriu os sistemas atômicos fechados em si mesmos, e deles lançou o dinamismo nos espaços, em forma livre, de onda. Libertação apenas de trajetória, para projetar-se para todos os lados, mas ainda nenhuma superação do determinismo das leis da matéria, porque a energia não conquistou nenhum domínio sobre o próprio movimento nem possui liberdade para dirigi-lo. Como a matéria, a energia deve obedecer cegamente à sua lei, mesmo que isto se passe de forma diversa, já que o movimento não está mais fechado em si mesmo.

E nessa altura da subida que intervém o impulso telefinalístico. Abandonado a si mesmo, já o dissemos, seguindo o seu caminho, o mundo dinâmico chegaria a uma ordem final sua, em que, atingido o completo nivelamento das diferenças energéticas, se alcança o zero absoluto dinâmico, que é a anulação do movimento numa estase final, em que, no equilíbrio atingido pela entropia, cessam todas as manifestações energéticas de nosso universo. Mas a evolução não se deixa arrastar por essa estrada, que seria a conseqüência lógica das causas presentes no fenômeno. Ao contrário, introduz nele outras novas, inéditas, desviando-o para seus fins que são completamente diferentes. Assim a vida se inicia e a subida toma outra direção. Aquele movimento que tende a anular-se de um lado, reaparece sob forma diversa do outro.

Na irritabilidade da célula, primeira forma de vida, aparece um início de conquista do movimento de forma autônoma: movimentos mínimos e lentos, (que são eles diante dos de um meteorito), mas dependentes da vontade do sujeito. Os movimentos precedentes continuam a girar cegos no íntimo dos átomos componentes, mas são tomados numa escala maior, em movimentos de que o ser não é efeito, como na matéria, mas é causa, como na vida. Começa, então, com a evolução, uma espécie de luta na libertação contra as leis físicas. As árvores se erguem, vencendo as leis da gravidade; os animais conquistam por terra, por água, pelo ar, seus meios independentes de locomoção, adaptando à sua vontade, as leis físicas para utilidade própria. Assim, como antes se pensava na descoberta das Américas, agora se pensa nas viagens interplanetárias. Assim se manifesta, em realizações cada vez mais poderosas, aquele impulso de libertação que leva o ser a apoderar-se do movimento para a conquista do espaço. Este é assim cada vez mais dominado, até que, chegando a evolução à fase pensamento e espírito, essa dimensão espacial será superada definitivamente com a do tempo, atingindo, para além delas, outras superiores. Então, o espírito, livre da matéria, poderá gozar, sem esforço, de um movimento próprio gratuito e ilimitado, como é o dos corpos celestes. Com a diferença de que o espírito não é um escravo cego do movimento, como aqueles corpos, mas senhor consciente.

Assim, continuamente regenerado por novos impulsos evolutivos, nada se submete ao natural cansar-se e envelhecer do fenômeno, e tudo sobrevive, mas de forma qualitativamente destilada, em que se manifesta a evolução. O velho é superado, só para dar lugar a um novo melhor. Com isto, é vencida não só a inferioridade do passado, mas se fortifica cada vez mais sua fraqueza, garantindo a sobrevivência do ser ao defendê-lo, e tornando-o mais poderoso, em vista da caducidade, tanto maior quanto mais se retrocede na escala da evolução. Poder-se-á assim chegar a um estado em que, — por ter o caminho evolutivo de desmaterialização levado o ser até ao plano espiritual, a vida, para existir não terá mais necessidade do suporte físico. Ela perderá, então faltas e imperfeições devidas ao seu estado involuído; libertar-se-á dos males inerentes à matéria — inclusive a morte — e o ser poderá continuar a existir, sem mais necessidade do sustento dos corpos planetários em que se apoia, tornando-se assim independente das sortes do mundo físico, mesmo se essa forma da substância não tiver sido ainda eliminada de todo pela evolução.

Eis que, então, a entropia, que parece nutrir-se com um parasita do esgotamento do universo, só destrói deste, em realidade, um modo de existir, e não a substância, que continua indestrutível para evoluir em outras formas. Em outros termos, com a entropia tende a extinguir-se o movimento em sua forma inferior, passiva e determinística, em que ele é fatalmente aceito e inconscientemente seguido, para transformar-se num movimento de forma superior, ativa e livre, em que ele é querido e guiado pelo ser. É bem evidente a imensa distância que corre entre os dois fenômenos. O primeiro tipo de movimento pode ser representado por um meteorito ou planeta ou astro lançado no espaço, cegamente submetido às leis determinísticas do mundo físico e dinâmico; enquanto o segundo tipo de movimento pode ser o de um disco voador, dirigido pela vontade de um ser inteligente. Quanto dinamismo existe também no primeiro

caso, muito mais poderoso quantitativamente, mas quanto é ele inferior em qualidade! Pode compreender-se, assim, por que os modernos progressos científicos e técnicos, têm um significado biológico. Com o domínio do movimento, levam a vida à superação das dimensões de espaço e tempo, próprias do mundo físico, liberando a vida dessas dimensões, quando o levam a transpor os limites daquele estágio evolutivo, permitindo que a vida possa entrar numa fase mais adiantada, a do espírito.

VII

O FUTURO DO HOMEM

Comprova-se que a evolução vai para a espiritualização. O espírito não é criação da vida, mas revelação através da vida. Tudo caminha para Deus que é Espírito. A escada de Jacó. As construções psíquico-espirituais da biologia do futuro. Do inferno ao paraíso (passado e futuro). A moral e a evolução. A vida dirigida pela Providência. O esforço do homem e a ajuda de Deus. A evolução, por uma atração íntima caminha para Ele, como o rio para o mar. O futuro do homem e da vida. Os sistemas planetários, seu apoio. Matéria, energia, vida, para o mesmo telefinalismo. A vida desmaterializada, sem mais sustento planetário.

Até aqui quisemos penetrar nas causas e na estrutura do fenômeno da evolução, para compreender sua substância. Foi-nos assim revelado que, guiando todo o processo, existe um telefinalismo que o dirige. Parece-nos agora suficientemente provado que a evolução é um fenômeno pré-ordenado, nunca abandonado ao acaso, mas dirigido por uma inteligência e vontade para determinados fins preestabelecidos. É mister agora esclarecer qual a direção e provar o que já muitas vezes afirmamos, ou seja, que ela é dada pela espiritualização do ser.

E como poderia ser de outra forma, se o processo da evolução não é — como o demonstramos em outros volumes — senão um regresso do anti-sistema ao sistema, o que significa caminhar da matéria para o espírito? Nesse sentido é que se desenvolve o fenômeno da evolução, que é uma superação continua de dimensões, consistindo num processo de desmaterialização e espiritualização. Se tudo, em seu caminho ascensional, caminha na direção de Deus, única meta universal, e se Deus só pode ser espírito, o telefinalismo da evolução só pode significar espiritualização. Pelo fato de que Deus é espírito, de que o anti-sistema em que ruiu o sistema é dado pela matéria, e de que a evolução vai deste aquele estado da substância, essa evolução não pode caminhar senão para o espírito.

Ora, a biologia concebeu, até hoje, a evolução, num sentido materialístico, compreendendo-o como um processo de transformismo morfológico, e não lhe viu as causas profundas e o telefinalismo para a qual estas fazem caminhar o fenômeno. Na verdade, apresentar a essa ciência uma continuação da

evolução, no sentido da espiritualização, representa uma novidade tão grande, que parece uma revolução biológica, dificilmente admissível. Mas a evolução só caminhou até hoje também por meio de revoluções, e, assim sendo, não farão elas também parte de seu método de transformismo? Não é novidade que este, após longas e lentas maturações, chegando as curvas decisivas, precipita-se para novos estados que parecem muito distantes dos precedentes, para poder-se aceitar que aqueles sejam a continuação destes. Não é a primeira vez que a evolução dá saltos semelhantes para a frente. E a cada um deles vemos nascer um mundo, regido por novos princípios. Por que não deveria agora a evolução poder realizar, chegada a este ponto, esta nova transformação, que, relativamente, não representa um desvio maior do que os realizados no passado? Por que agora, que chegou diante da espiritualização do homem, deveria a evolução mudar de método e fazer uma exceção, detendo a sua marcha? Já observamos a técnica íntima com que se desenvolvem essas revoluções. Agora que vimos o princípio determinante da evolução, que a anima e a guia, ficam elas logicamente explicadas e compreensíveis. Não é necessário que, no estágio inferior da evolução, sejam visíveis as causas de seu futuro desenvolvimento, porque estão sempre em ato causas mais profundas, suficientes para provocar o deslocamento para um plano superior. De todo o processo evolutivo, são elas que o impelem para a frente, para seu fatal telefinalismo.

Assim como da matéria e da energia nasceu a vida, mesmo que elas sozinhas sejam insuficientes para gerá-la, assim da vida poderá nascer o espírito, ainda que ela sozinha seja insuficiente para produzi-lo. E nada mais lógico, quando se sabe que o caminho de toda a evolução vai da matéria ao espírito, sabendo-se que esta é a meta final que deve ser atingida por todo o processo da evolução. Como a evolução utilizou as construções precedentes de matéria e energia para chegar a vida, é também lógico que o mesmo aconteça para o espírito, ou seja, que para chegar a isto, a evolução utilize as construções precedentes de matéria, energia e vida. Não pode ocorrer diversamente na construção de um edifício, senão por sucessivos planos superpostos.

Explicamos pouco atrás como pode verificar-se esse estranho fenômeno do "mais" que nasce do "menos", e podemos agora compreender como se pode realizar, por evolução, esse processo de espiritualização da vida. O espírito, repetimos, não é uma criação da vida, mas uma revelação através dela, disto que agora simplesmente reaparece, porque já existia no sistema antes que ele caísse. Não é a vida que cria o espírito, mas é o viver que permite, com a experiência, o despertar dele, ainda latente, ainda não revelado naquela fase de evolução, como muito menos se revelara nos planos mais baixos dela. Assim, a vida não é um trabalho inútil, sem objetivo, fim de si mesma, nem se esgota apenas com seu funcionamento, sem nada produzir; mas é um meio para atingir conquistas mais altas, como acontece sempre a cada passo do processo evolutivo. Como o plano da matéria gerou e sustenta o da energia, como o da energia gerou e sustenta o da vida, assim o plano da vida gera e sustenta o do espírito.

Vemos verificar-se aqui o mesmo fenômeno que comprovamos nos casos precedentes, na passagem de um plano inferior ao superior, pelo qual a quantidade se destila na qualidade. Assim, neste caso, o poder dirigente da evolução consegue extrair da vida os valores substanciais do funcionamento biológico, que são os da inteligência e do espírito. É assim que poderá fixar-se na raça humana um novo biótipo, o do evoluído sensibilizado, psicológica e espiritualmente desenvolvido.

Tudo isto é lógico, sem dúvida. Mas estas afirmações estão em contraste estridente com a realidade do mundo de hoje, diante das quais elas podem parecer otimismo leviano. A humanidade parece caminhar precisamente pela estrada oposta. Aquelas afirmações caberia objetar-se que não se pode impedir que a luta pela vida, num sistema livre, leve a inteligência a desenvolver-se — ao contrário — no sentido da esperteza e do abuso. E é isto justamente que hoje está acontecendo no mundo. O homem é livre de desenvolver a inteligência mesmo na direção do mal, tanto mais que isto lhe poderá aparecer falsamente

como vantajoso atalho, para chegar primeiro a vitória. Mas então, como vai o homem para a espiritualização, que inicialmente deve ser consciência da Lei, para disciplinadamente enquadrar-se em sua ordem?

Em primeiro lugar, o momento atual é apenas um encrespamento na superfície de uma das grandes ondas da evolução, e poderá desaparecer entre os movimentos de alcance tão mais amplo. Virão reações e corretivos para tornar a pôr a vida humana em seu justo caminho.

Em segundo lugar, justifica-se o fenômeno com a técnica da tentativa, que a evolução costuma usar, como vimos. Isto significa que a humanidade é totalmente livre de seguir esse caminho, ou seja, desenvolver a inteligência, caminhando para o mal, em vez de dirigi-lo para o bem. Pode fazê-lo, mas a seu risco e perigo. Mas o passado da evolução mostra-nos que ela abandonou, depois, ao extermínio, essas tentativas erradas, que não correspondem ao telefinalismo que ela quer atingir. Ao homem pertencerá um futuro mais alto, quando mostrar-se digno dele. Mas não é impossível o caso de uma humanidade, que teimosamente querendo desenvolver-se as avessas, descendo pelas estradas do mal, ao invés de subir pelas do bem seja liquidada, justamente pelo fato de que se rebela contra o princípio fundamental da evolução, que é subir para Deus, e não descer ao pólo oposto. Neste caso não faltam outras formas de vida e modelos biológicos atualmente concorrentes, prontos a substituir o homem em sua posição biológica se este quisesse obstinadamente engolfar-se num erro decisivo. E o pior seria exatamente isto: querer revoltar-se tentando derrubar a Lei, querendo ir em sentido contrário ao estabelecido por ela. Renovar-se-ia assim o processo da queda, filha da revolta, da qual só pode nascer involução. A raça humana regressaria automaticamente, em proporção à revolta que ela quis. O desenvolvimento da inteligência, se não for torcido por má vontade, deve levar, pelo contrário, a consciência da Lei, a obediência na ordem, e não, portanto, a revolta. O desastre ocorreria se a humanidade inteira estivesse estragada. Mas não o está totalmente. Assim é mais fácil que a vida resolva o problema por meio de uma separação ou depuração, afastando do ambiente terrestre só a parte que, com a revolta, gerou as causas de seu retrocesso.

O certo é que o impulso fundamental da vida, o de atingir o seu telefinalismo cedo ou tarde por um caminho ou por outro, imporá a sua vitória. E se esse telefinalismo significa espiritualização, a fase vida terá fatalmente que desembocar na fase espírito.

A evolução tem um caminho traçado e não pode sair dele. E a humanidade, mesmo que possa permitir-se temporárias digressões, terá de seguir, nas linhas gerais, a direção própria da evolução, que cada vez mais se torna dinamizante, libertadora da forma e do determinismo da matéria. Isto é também imposto pela necessidade lógica, implícita no transformismo, que é a de substituir, com uma continuação do existir numa forma nova, aquela sua contínua decadência que lhe é própria, pela qual o inferior deve ser abandonado e o passado superado. Se não quisermos que tudo acabe, é necessário que essa caducidade universal do ser seja compensada com uma correspondente criação contínua reconstrutora. Só o equilíbrio entre os dois impulsos opostos, o destruidor e o reconstrutor, pode permitir que eles sejam canalizados no caminho do transformismo, e assim disciplinados como instrumentos da evolução. Se o primeiro impulso não fosse continuamente corrigido pelo segundo, venceria o poder negativo que leva a dissolução, o que, além da absurda destruição da substância, cujas formas se sucedem subindo, constituiria, com o fim de tudo, a falência da obra de Deus.

Eis então, que, automaticamente, pelo princípio da indestrutibilidade da substância, a destruição do universo, expresso na forma do plano físico, implica a gênese do universo no plano espiritual. Não há razão para que não continue verdadeiro, também neste nível, o princípio geral que vemos dominar em

toda a evolução, pelo qual, se nada se cria e nada se destrói, mas tudo se transforma, a cada morte só pode seguir-se outra forma de existência. E o que estabelece a natureza dessa forma só pode ser a direção em que caminha toda a evolução, coisa que agora conhecemos. Tudo morre e tudo renasce, e assim se transforma, mas não ao acaso, e sim seguindo um caminho preestabelecido por uma inteligência que bem sabe aonde vai. Sobe-se, dessa forma, por uma escada, em que cada degrau é um ponto de chegada, ao mesmo tempo que um ponto de partida. Os seres que estão ao longo da escada, podem ocupar níveis diferentes, adiantar-se, deter-se e até retroceder, mas não podem mudar o traçado estabelecido por ela.

Assim podemos compreender a imagem bíblica da escada de Jacó, como uma intuição do processo evolutivo. Os seres encontram-se escalonados em varias alturas, enquanto Deus os aguarda em cima. Corresponde isto perfeitamente a concepção da existência em planos superpostos, sendo que a inferior desemboca na superior. Cada plano representa uma etapa do transformismo, na qual a evolução faz uma parada. É por isso que cada plano é dirigido por uma lei diferente que lhe é própria, justamente porque representa uma forma diversa de existência, que é tal por achar-se situada a maior ou menor distância da meta final: Deus. Ao subir cada novo degrau, acontece como se o ser saísse do sistema precedente para entrar em outro, que imprime novo endereço, ao processo evolutivo, mesmo seguindo sempre a estrada que o leva a meta. Podemos agora explicar-nos tudo o que dissemos nesta obra, ou seja, que desaparecerá, por evolução, a lei da luta pela seleção do mais forte, própria ao plano animal-humano, sendo substituída pela lei que leva a seleção do mais justo e inteligente. Explica-se desta maneira a razão pela qual podemos ver no Evangelho a verdade biológica que dirigirá a vida do homem civilizado do futuro. Se o poder do impulso telefinalístico da evolução soube guiá-la até aqui, operando a transformação da matéria em energia, e desta em vida, não lhe faltará de certo o modo de continuar o mesmo trabalho, transformando o mundo biológico no espiritual. O Evangelho é apenas a Lei deste plano superior da vida.

* * *

Que nos reserva o ilimitado futuro? Já tendo caminhado tanto no passado, até onde poderá a evolução levar o homem? Agora, que nos parece suficientemente esclarecido, a direção que o telefinalismo impõe a evolução é precisamente a da espiritualização, possuímos elementos para responder a essas perguntas, e concluir este assunto, explicando cada vez mais e confirmando tudo o que acima dissemos.

Que existe no universo também o elemento pensamento, é fato que não se pode negar. Os astros e planetas constituem o corpo físico deste universo, enquanto a alma é representada por Deus, assim como o esqueleto e a carne constituem nosso corpo físico, cuja alma é o nosso eu. E o dinamismo radiante move o universo físico, dirigido pela Lei que representa o pensamento e a vontade de Deus, assim como o sistema nervoso move o nosso corpo, que é dirigido pelo pensamento e vontade do nosso eu. A presença do pensamento no universo é-nos provada pelo funcionamento e pela evolução do mesmo.

Ora, o nosso futuro é representado, justamente, pelo desenvolvimento desse pensamento. Hoje está o homem apenas nos primeiros passos nesse caminho, tanto que não lhe é fácil conceber quais serão os seus futuros desenvolvimentos nesse sentido. A biologia do futuro compreenderá uma nova forma de evolução que substituirá essa fisiológico-morfológica, para tornar-se cada vez mais nervosa, psíquica, espiritual. A vida atenderá a uma construção própria, diferente, que se dirigirá para a conquista do conhecimento e da ética, dos valores espirituais e sociais, das grandes idéias abstratas e sintéticas. O tipo precedente de evolução tendia a uma perfeição mecânica do corpo. Mas para cada perfeição existe um limite natural de desenvolvimento, que se atinge quando se chegou ao rendimento máximo e ao resultado melhor,

utilizando o meio mínimo. Então aquela perfeição mecânica se detém, porque não é mais susceptível de progresso como tal, e, se ainda quiser avançar, deve transformar-se em qualquer outra coisa.

Fisicamente pouco mais tem o homem a construir. Não é desta forma, na qual progrediu bastante, que poderá encontrar um futuro a sua evolução. Não é no plano físico, de que já foi percorrida e superada a amplitude total e esgotadas as possibilidades, que o homem pode continuar a avançar. Com as religiões e o desenvolvimento do pensamento, com o Evangelho e a ciência já se iniciou essa nova forma de evolução. Ela gerará novo biótipo: o homem moral, dotado de instinto ético. A nova construção se está apenas iniciando. O sentido moral — que disciplina a própria conduta, em função de princípios mais altos do que a imediata satisfação da utilidade individual — é completamente desconhecido nos planos inferiores de existência, em que a vida ainda não chegou ao estado orgânico social humano. Desse novo sentido, a humanidade está esboçando as primeiras formações. Ele é indispensável para poder atingir, substituindo-se o caos pela ordem, a pacífica convivência nas grandes coletividades sociais do futuro.

Se a evolução quiser continuar através de seu mais alto produto, que é o homem, terá de continuar precisamente através das mais altas qualidades deste, que são as psíquico-espirituais. Para uma evolução, que vemos ter-se encaminhado já pela estrada da especialização psíquica, é absurdo que o progresso biológico volte exclusivamente ao sistema do passado, ou seja, a construção de órgãos que revolucionem a estrutura anatômica no plano físico. O homem físico representa um ponto de chegada da evolução orgânica, como aperfeiçoamento da forma, em nosso planeta. Já, agora, não é anatomicamente que os mais evoluídos diferem dos menos, mas é por suas qualidades intelectuais e morais. O médico vê e cura o mesmo corpo no delinqüente ou no selvagem, como no gênio ou no santo. Os homens hoje se diferenciam, mais do que pelo corpo, pela personalidade, que é agora a verdadeira base das distinções sociais. Embora teoricamente, as qualidades mentais e morais já começam a ser mais valorizadas que as físicas. O homem, em verdade, é o resultado muito mais de outras finalidades do que as que são apenas do seu organismo corpóreo. O homem futuro não será um animal forte, nem um astuto lutador, mas um cidadão consciente do universo.

A humanidade já procurou responder as perguntas que agora fizemos a nós mesmo. Ela possui, de formas diversas, nas várias religiões, a idéia do inferno e do paraíso. Ora, conceitos tão universais, como essas idéias que predominam no mundo, não podem ter nascido do nada, se não corresponderem a uma realidade profunda que as gerou. Se essas idéias existem de forma tão difusa, devem exprimir algo de fundamental na vida. Não podemos explicar a sua presença impressa na alma humana, quase como um instinto, senão como uma lembrança do passado e um pressentimento do futuro. Referimos acima, rapidamente, esses conceitos que aqui desenvolvemos. Estas idéias não apareceram no mundo por acaso, fruto de fantasia ou por vontade de chefes religiosos, mas fazem parte do desenvolvimento da vida, assumindo um significado biológico.

A idéia de paraíso exprime, justamente o estado a que a evolução levará o homem no futuro. Isto confirma tudo o que dissemos, porque já vemos existir nas religiões o conceito do telefinalismo que, segundo nos mostram, consiste exatamente na espiritualização. Se o inferno é matéria, o paraíso é espírito, e o atingimos fazendo da vida um processo evolutivo de purificação, que consiste em nos espiritualizarmos. Isto é o que ensinam as religiões, que demonstram assim admitir, elas também, a nossa tese do telefinalismo da evolução.

Esta se dirige do inferno, que exprime o passado involuído e bestial, cujo limite extremo é o anti-sistema, para o paraíso, que exprime o futuro evoluído e angélico, cujo limite extremo é o sistema. Inferno e paraíso indicam os dois pólos do processo involutivo-evolutivo, ou seja, Satanás e Deus. Por

isso o inferno é situado em baixo, na fase de maior involução (matéria) e o paraíso no céu, na fase de maior evolução (espírito). O inferno é constituído, então, pela aterradora lembrança, que ficou impressa no subconsciente, daquele nosso estado feroz animal e dos sofrimentos a ele ligados; e os demônios são apenas as forças e criaturas inimigas que nos fizeram sofrer.

O mesmo que pudemos dizer do Evangelho, considerando-o como antecipação da lei que regulará a humanidade civilizada do futuro, podemos agora dizer destas idéias de inferno e paraíso; ou seja, que isto não tem apenas um sentido religioso, puro objeto de fé, mas outro mais profundo, e que constitui um fato biológico positivo que racionalmente se impõe a ciência. O subconsciente humano registrou o passado, tão duramente vivido, e agora no-lo restitui com as impressões que ele gerou, nesta forma de instintivo terror. De fato, é nesse passado biológico involuído que são buscadas as figuras demoníacas, de que se julga povoado o inferno, reconstruindo-se o ambiente em que elas se movem. Os diabos são, com efeito, seres extremamente involuídos, monstros pré-humanos, com pêlo, rabo, garras, chifres, presas, como os animais: seres ferozes, capazes de todas as crueldades. O ambiente, por sua vez, é de natureza vulcânica, como fogo, enxofre, agitado por perturbações telúricas e atormentado por chuvas incandescentes. Mas este era apenas o estado do homem primitivo, indefeso, a mercê das feras e dos fenômenos naturais, num planeta que ainda era teatro de desencadeamento caótico de forças primitivas.

A terra situada em baixo, campo de tantas lutas, continha muitos perigos de morte. Do céu, no alto, vinham luz e calor, trazendo a vida. Em baixo, dor; em cima, alegria. A passagem do primeiro ao segundo nível de altura forneceu a imagem, e formou a idéia da subida que se eleva do inferno ao paraíso. Assim a evolução foi concebida como um processo de redenção, que significa libertação da matéria baixa e suas dores, para conquistar a felicidade do céu. Pensou-se no inferno como em algo que deve estar situado em baixo, fechado nas tenebrosas e incendiadas vísceras da terra, enquanto se concebeu o paraíso situado no alto, povoado de seres livres e alados, nos luminosos espaços do céu.

Quisemos compreender a gênese dessas formas mentais e seu significado diante da realidade biológica, não para diminuir sua importância no terreno religioso, mas, ao contrário, para lhes dar, de forma racional positiva, uma confirmação de significado e valor científico. Assim uma fase de desenvolvimento ou plano de vida se liga ao outro como uma consequência lógica. O paraíso pressupõe o inferno como seu ponto de partida; o inferno pressupõe o paraíso como o seu ponto de chegada. Tudo isto corresponde exatamente a teoria da queda e da subida, segundo a visão expressa nos volumes *Deus e Universo* e *O Sistema*. O paraíso representa o estado futuro, que constitui, de tantas formas diferentes, a grande esperança do homem, estado em que se realizarão todas as aspirações que fervem na profundidade de seu irresistível instinto de subir. Só o fato de que se caminha nessa direção, pode dar bom e justo significado a dor, conforto a tanta luta, e um amanhã melhor a vida.

Somente assim podem dar-se sólidas bases biológicas a moral, bases estabelecidas pelas normas que regem a vida, nas quais se exprime a Lei, que representa o pensamento de Deus que guia o funcionamento do Universo. Se seguirmos essas normas, obedecendo àquela Lei, evoluiremos, ou seja, nos redimiremos do horrível passado em que caímos, e num maravilhoso futuro reencontraremos a felicidade. O conceito de dever e as normas de conduta humana passam a fazer parte integrante do processo evolutivo e assumem um valor biológico positivo. Desse modo podem dar-se bases racionais a moral, de forma que ela seja reconhecida pela ciência como fator que se enxerta no fenômeno da vida, como determinante de sua evolução. Então, a revolta contra a ordem, a desobediência as normas da ética, significa caminho de descida com todas as dolorosas consequências que a involução implica. Disto deriva o reconhecimento da importância positiva das religiões, como guia da conduta humana, importância que, assim, nem sequer a ciência pode desconhecer. As concepções da fé e da ciência, ao invés de chocarem-se, fundem-se,

explicam-se e se sustentam mutuamente. Fazer o bem e o mal significa sintonizar com determinados ambientes, que por isso se tornam nossos, e dos quais acabaremos participando, para gozar ou sofrer, consoante nossas obras. Chega-se a uma moral biológica positiva, racionalmente demonstrada, solidamente baseada nos princípios que regem a vida. Já explicamos bastante o sentido e a importância da evolução. Ora, essa moral positiva é a que nos dita as normas para realizar o nosso trabalho, é a que nos ensina a arte de evoluir, para atingir aquele radioso futuro que nos aguarda. Procuraremos, nas páginas seguintes, delinear brevemente o conteúdo dessa moral, que representa o caminho para atingir aquele telefinalismo da evolução, que consiste na espiritualização.

* * *

A evolução é um fenômeno complexo, porque é dirigido pelas forças superiores e ao mesmo tempo permanece como que abandonado a si mesmo. Se os destinos da vida tivessem sido confiados apenas aos próprios recursos, uma vez iniciada, só teria sabido realizar uma multiplicação de seres, e não sua transformação no sentido do aperfeiçoamento. Sem a intervenção de outros impulsos, que a vida por si mesma não possui, não se explica como possa ela ter realizado um caminho ascensional. Nem se pode negar que, embora partindo do caos, nos achamos diante do fato consumado do milagre que a vida chegou a construir, até ao homem.

Entretanto, não se pode ignorar que isto é também produto de grande esforço do ser, que não pôde subir gratuitamente. Mas esse esforço que o ser teve de realizar para evoluir, não pode fazer-nos esquecer que, se não tivesse encontrado prontos os pontos para os quais se dirigir e todos os elementos necessários para alcançar a meta estabelecida, teria sido vão e se teria perdido, em vez de se canalizar ao longo desse processo particular, que chamamos evolução. Eis então que, ao lado do esforço necessário para subir, é mister reconhecer a presença de uma providência que forneceu paralelamente todos os elementos indispensáveis para que a subida pudesse realizar-se, elementos preparados com antecedência e encontrados no ambiente, para que o esforço do ser pudesse utilizá-los.

O acaso não pode ter pré-organizado tantas condições necessárias para o desenvolvimento da vida: formação de planetas, irradiação solar, presença de uma atmosfera, sua adequada composição química, umidade, oceanos, terras emersas, calor, luz, prontas no ambiente as substâncias utilizáveis, tudo dosado para que a vida fosse aí possível, dado que qualquer excesso ou deficiência a teria destruído. Pensemos que, no princípio, tudo isto era caos, e deste nasceu uma ordem maravilhosa, construindo-se, por planos, o edifício biológico que agora vemos funcionar e ao mesmo tempo evoluir, um organismo feito de partes comunicantes, que vivem trocando entre si o material de nutrição, combinando-se e fundindo-se numa só vida. O acaso não pode, de maneira alguma, ter pré-organizado tudo isso, nem tornado possível sua utilização até chegar a saber produzir o milagre da inteligência humana. Sem dúvida era necessário o esforço do ser, mas era também necessário encontrar pronto e acessível todo o indispensável para realizar seu trabalho. Se tivesse faltado uma só condição, seu esforço teria falido. Comprovamos na evolução, não apenas um telefinalismo, que é o alvo a atingir, mas também uma providência, que fez com que se achasse disponível tudo quanto era necessário para se chegar ao ponto estabelecido.

Por outro lado, o ser permanece como que abandonado a si mesmo, para que a evolução represente o fruto merecido de todo o seu esforço. Este lhe é totalmente entregue, porque sem esforço seu, o ser não poderia verdadeiramente aprender. Eis então que Deus se comporta como um pai que assiste aos primeiros passos da criança, ajudando-o indiretamente, deixando-o cair para que aprenda a não cair mais, e, ao mesmo tempo, vigiando-o e sustentando-o para que a criança não se perca. Quando então esta cresce, Deus lhe dá liberdade, para que aprenda a guiar-se por si mesma, assumindo as suas

responsabilidades. Assim., se por um lado a criatura caminha com dificuldade tentando o futuro, por outro lado o auxílio que dirige a evolução nunca deixa de estar presente. Vemos, com efeito, que um poder interior a levantou a cada queda sua, repondo-a sobre o caminho devido, para fazê-la dirigir-se, de um modo ou doutro, para a sua meta. É assim que a vida pôde dar prova de saber vencer tantos obstáculos.

Explica-se dessa forma a técnica da tentativa. Eis por que, apesar do auxílio, aparecem erros e quedas ao longo da vida, ramos extintos, linhas desviadas ou congeladas, paradas nos lados da grande estrada da evolução. Esta é uma corrida em que alguns tipos perecem, eliminados pela porfia, ou permanecem superados; outros, enfim, como o homem, passam a frente de todos. Para cada candidato a futura vitória, há milhares de rivais que com ele competem. O homem, ao menos até agora, venceu-os todos. Mas isto não basta para garantir-lhe que vencerá sempre. Se ele se desviasse do caminho, do telefinalismo fixado a evolução, e utilizasse os poderes de sua inteligência para rebelar-se as diretivas da Lei, ao invés de obedecer, então também o homem poderia perder-se; e em tal caso, como já dissemos, não faltam outras espécies para substituí-lo na primazia sobre o planeta. Isto significa que as diretrizes do fenômeno da evolução exigem, em primeiro lugar, que o biótipo vencedor seja digno da vitória e que a esta corresponda um valor real. Quando um modelo de vida se demonstra inadequado à posição que pretende ocupar, então a inteligência diretora o lança fora, e o substitui por outro melhor; trata-se, de fato, de pormenores formalísticos, cuja mudança não impede, de modo algum, que os fins gerais da evolução sejam substancialmente alcançados. A vida caminhará de outra forma, atingirá o alvo com outras espécies, mas chegará de qualquer maneira aonde quer chegar.

Concluindo este assunto, podemos agora dizer que temos diante dos olhos os principais elementos que constituem o fenômeno da evolução.

Temos de um lado a sabedoria de uma inteligência que dirige. Revela-se ela em três momentos: 1) Imposição de um telefinalismo, como meta final do processo evolutivo, que, por um caminho ou por outro, tem de ser atingido. 2) Pré-organização das condições indispensáveis ao desenvolvimento desse processo (providência previdente). 3) Guia do desenvolvimento do ser, acompanhando-o e dirigindo-lhe o esforço na direção desejada, estabelecida pelo telefinalismo.

Por outro lado, temos o ser que luta para subir, se debate na tentativa, cai, levanta-se, sofre, aprende, vence ou perde, experimentando a grande aventura da evolução. Já falamos da técnica da tentativa. Aqui podemos ver-lhe uma razão de ser ainda mais profunda: essa técnica é a conseqüência lógica do estado em que o ser caiu com a revolta, ou seja, ignorância, cegueira que impede de ver o caminho a seguir. A técnica da tentativa representa justamente a condenação, que consiste em ter de realizar sozinho, como abandonados a si mesmos, todo o esforço de reencontrar aquele caminho; ou seja, cegos, perdidos, nas trevas, tornar a achar a luz; ignorantes, perdidos na ignorância, reconstruir o conhecimento. Não é este o caminho da evolução e o progresso da humanidade? E que são as descobertas científicas e todas as grandes construções do pensamento, senão pedaços de conhecimentos reconquistados? A evolução representa para a criatura, verdadeiramente, um grande esforço e uma aventura perigosa, cheia de incógnitas, de lutas, de dores. Mas é justo seja assim, porque ela significa também redenção, e no alto está o reencontro da felicidade perdida. No entanto, Deus ajuda a evolução, embora não se fazendo ver, tanto menos quanto a criatura menos o merece nos planos mais baixos da vida, e tanto mais quanto a criatura mais o merece, por ter realizado o esforço de redimir-se, subindo a planos mais altos.

Assim caminha a evolução como um rio, que é livre, e entretanto tem de chegar necessariamente ao mar. Em ambos os casos, a coação não é exterior, mas devida ao poder dos impulsos interiores, como a gravitação, que é física, para a terra, no caso do rio, e espiritual, para Deus, no caso da evolução. Em

ambos os casos a corrente é livre, e no entanto deve obedecer a esse princípio de atração que a leva, num caso, a descer materialmente para baixo, no outro a subir espiritualmente para o Alto. Tudo resulta livremente constringido por esse íntimo chamamento irresistível. O rio, como a evolução, não sabe o que encontrará em seu caminho. Ele deve cavar seu próprio leito, adaptar-se ao terreno, superar as dificuldades, ora correndo rapidamente, ora precipitando-se em cascatas, ora repousando em lagos ou pauis. Mas o ponto de chegada está fixado: o mar. A corrente do rio não pode escapar ao impulso que lhe imprime aquela atração. Também a evolução sente o chamamento poderoso que a movimenta e não pode deixar de responder-lhe obedecendo. Ora, como é certo que, cedo ou tarde, o rio terá de chegar ao mar, então é certo que, cedo ou tarde, de um modo ou de outro, a evolução deverá levar o universo ao estado perfeito do sistema. Como no rio, cada gota d'água chegará ao grande pai de todas as águas: o mar; igualmente com a evolução cada ser chegará ao grande pai de tudo o que existe: Deus. Como o rio, a evolução é livre de escolher o caminho que quiser, mas está fechada nos limites de sua lei, que a constringe a caminhar, sempre para o seu ponto final. O caminho do rio não está traçado e as águas devem procurá-lo, mas sempre seguindo o telefinalismo preestabelecido, dessa forma acontece com a evolução.

Esta aproximação de exemplos faz-nos compreender melhor a estrutura do fenômeno da evolução. Nesta encontramos liberdade de escolha, independência de ação, como se ela estivesse abandonada a si mesma, como parece ocorrer também com a corrente do rio. Daí, tentativas, erros, adaptações e também falências; mas ao mesmo tempo, repetições, salvamentos e triunfos. E o contínuo chamamento da meta final, impresso e sentido nas mais profundas vísceras do fenômeno, que põe freios aquela liberdade e a dirige e guia a bom porto; liberdade que, se fora abandonada a si mesmo, sozinha, acabaria naufragando como uma louca, na falência. Se, ao contrário, mesmo não possuindo conhecimento próprio, ela atinge perfeitamente a meta determinada, tornando sábia a sua liberdade, este fato só se explica pela direção daquela inteligência que apenas a sabedoria possui. No fenômeno da evolução, vemos balançar-se, em equilíbrio, impulso independente de liberdade e um impulso oposto, determinístico. No rio, como na evolução, não interessa muito que se siga esta ou aquela estrada (zona de livre escolha, deixada ao arbítrio do ser), mas que se atinja a meta (zona determinística). À evolução não importa se vai sobreviver este ou aquele biótipo, desde que sobreviva o melhor, e, por meio dele, triunfe a vida.

Assim se realiza, através de tanta luta, a ilimitada aventura da evolução, incerta e falaz no particular, mas segura e vitoriosa em seu conjunto, dirigida pela lógica de seu telefinalismo.

De um lado, ignorância e liberdade do ser, que segue a evolução; do outro, sabedoria e telefinalismo determinístico, na inteligência que dirige a evolução. Duas qualidades opostas e complementares, que harmonicamente se compensam, equilibrando-se. Deus se debruça para o ser, a fim de ajudá-lo a subir; o ser estende os braços para Deus em busca de ajuda. Assim, na grande obra, os dois extremos se casam e ela se realiza pela colaboração deles, resultado de um amplexo entre Criador e criatura. Deus atrai, convida, guia e dirige a criatura em seu penoso caminho. A criatura corresponde com o seu esforço para superar as dificuldades, suportando as dores que sucedem ao erro, executando o duro trabalho de reconstruir-se, renovando-se.

* * *

Nesta imensa perspectiva da marcha cósmica da evolução, desenvolve-se o trajeto da maturação da vida do homem, para sua espiritualização. O que estudamos no volume anterior é apenas um episódio, um

caso da grande batalha no plano humano. Mas existe uma batalha ainda maior do que aquela ali descrita. É a batalha entre sistema e anti-sistema na evolução do universo, para que este possa regressar a Deus. No presente volume, estamos dilatando cada vez mais a visão do caso narrado, até chegar a uma visão muito maior, de caráter universal, que nos mostra os erros da conduta humana diante da lógica da vida. Assim, subindo sempre e ampliando os horizontes, chegamos a harmonizar a realidade dos fatos que todos vivemos na terra, com as teorias expostas nos dois volumes: *Deus e Universo* e *O Sistema*. Em contato com aquela realidade, pudemos verificar que elas receberam plena confirmação, demonstrando ainda uma vez, depois do controle racional, a sua verdade com o controle experimental.

Chegados a este ponto, podemos responder melhor as perguntas que fizemos um pouco acima: Que acontecera ao homem no futuro? Aonde o levaria a evolução? A isto já respondemos em parte. Podemos agora caminhar mais à frente e perguntar: A que estado chegará o homem na conclusão dessa interminável viagem da evolução? Este será um momento muitíssimo distante, mas é certo que deverá chegar um dia. O ambiente terrestre não pode conter as possibilidades para todos os futuros desenvolvimentos da vida. Nem pode ele ser eterno. Onde e como poderá continuar a viver e evoluir o homem, quando o sol estiver apagado e a terra morta? E, mesmo que a raça humana tivesse de perecer, onde e como a vida, que não pode extinguir-se continuara sua evolução? Já dissemos pouco atrás que o universo tende a sua destruição como forma material, por desintegração atômica, e como forma dinâmica, por entropia. Que acontecera, então, com a vida que se desenvolve na superfície dos planetas? Como poderá ela continuar a evoluir, sem um suporte físico, ao qual estamos hoje habituados a vê-la ligada?

Se bem observarmos, veremos que o processo da liquidação do universo físico e dinâmico não é um fenômeno isolado; mas que, paralelo a ele, se verifica um correspondente processo genético de um universo espiritual. Nada se cria e nada se destrói. O que morre, tem de renascer sob outra forma. A substância que desaparece como manifestação no plano físico e dinâmico, reaparece em diferente manifestação no plano espiritual. Os dois fenômenos de destruição e reconstrução estão equilibrados, e o seu transformar-se de um no outro é apenas um processo criativo de reintegração, através da mudança de forma.

Diz-nos esse paralelismo que, quando o universo físico e dinâmico forem liquidados e desaparecer esta sua forma, então a vida humana terá superado sua atual forma física e, por haver-se espiritualizado completamente, ter-se-á transferido ao plano do imponderável. Ser-lhe-á possível, dessa maneira, continuar a existir, sem ter mais necessidade de suporte físico. Portanto o homem nada tem de temer, quanto a destruição de seu planeta e do sistema solar.

O problema é vasto e diz respeito as espécies todas da vida, a qual sabemos não poder existir sem apoiar-se no suporte material, oferecido pela superfície de um planeta. Deduz-se que a vida esta sob a dependência do fenômeno da formação e existência dos planetas no universo. Segundo a velha concepção antropomórfica-egocêntrica, seguida pelos teólogos, a terra teria sido o único ponto habitado do universo, o centro e o fim da criação. Embora fosse aceito isto também porque, sendo muito honroso, podia satisfazer ao míope orgulho humano e ao natural instinto egocêntrico da maioria pouco evoluída, continuava o absurdo de um tão ilimitado universo existir apenas em função de um tão minúsculo homem, que mal o conhece, perdido sobre um grãozinho de poeira que gira nos espaços. Então todo o resto existiria para nada.

Uma necessidade lógica nos força a admitir que as formas planetárias necessárias a evolução da vida, estejam bastante espalhadas, para que esse importantíssimo fenômeno possa realizar-se nas devidas proporções. Mas vejamos o que a respeito diz a ciência. Até ha pouco tempo, os astrônomos geralmente

acreditavam que os sistemas planetários do universo fossem muito raros e, portanto, também a vida neles. Isto porque se supunha, como no caso de nosso sistema solar, que a série dos planetas nascesse de uma colisão de estrelas. A matéria tirada da massa de nosso sol, ter-se-ia assim destacado do corpo central e recolhido nos planetas em torno dele. Com efeito, eles continuam a girar em redor do sol na mesma direção em que ele gira em torno de si mesmo e quase no mesmo plano. E no mesmo sentido os planetas continuam a rodar em torno de seu eixo polar, e a girar em redor deles os seus satélites. Isto, exceto o caso de Urano e do movimento retrógrado dos satélites mais externos de Júpiter e Saturno etc., é verdade até agora.

Há o fato, porém, de estarem as estrelas muitíssimo distantes uma das outras. Então esse método de gênese estelar torna a formação de sistemas semelhantes ao nosso, extremamente improvável. Pensava-se que menos de um caso sobre um milhão pudesse dar lugar a essas formações. Concluía-se que a nossa terra habitada devia enumerar-se entre os acidentes raríssimos.

Os astrônomos modernos acreditam, ao invés, que as estrelas se formam por condensação de levíssima matéria cósmica, antes difusa, a qual, concentrando-se, começa a esquentar até ao ponto de gerar reação nuclear, e assim a brilhar e irradiar energia, a maneira da bomba de hidrogênio. Durante esse processo formam-se correntes interiores turbinosas espiralóides, que lançam á periferia menores massas rotativas, que formam os planetas, que continuarão a girar em redor da estrela. Sua matéria condensar-se-á cada vez mais em torno de seu centro de rotação e eles formarão corpos separados.

Eliminada assim a hipótese do choque, coisa improvável, preside então á gênese planetária uma causa mais comum, que pode facilmente verificar-se em muitos momentos e pontos do universo. Então pode aceitar-se que as formas planetárias não sejam de modo algum raras. Pode-se supor, com razão; que em redor de muitíssimas estrelas existam planetas em que é possível a vida, embora em forma diferente, mas dirigida pelos mesmos princípios fundamentais e dirigida para os mesmos objetivos finais para a qual caminha a nossa. Esses planetas não são visíveis, porque não possuem luz própria e estão muito próximos aos seus respectivos sóis, com os quais se confundem ao serem observados da terra. Mas a oscilação da luz de muitas estrelas faz pensar que outro corpo se mova diante delas, interceptando-lhes a luz intermitentemente. Hoje a ciência aceita que uma galáxia possa conter desde o máximo de um milhão, até um mínimo que não seria inferior a cem mil sistemas planetários.

A hipótese sustentada por Flammarion, da pluralidade dos mundos habitados, tornou-se mais aceitável pelo fato de que os astrônomos julgam que a composição do universo seja resultante mais ou menos dos mesmos elementos fundamentais. Deduz-se daí que os outros planetas devem ser constituídos pelo mesmo material que o nosso, de modo que neles poderão ter sido produzidos ambientes e condições semelhantes de vida, o que implica a possibilidade de que essa tenha podido aí manifestar-se e desenvolver-se, tal como ocorreu na terra. Não é, portanto, contrário as conclusões da ciência admitir que exista, espalhada pelo universo, uma infinidade desses berços da vida. Isto significa que esta se espalha por todo o universo e que a evolução possui, desta maneira vastíssima base de operações para desenvolver a consciência e despertar o espírito, avançando de fato para o seu telefinalismo, como acima explicamos.

A ciência nos confirma também aquela exigência lógica, a que acima fizemos referência, pela qual parece estranho que o nosso planeta ou sistema planetário se tenha achado em condições tão felizmente excepcionais e superiores, que pôde ter o privilégio, só ele, ou poucos mais, de hospedar um fenômeno tão elevado, como a vida, e o desenvolvimento de consciência que ela tende a produzir. Fato este tanto mais difícil de admitir, quando se pensa que todo o processo reconstrutivo da evolução teria ficado sustentado por este único e tênue fio, que é a vida na Terra, enquanto todo o resto do universo teria ficado sem

significação nem objetivo, em relação aos fins supremos que deviam ser atingidos, e que já agora demonstramos suficientemente. Não se compreende como a evolução possa permanecer operando, concentrando-se apenas num ponto, no meio de um deserto sem limites, e que seria qualificado como inútil. Como admitir tão flagrante absurdo, no meio de uma logicidade constante, que vemos aparecer a cada momento do funcionamento e evolução do universo? Como se explicaria uma tão excepcional violação dos tradicionais métodos de utilitarismo e economia que dirigem o transformismo evolutivo? Não se consegue imaginar um universo tão sem finalidade; sua existência sem uma razão que a justifique; tanta sabedoria e poder para nada. Não se pode admitir também o outro absurdo, isto é, que a sabedoria e poder de Deus, para atingir seus fins mais altos, se tenham dirigido só para este ponto, escolhido em todo o infinito dos mundos, para esta nossa invisível Terra a fim de, fazer do homem o mais alto modelo dos produtos da vida.

Só com a teoria acima exposta tudo se explica; inclusive as estrelas e as galáxias. Deste modo a existência no plano físico e dinâmico, adquirem um significado e assumem uma tarefa que se realiza em função do telefinalismo de toda a evolução. A infinita multiplicidade do transformismo fenomênico e reconduzida a um conceito unitário, e se compreende a razão última de tanto esforço para subir. Só assim tudo o que existe, seja na forma de matéria, ou de energia, ou de espírito, tem sua função a realizar e sua lógica razão de ser, para atingir a meta final de tudo, Deus. No ilimitado universo não gira no vazio tanta matéria morta inútil, mas caminham muitos mundos que servem de apoio onde se possa desenvolver a vida, para que depois, por meio dela, possa reconstruir-se em seu estado espiritual, que é o único que pode agasalhar perfeição e felicidade.

O trabalho da evolução esta assim distribuído no universo: nos planos da matéria, o trabalho se realiza nas estrelas e galáxias; nos planos de energia, nestas e nos espaços interestelares; nos planos da vida, na superfície dos planetas. Aqui amadurece o universo e evolui, através da vida, para sua fase superior, que é a do espírito. O ser subirá de forma em forma, de ambiente em ambiente, de planeta em planeta, até que, evoluindo e desmaterializando-se, assumam formas tão espirituais que para elas não será necessário suporte planetário, e a vida poderá existir sem o concurso da matéria, sobrevivendo, no fim do universo físico, como produto final de sua transformação.

VIII

O PROBLEMA DA MORAL

A moral biológica positiva. Convicção e não terror. Andar a favor, e não contra a vida. Moral positiva de construção. Se surge um

conflito entre a ética e a vida, é esta que vence. Moral mais livre, mas consciente e responsável. Moral é tudo o que faz evoluir para Deus, e ao contrário Utilitarismo superior. Definição de moral. Na evolução, ela é relativa. Conceito de ética progressiva, em várias dimensões. Respeitar os direitos da vida. Suas três exigências fundamentais, os três maiores instintos humanos e as obrigações da ética. A atual é moral de guerra, não de justiça. Garantir: 1) A conservação do indivíduo (bens e propriedades); 2) a conservação da espécie (amor e família); 3) a evolução (defesa do evoluído). A dor é desarmonia. Renúncia e castidade. As virtudes positivas. Triste sorte do gênio.

Referimo-nos, no capítulo precedente, a uma moral biológica positiva, racionalmente demonstrada, baseada nos princípios que regem a vida, e prometemos que delinearíamos o seu conteúdo. Podemos agora, ao concluir o presente volume, desenvolver este assunto.

As normas da ética tiveram, no passado, a função de disciplinar a vida do homem, retraindo-lhe e guiando-lhe os instintos animais, para que adquirisse outros mais evoluídos. Essa moral, dirigida ao grande objetivo de refazer o homem, melhorando-o, foi por ele aplicada, porém, segundo a sua forma mental e instinto dominante, ou seja, com espírito de ataque e defesa, que corresponde a lei de seu plano animal, a da luta pela seleção do mais forte. Como consequência, a execução das normas dessa moral é confiada, em grande parte, ao terror de sanções punitivas, ao cálculo do próprio prejuízo, o que introduz, no seu utilitarismo criador, próprio da vida, um elemento negativo, tendente a invertê-lo, dando-lhe um aspecto de agressão e destruição.

A nova moral, ao contrário, é concebida não contra, mas em função da vida. Sempre e totalmente positiva e construtiva, jamais e em coisa alguma negativa, destrutiva ou agressiva, pois, mesmo visando ao bem, jamais poderá posicionar-se contra as leis da vida. Trata-se de uma moral mais evoluída, que não destrói, mas respeita toda a moral precedente e atual, e que justamente, por ser mais evoluída, não pode deixar de perder alguns de seus caracteres negativos, feitos de luta e imposição, os quais são necessários nos planos inferiores de vida porque se destinam a conquistar, a partir daí, outros planos positivos, feitos de amor e compreensão, possíveis apenas nos níveis mais elevados da existência. Tudo o que evolui, — e também a moral não pode deixar de evoluir, procedendo do anti-sistema ao sistema, — tem de perder cada vez mais os caracteres do primeiro, para substituí-los pelos do segundo. Feita para um ser mais evoluído, a nova moral, perderá os opressores e anti-vitais atributos de culpa, pecado, condenação, que significam esmagamento, e a vitória do mal infligido pelo mais forte com sua sanção punitiva, para basear-se, não na coação pelo medo do prejuízo, mas pela convicção de ir ao encontro da vantagem própria. É um reerguimento de posições, pelo qual se trabalha não mediante repulsão, mas por atração, sendo o móvel não a fuga de um mal que nos ameaça, mas a consciência da utilidade de obedecer às normas da ética. Só se pode, porém, chegar a essa nova moral, quando a evolução tiver amadurecido bem o homem, para que este novo modo de concebê-la possa ser usado sem prejuízo; ou seja, quando o homem tiver chegado a um tal desenvolvimento como inteligência e sensibilidade, que, para alcançar os objetivos educacionais que a moral se propõe, possa dispensar-se o chicote dos terrores infernais. Então bastará o fato de compreender que obedecer à Lei de Deus não está em contraste, mas concorda perfeitamente com o nosso instinto de subir. Esse é o próprio instinto da vida, isto é, o de atingir a maior vantagem: utilitarismo que se justifica pelo fato de ser um meio para subir, avizinando-se, assim, cada vez mais da realização dos supremos fins da evolução.

Deduz-se daí que, quando dizemos nova moral, não queremos com isso condenar e muito menos refazer a atual, mas apenas compreender sua razão de ser e suas funções, para usá-la cada vez mais com inteligência e bondade, como convém a um evoluído, e com cada vez menos inconsciente desafogo de instintos, como tende a fazê-lo o involuído. Não se trata, aqui, de anular o passado, mas apenas de fazê-lo ascender a um plano mais alto, como o impõe a evolução. Como se vê, damos aqui à palavra moral, o sentido amplo de norma ética, anteposta a todos os campos da conduta humana.

A qualidade da nova moral, pelo fato de ser mais evoluída, deve apoiar-se sempre mais nas forças positivas e construtivas, do que nas negativas e destrutivas; deve funcionar mais por convicção de que a disciplina leva a uma vida melhor, do que pelo medo de que a desobediência leva a uma vida pior. No primeiro caso, seguem-se as normas aceitas por livre-adesão convicta e por amor; no segundo caso seguem-se as normas impostas à força, constringendo pelo medo. A consequência a que leva a primeira atitude é o espontâneo e pacífico cumprimento da norma; a segunda leva, ao invés, a uma obediência coagida, contra a qual o ser luta, procurando todas as evasões, e aceitando-a à força, até que consiga rebelar-se. O fato de que, ao lado de cada norma se põe, em nosso mundo, sua sanção punitiva, demonstra que esta é a fase em que ele atualmente está situado. Se é verdade que a moral coativa terrorística é uma necessidade para os tempos menos adiantados, já que não há outro meio para induzir o involuído a obedecer, e assim melhorar, é também verdade que esse método se torna supérfluo e até contraproducente, logo que o homem se civiliza. Contraproducente, porque feito de luta e cheio de atritos; porque, embora seja para fazer subir a vida à espiritualidade, se tenta matá-la em sua animalidade, excitando-se assim as suas reações, já que se põe em ação o espírito de agressividade, que atrai para baixo (zona a que pertence), em vez de conduzir para o Alto.

A nova moral é precisamente a do Evangelho e a novidade consiste em levá-lo a sério e começar a vivê-lo. É superlativamente positivo e opera pelo caminho do Amor. Representa ele a moral do futuro, a do evoluído. Corresponderá às exigências dos tempos novos, mais amadurecidos, que o compreenderão e praticarão. Então a nova moral, sem destruir a velha, a levará a um nível mais alto, mais livre, mais criador, em que será demonstrada a lógica e a utilidade de obedecer. Não haverá mais em primeiro plano, como sendo a coisa mais importante, o trabalho de matar, no homem, o animal. Esse trabalho sozinho produz apenas um cadáver e só este permanecerá se não tivermos feito ao mesmo tempo, ressuscitar o anjo. O objetivo da evolução é subir, e o que mais importa é construir o novo. Destruir o velho não tem valor, em si mesmo, mas apenas porque serve para deslocar-nos para mais altos níveis de vida. O objetivo de tudo é subir, e tudo só se justifica se leva à realização do supremo telefinalismo da vida, que é a sua espiritualização. Tudo o que é destruição anti-vital pertence aos poderes negativos do mal, ao passo que tudo o que representa construção vital pertence aos poderes positivos do bem.

Distingue-se a nova moral da velha por haver superado a necessidade de usar impulsos negativos opressores anti-vitais. Não ha razão para que deva ser tão penoso e esforçado o viver espiritualmente, e se procure fugir dele, por considerar tão agradável e desejável viver bestialmente. Basta evoluir um pouco para conseguir compreender que é justamente o contrário. Basta civilizar-se um pouco para sentir náuseas das satisfações que formam a alegria de quem vive no plano animal. Aqui não condenamos a moral da revelação mosaica, em que as religiões se assemelham. Mas achamos que será inadequado aos novos tempos o método de coação forçada, com a qual foi necessário aplicar aquela moral à dura cerviz e aos instintos de agressão e revolta do antigo povo hebreu, assim como do feroz homem medieval, nosso próximo progenitor. Não são os princípios da velha ética que mudarão, mas o espírito com que ela foi entendida e ainda é aplicada. Isto nos levaria a crer que não se pode alcançar a evolução senão através da sufocação da vida. Mas por que a virtude deve consistir apenas no sofrimento, do qual fugimos

instintivamente, e não na alegria? Por que a vida espiritual deve ser concebida só como renúncia, e não como conquista, só como destruição e não como construção? Porque deve ser só morte e não ressurreição? Como pode admitir que a vida goze com a morte e não se rebele contra a sufocação? No entanto, se não quisermos que se rebele, não é morte que se lhe deve oferecer, mas uma vida melhor e maior, e então todos a procurarão.

O estado involuído do homem fez com que até hoje as religiões entendessem a subida moral como ação negativa de destruição da animalidade, ao invés de ação positiva, construtora de espiritualidade. O progresso deve afastar-nos da primeira forma, para aproximar-nos da segunda. O progresso neste terreno reside em compreender que é lógico e justo que a vida resista e se rebele contra os assaltos que procuram diminuí-la. Assim se encontra a origem da luta, tanto mais que estamos num plano em que esta é a lei da vida, lei que vemos aparecer também no campo da ética. Acontece então que a própria ética por si mesma se torna um instrumento daquela luta, em defesa dos direitos adquiridos com a força do vencedor: ética não de justiça, imparcial, mas em defesa de interesses de classe, o que excita os deserdados a rebelar-se, como na Revolução Francesa. Não se pode deter o impulso da lei biológica, que quer sempre a luta da vida em todos, para sobreviver.

Já nos referimos em vários lugares no curso do presente volume a estes conceitos, orientando-os diversamente em relação a outros problemas. Quisemos aqui retomá-los, coordenando-os dentro do tema da ética, que agora desenvolvemos. Onde tudo evolui, também a moral não pode deixar de evoluir. Significa isto tornar-se mais luz de conhecimento e menos trevas de ignorância, mais paraíso e menos inferno, mais triunfo que sufocação da vida, mais Amor que terror, mais inteligente e livre aceitação que coação forçada. Com a ascensão, tudo tende a libertar-se da ignorância, da imposição escravizadora, do terror de ameaças de um inimigo desconhecido. Torna-se tudo mais límpido, livre, convicto. Compreende-se então, cada vez mais, que Deus é um amigo nosso e que é nosso interesse obedecer a Sua Lei. Ele nos governa para nosso bem e não para impor-nos, como senhor, uma vontade Sua egoísta. Esta última é a forma mental humana que o homem, possuindo-a e não sabendo dela fugir aplicou a tudo, inclusive ao comportamento de Deus, não conseguindo imaginar outra diferente da sua própria. Mas logo que a sua inteligência se abre um pouco, muda completamente o modo de conceber a vida, e eis que aparece a nova moral que, embora ditando as mesmas normas, o faz à base de um princípio totalmente diverso, que não é o da egoística imposição de um senhor a um escravo, mas a de um Pai bom que não exige obediência por si, mas só porque esta representa o bem de seus filhos. A maior altura evolutiva alcançada pela nova moral consiste no fato de que nela desaparece o atrito da luta e o conflito entre o imperativo ético e a utilidade do indivíduo: utilidade verdadeira, entendida não no sentido do gozo imediato, o que mais se procura e ao contrário pode constituir um prejuízo, mas utilidade compreendida no sentido de real e permanente vantagem, não ilusória como as coisas terrenas.

* * *

Chega-se assim a delinear as características fundamentais desta moral. Atingido o conceito desse utilitarismo superior, poderemos então, dizer que é moral tudo o que leva a alcançá-lo, e imoral tudo o que dele se afasta. Trata-se, pois, de uma moral utilitária não no sentido pequeno, egoísta e desagregante em que é geralmente compreendido o utilitarismo, mas em sentido superiormente afirmativo, verdadeiramente vantajoso em plena lógica, que caminha para a vida, obra de Deus, e não contra ela. Podemos, então, definir como moral tudo o que é útil à vida, sabendo que nada é tão vantajoso quanto o espiritualizar-se, que a leva ao fim supremo: Deus.

Encontramos então o princípio diretivo fundamental que nos permite reconhecer o que é moral e

imoral, no mais amplo sentido de ético e anti-ético. Jamais, provocar conflito entre moral e vida. No plano biológico humano, onde costuma nascer esse conflito, acontece que, na prática, é a vida (ninguém pode torcer) que vence e a lei ética perde, ficando como teoria não aplicada, e em substância, uma forma de hipocrisia. Dado que a evolução traz harmonização, no plano de vida em que funciona a nova moral, deve desaparecer todo traço de luta.

Foi suficientemente demonstrado nos nossos volumes anteriores qual é o conteúdo desta maior utilidade. A nova moral é uma moral mais evoluída, adaptada a uma humanidade mais civilizada, moral que presume já estar realizado em grande parte o baixo trabalho de superar, no homem, o animal, para poder dedicar-se sobretudo ao de construir o anjo. Com o progresso da evolução começa-se a chegar aos planos superiores, onde a atividade construtiva deve assumir formas diversas, aptas a alcançar finalidades diferentes. Trata-se de uma moral cada vez mais de substância, e cada vez menos de forma; sempre mais sentida e menos imposta; mais livre e espontânea e menos constrangida, à força de sanções; baseada na aceitação pacífica, e não na luta que procura todos os meios de evasão. A penalidade para cada violação reside, então, nas inevitáveis conseqüências das causas que cada um estabelece como quer, com a própria conduta. Nesse plano de vida, o ser conhece a Lei e sabe que essas conseqüências são fatais reações daquela Lei, de acordo com a justiça de Deus, reação lógica e merecida, à qual não se pode escapar; e é ignorância pueril tentá-lo, como se costuma na terra, com as astúcias humanas.

Eis uma moral que, ao involuído, parece mais livre, mas em que o ser é obrigado à obediência e mantido na ordem, por uma força mais sutil, porém mais poderosa que a prepotência humana, ou seja, pela persuasão. Mas só se pode chegar à persuasão por meio da inteligência que atinge a consciência da Lei. O homem atual, porém, geralmente, não possui essa forma de inteligência e nenhuma consciência da ordem que regula o universo. Assim, a cada passo, ele comete o erro de rebelar-se contra essa ordem, acarretando, depois, duras conseqüências. Para poder tirar desse tipo biológico algo de bom a fim de fazê-lo evoluir, é necessária a atual moral armada, carregada de castigos e ameaças, porque se nem estas hoje são suficientes, ele zombaria integralmente de uma moral desarmada, que pedisse obediência só por convicção e por amor.

Formalmente, a nova moral é muito mais livre, embora o seja muito menos na substância. A norma e a obediência aprofundam-se cada vez mais quando se progride, procedendo do exterior para o interior. Tudo se desmaterializa com o avançar da evolução, espiritualizando-se em potência, e, ganhando ao mesmo tempo em amplitude de concepção. O ser liberta-se da opressão de uma mecânica regulamentar, miúda, pedante, necessária para o involuído nos planos inferiores de vida. Mas a Lei, logo que o liberta, o retoma sob seu poder numa forma mais alta, tornando-o mais livre, porém mais responsável, agora que pode fazê-lo, porque ele se tornou mais consciente.

A nova moral pode dizer o que seria absurdo enunciar no plano do involuído, porque aí geraria completa anarquia. Como cada povo tem os chefes que merece, assim cada tipo biológico esta preso à lei que merece e lhe esta proporcionada. Quanto mais involuído é o ser, mais a Lei se lhe manifesta dura e inflexível, porque é melhor para ele que seja assim, e porque esta é a única forma que a sua inferioridade lhe permite ver. Ao contrário, quanto mais evoluído é o ser, mais a Lei se manifesta benévola e livre, porque, já que ele não abusa, isto não o prejudica, e porque esta é a forma pela qual o olhar mais agudo de quem esta mais adiantado a vê. Eis que a nova moral pode dizer: pode fazer-se tudo, desde que seja honestamente feito. Mas, que quer dizer honestamente? Honestamente significa: sem que o resultado seja prejuízo, isto é, mal em todos os sentidos, nem para si nem para outros. Podemos então definir o conceito de culpa ou pecado, como tudo o que traz prejuízo, ou mal, em qualquer sentido, a si ou a outros. Como se vê, trata-se de um sistema não opressivo, mas livre e utilitário, fato que o torna menos penoso e mais

facilmente aceitável. Vemos também que a norma, subindo, se torna sempre mais simples e sintética.

Mas perguntamos: em que, exatamente, consiste esse prejuízo que se deve evitar? Se, como explicamos, o objetivo da vida é evoluir, a tarefa da moral é dirigir, com normas oportunas, a conduta humana para a realização desse objetivo. Segue-se daí que o conceito de moralidade coincide com o de subida evolutiva, e o conceito de imoralidade com o de descida involutiva. E paralelamente o conceito de bem e de vantagem correspondem ao de evolução, por meio da qual são obtidos, e o conceito de mal e prejuízo correspondem ao de involução, aos quais ela leva.

A norma supracitada poderá então repetir-se: tudo pode fazer-se, desde que seja honestamente feito, sem que provenha mal ou prejuízo nem para si nem para outrem, sem que leve ninguém a descida involutiva. Então a escala que mede o valor da nossa obra coincide com a escala da evolução, e nela temos três posições possíveis: 1) uma positiva, em ascensão, que leva ao bem, a nossa utilidade, e que constitui a moral; 2) uma negativa, em descida, que leva ao mal, ao nosso prejuízo, e que contém a anti-moral; 3) uma neutra, estacionária, que não sobe nem desce, não leva ao bem nem ao mal, nem à nossa vantagem nem a nosso dano, uma zona de atos indiferentes, sem valor, nem moral nem imoral, sem importância diante da evolução, uma zona que contém o amoral; deter-se nela significa apenas perder tempo.

Eis que assim, sem códigos, regulamentos, juizes nem sanções humanas, com um princípio simplicíssimo, podemos autodirigir-nos. Saberemos então que fazer tudo o que nos leve a Deus é moral, virtude e um dever. Ao contrario, fazer qualquer coisa que nos afaste de Deus é imoral e, constituindo culpa nossa, temos o dever de não fazê-lo. Este princípio ainda mais sinteticamente pode exprimir-se com aquela fórmula única e liberal, que um santo seguiu: “ama a Deus, e faze tudo o que queres”.

Esse princípio é susceptível de muitas explicações e pode exprimir-se de muitas formas. Moral é o nosso bem, a nossa utilidade, ou seja, tudo o que vai para Deus. Imoral é o nosso mal, o nosso prejuízo, ou seja, tudo o que nos afasta de Deus. Bem é evoluir, subindo para o sistema; mal é involuir, descendo para o anti-sistema. Temos assim de um lado uma série de conceitos positivos, e de outro lado uma série de conceitos negativos. Subida, evolução, utilidade, bem, sistema, Deus, constituem o campo da moralidade. Descida, involução, prejuízo, mal, anti-sistema, Satanás, constituem o campo da anti-moral. Ao primeiro grupo de conceitos estão conexos os de vida, luz, consciência, felicidade etc. Ao segundo grupo estão conexos os de morte, trevas, ignorância, dor etc.

Assim, o problema ético é resolvido de forma lógica, simples e cabal. O instinto fundamental da vida e seu sadio utilitarismo não são negados nem sufocados. Logo que o ser torna bastante inteligente para chegar a compreender que se trata de seu próprio interesse, ele é levado, por esse fato, à adesão espontânea. Desaparece, dessa forma, automaticamente, o regime terrorístico das sanções punitivas e todos os males a ele ligados. O mundo da ética recebe assim nova luz. Resumindo então: moral é tudo o que é elevado: imoral, o contrario. O mesmo pensamento, o mesmo ato, podem assumir sentido e valor diferentes, conforme o plano de vida em que se realizam e pelo qual são julgados. Assim pode ser imoral para um evoluído, o que ao involuído pode parecer lícito; e a maior moralidade para o involuído é comportar-se como evoluído, ou seja, a besta comportar-se como anjo e ao contrario; a maior imoralidade é o anjo comportar-se como animal. Subindo aos planos superiores de vida, tudo se enobrece e purifica, espiritualizando-se. Mudam os critérios com que se julga; as palavras verdade, bondade, justiça assumem sentido diferente. E a natureza diferente do biótipo que tudo transforma e adapta ao próprio nível, e tudo realiza segundo as leis deste.

Damos aqui — como acima referimos — as palavras: moral e imoral, o amplo sentido de bem ou mal, de justo ou injusto, de lícito ou ilícito etc., e não o sentido restrito em que são usadas na linguagem comum. Podemos, assim, chegar a uma "definição de moral" dizendo que ela é: "o conjunto das normas de conduta que guiam o homem para atingir o maior objetivo da vida: encontrar Deus, subindo com a evolução o caminho que a Ele conduz todos os seres" O modelo da moral perfeita é dado, então, pela Lei que representa o pensamento de Deus, que dirige tudo. Desta perfeição ética o ser, ao progredir, conquista varias aproximações sucessivas que constituem as morais relativas em evolução, que são o patrimônio ético próprio a cada plano de existência. Falamos, pois, de uma moral de proporções cósmicas, que aparece em todas as dimensões e níveis evolutivos, moral que assume o amplíssimo sentido de norma, que guia a subida de qualquer forma de existência para contínuas superações, até levar a substância, do estado de anti-sistema, ao estado de sistema. Trata-se de uma moral universal, cujos princípios progressivamente se realizam através do transformismo do relativo, em varias alturas, — têm suas raízes e acham sua justificação no absoluto, — donde parte e para onde volta o ciclo do ser. Dadas as dimensões cósmicas dessa moral, que abarca todas as formas do ser, não podia deixar de aparecer nela o princípio do dualismo universal. Acharo-lo aqui sob a forma de: moral e imoral, que são os dois aspectos, o lado luz, positivo, e o lado sombra, negativo, ou seja, o direito e o avesso do mesmo fenômeno que chamamos moral. Estende-se ela, assim, desde o anti-sistema, em que esta toda invertida, ou seja, imoral, até o sistema, em que se encontra toda positiva, ou seja, moral.

Pelo fato disto ocorrer através de um processo de transformação evolutiva, a lei ética muda, de plano a plano, oferecendo-nos assim, de acordo com os diversos níveis, uma série de morais relativas diferentes, que são aproximações diversas da mesma moral perfeita do evoluído. Desta forma podemos chegar não só ao conceito de uma variedade de morais sucessivas, escalonadas em varias alturas da escala evolutiva, como também chegar a admitir a maturação de uma moral relativa em evolução; ou seja, não apenas uma moral (aparentemente) estática e definitiva para uso da forma mental humana, como também uma moral progressiva muito mais vasta, que lhe garante um amanhã. Isto nos é confirmado pelo fato de que em cada coisa encontramos esse fenômeno de relativismo que evolui. A própria verdade é para o ser, relativa e esta em evolução, proporcionada ao grau de consciência conquistada. É lógico, aliás, que a norma de conduta que deve guiar o ser em seu regresso a Deus, deva ser proporcionada à posição conquistada na subida evolutiva, e deva ser diferente, de acordo com a maior ou menor proximidade do ápice.

Pode chegar-se, assim, ao conceito de uma ética especial que não esta numa só dimensão, como a comum humana, mas de uma ética em tantas dimensões, quantas são as possíveis posições do ser, ao longo da escala evolutiva, uma ética que não diz respeito apenas ao homem, mas a todas as formas de existência, que vão dos movimentos atômicos ao espírito. Ética que, naturalmente, se manifesta de formas diversas nos vários planos: determinístico no da matéria, e por meio do livre arbítrio, no nível humano. O estudo da ética, compreendida em tão vasto sentido, deveria enfrentar o fenômeno de sua evolução, ou seja, examinar os princípios normativos de todas as formas de existência, e o do transformar-se destes, uns nos outros. Chegar-se-ia desta maneira ao conceito de uma só ética ascendente que, mesmo transformando-se, permanece idêntica a si mesma, porque em cada ponto de seu transformismo, está sempre condicionada ao seu mesmo telefinalismo. Desse conceito deriva o do valor relativo de cada posição, incluindo a humana atual. Conclui, também, uma, confirmação de tudo o que foi aqui sustentado, isto é, que, como a moral de hoje não é a de nossos avoengos selvagens, assim ela não poderá ser a de nossos descendentes mais civilizados.

Compreende-se que se deve conceber a moral em função da evolução. A que for seguida por determinado tipo biológico, será o melhor índice de sua natureza e grau de desenvolvimento. "Mostra-me como ages, e dir-te-ei quem és". Assim, na mesma humanidade acharemos vários níveis evolutivos e

éticos, indivíduos de morais diferentes, na base das quais sentem e agem. Teremos a moral do evoluído e a do involuído, diferentes como o é o próprio tipo biológico. Assim os julgamentos sobre tudo e sobre todos, serão diferentes, de acordo com o plano evolutivo, a forma mental e a moral relativa do indivíduo que os formula, e não terão valor superior a esta sua relatividade. O mesmo metro único da ética standardizada para uso prático, será assim diversamente interpretado e aplicado para cada um dos numerosos elementos que constituem a sociedade humana, numa rede de julgamentos, dos quais cada um, em sua relatividade, pretende ser absoluto e definitivo. Mas é óbvio que tudo isto tem valor relativo. O julgamento último, completo e perfeito, não pode sair desse relativo, só podendo provir de uma fonte que esta fora e acima de todos os seres, no absoluto, em Deus. Todos os demais julgamentos exprimem, em primeiro lugar, a pessoa que os profere seu tipo. sua evolução, sua posição na vida, seu interesse, sua forma mental etc. Assim por coisa alguma uma pessoa é tão bem julgada, quanto por seus próprios julgamentos. O único que pode julgar sem que por isso seja julgado, não pertence a este mundo, esta acima de todos os julgamentos, é o único verdadeiro juiz que julga a todos, juizes e julgados: o supremo juízo de Deus.

* * *

Observemos, agora, o problema ético mais de perto, em relação ao homem em nosso mundo atual. Nesse ambiente domina a lei da luta pela seleção do mais forte, impregnando a conduta humana e gerando uma ética relativa, ao menos na prática, embora seja diferente a teoria. Segue-se que na terra o campo da moral não é nada pacífico. Ora, dissemos acima que sua função é de guiar o homem ao cumprimento dos objetivos da vida, e que, portanto, não deve nascer conflito entre esta e a moral, ao negar satisfação as suas exigências sadias. Neste caso, deve esperar-se logicamente suas respectivas reações e, se quisermos ser justos, teremos de reconhecer que constituem um direito seu pleno: o de viver. Tudo o que quer diminuir ou matar a vida, só pode provir das forças negativas, inimigas de Deus. Eis então que, quando nasce um conflito entre ética e vida, estas reações contra a ética formal geram o anti-ético, pelo qual o indivíduo é julgado culpado, por uma moral que cometeu a culpa maior de ter agredido a vida em seus direitos fundamentais. Nesse caso, dos dois, quem é o culpado? O moralista que não respeita os direitos da vida ou esta que se defende? Somente quando a essas exigências for dada legítima e suficiente satisfação, só então poderemos dizer que a culpa seja do indivíduo que desobedeceu. Só quando forem respeitadas por ambas às partes — sociedade que faz as leis e indivíduo que deve obedecer — as posições recíprocas de direitos e deveres, será justa a condenação do não-cumpridor. Mas enquanto a vida da sociedade humana se basear no egoísmo e na luta, as reações defensivas encontrarão justificativa, invertendo-se a moral em sua zona negativa cheia de abusos e males. No caso menos grave sobressairá a mentira tão difundida, o compromisso pela elasticidade da consciência e semelhantes formas híbridas de acomodação de que o mundo está cheio, e tudo isto somente será justificado pelo natural e inevitável efeito das condições em que a vida humana se acha agora. Neste caso, fingir seria um recurso usado pela vida como um lubrificante indispensável para permitir, com menor atrito, a coexistência pacífica dos egoísmos inimigos. Não há efeito sem causa e na economia da vida cada fato realiza sua função que o justifica. Só assim poderemos explicar porque a mentira é tão difundida no ambiente humano.

Mas precisemos, em suas particularidades, os elementos do problema. Explicamos em outros volumes que as exigências fundamentais da vida, são três: 1) a conservação do indivíduo; 2) a conservação da espécie; 3) a evolução. Essas exigências, que objetivamente se verificam na realidade, explicam-se como efeito dos princípios que regem a vida, mostram-nos seu funcionamento, sua razão de ser e seu telefinalismo, num quadro lógico completo. A vida impõe satisfação a essas suas três exigências, por meio de três fortíssimos instintos: 1) a fome, 2) o amor, 3) a ânsia de melhorar. A ética reserva-se a tarefa de disciplinar esses três instintos, para guia-los no cumprimento dessas três exigências. É por isso, pois, que se ocupa: 1) da aquisição e uso dos bens, propriedades, trabalho etc.; 2) das relações de sexo,

formação da família, deveres dos pais e dos filhos etc.; 3) da tarefa de fazer evoluir, confiada a poucos indivíduos, embora o desejo de subir seja comum a todos. Quanto aqueles raros indivíduos, a ética comum não os protegerá, porque eles se situam fora dela, no seio de seu mais alto plano de vida.

Esses três instintos representam os impulsos principais que movimentam o homem (mesmo que em redor deles girem outros menores, conexos com eles) todos visando a defesa da vida: 1) como indivíduo, 2) como espécie, 3) como evolução. Não é o capricho do homem que os quer, mas a sabedoria da vida, com o meios para alcançar seus objetivos; portanto, fazem parte da Lei, do pensamento e da vontade de Deus, no plano humano. Qualquer ética poderá, pois e até devera disciplinar esses impulsos, a fim de que melhor alcancem seu objetivo, mas jamais poderá opor-se a eles, pois isto significaria opor-se a Lei, tal como ela quer manifestar-se nesse nível. Então a ética tem pleno direito de impor a disciplina de sua lei, mas deve cumprir também o dever sagrado de respeitar a vida nestas suas exigências fundamentais. Em outros termos, a sociedade, para poder exigir obediência a sua moral, deve antes permitir a qualquer um o mínimo indispensável para que sejam satisfeitas aquelas exigências da vida. Se esse mínimo fosse negado, o responsável seria mais o que faz a lei do que quem a viola, porque aquele, e não este, é a maior causa do mal, tornando-se em primeiro lugar anti-moral.

Mas, desgraçadamente, dado o regime humano de luta, vigora mais uma moral repressiva, do que preventiva, mais "a posteriori" que "a priori", mais atenta a perseguir os efeitos que a eliminar as causas. Intervir só depois do fato consumado pode significar não apenas a culpa do violador, mas também a falta de sabedoria de quem, tendo o poder em mãos, não soube impedir que se formasse o mal, e aparece só depois que o prejuízo se verificou, acreditando cancelá-lo com a repressão. Desta forma, não se cancela o mal, antes, é ele agravado, como o exemplo, que se acreditava salutar, dos patíbulo públicos medievais, que habituava o povo espectador ao prazer, e não ao terror do delito. A moral do futuro será mais preventiva que repressiva; será mais uma ajuda para levantar, educando, que uma opressão provocadora de revolta; ocupar-se-á antes de tudo, de criar condições de defesa em favor da vida, em vez de agredi-la. Só assim poder-se-á evitar que a vida, para atingir seus objetivos, seja obrigada a desviar-se por aqueles atalhos tortos e oblíquos que constituem o mal.

No mundo atual, infelizmente, o respeito a essas exigências fundamentais da vida não é obtido por um sentido de disciplina, que deriva da consciência da utilidade para todos, de um estado de ordem, mas é dado pela força que impõe esse respeito e pelo interesse egoísta que gera e movimenta essa força. Assim, o respeito a propriedade alheia, como a mulher do próximo, existe sobretudo porque há alguém que, no interesse próprio, sabe movimentar uma reação punitiva, logo que venha a faltar esse respeito. Explica-se desse modo porque a ética humana, no atual plano de evolução, só pode ser uma ética de luta, ou seja, à base de sanções. para fazer-se obedecer forçosamente por parte de quem impõe, e, reciprocamente, a base de revoltas para não obedecer por parte de quem a deve suportar. Essa é a ética que vigora nos fatos; ou seja, não uma ética de paz, em que cada impulso vai por si ao seu lugar e segue espontaneamente o caminho exato, mas uma ética de guerra, decidida a sobrepujar de todos os lados os limites devidos, para usurpar é mais que puder em benefício próprio e a prejuízo alheio. Tarefa da evolução será de levar o homem desta ética de guerra, a base de luta (imposição de um lado e revolta do outro) a uma ética de justiça, a base de compreensão (respeito das exigências da vida, de um lado, e obediência espontânea a ordem, do outro. Examinemos o problema em cada um de seus três pontos.

1) Segundo a nova moral, para que a sociedade possa adjudicar-se o direito de impor respeito a propriedade dos que a obtiveram, da parte dos que a não obtiveram, deveria em primeiro lugar cumprir o dever de garantir a estes últimos um mínimo indispensável para viver: uma casa, alimentação, roupa, educação etc., embora exigindo o trabalho correspondente, se não se tratar de incapazes Enquanto aos

deserdados faltar esse mínimo indispensável, a vida, que não quer renunciar a si mesma, os impelirá a revolta contra a ordem social, seja com assaltos organizados pelos partidos políticos, seja com o furto ilegal que viola a lei, ou com o furto legalmente realizado enganando a lei, como todos os delitos que ameaçam a propriedade e a vida. Nada disso deixará de aparecer, todas as vezes que não for satisfeita a primeira das três exigências fundamentais da vida, ou seja, quando esta se sentir ameaçada na conservação do indivíduo. A fera assalta a presa quando necessita de alimento para viver. Na nova moral, a culpa para o indivíduo começa quando ele exige o supérfluo, o que está além do indispensável para as necessidades da vida. Isto é confirmado pelo Evangelho, que diz que devemos dar o supérfluo aos pobres. Então, ele não nos pertence, mas aqueles a quem falta o necessário, e não temos direito de possuir o que lhes cabe. Isto porque os bens não são um meio para satisfazer cobiça de poucos, mas um instrumento a serviço da vida de todos, para que ela possa levar todos a obtenção de seus objetivos. Assim, o supérfluo se torna cada vez mais anti-moral, quanto maior for, porque, aumentando, diminui a necessidade de possuí-lo e cresce o dever de fazer dele bom uso, útil a vida e a seus fins.

Se esse princípio do Evangelho tivesse sido seguido no passado, e se hoje ainda o fosse, não teria havido nem hoje surgiria a possibilidade de revoluções sociais. Com isto a vida tenta por sua conta, uma primeira aproximação de justiça econômica, colocando de tal forma as várias classes sociais, cada uma a seu turno, na posição privilegiada. Sistema nada perfeito, porque são necessárias desordens e extorsões, para que os bens passem das mãos de quem tem muito, as de quem tem pouco. Com o mesmo fito, a vida tende também ao desgaste interior dos favoritos. Ou seja, acontece que o bem-estar os enfraquece e assim automaticamente os coloca em condições de inferioridade na luta pela vida pelo que rapidamente perdem sua posição de vantagem. Depois, o próprio fato de achar-se, só pelo nascimento, com uma riqueza já feita, não adquirida pelo próprio esforço, parece diminuir seu valor aos olhos de seu possuidor, de modo que, embora tivesse a força, ele se sente menos pronto que o normal, a lutar para não deixar que a riqueza lhe escape. Paralelamente acontece que, enquanto este se torna cada vez mais inábil a mantê-la, a necessidade estimula as forças e aguça a inteligência dos deserdados, que proporcionalmente, se tornam cada vez mais espertos e audaciosos na luta de conquista. As duas tendências levam ao mesmo resultado, que é um deslocamento de classes, com uma distribuição diferente da riqueza. Isto prova que a vida tende por si ao equilíbrio, à justiça — neste caso uma equitativa distribuição econômica — que é atingida por meio da instabilidade das posições. O homem gostaria, porém, da estabilidade hereditária, que sustenta com leis, defesas e estacas de toda a espécie. Esta permaneceria, se fosse equilibrada, ou seja, de acordo com a justiça, como quer a Lei de Deus; permaneceria automaticamente sem os artificiais armamentos que a sustentam; e se eles não bastarem a sustentá-la, é porque esse sistema está contra a Lei. Acontece então que a sagacidade humana não consegue paralisar essa tendência a justiça, tendência que os mina por dentro e acaba fazendo-os ruir, como de fato se observa na história. Sistema penoso e doloroso, que se poderia evitar, aplicando o Evangelho, que elimina as causas. Mas o homem não atingiu ainda um grau de inteligência que lhe permita compreender isso. Deve, pois, sofrer o prejuízo desse sistema, já que mais não é possível obter-se no plano de evolução em que está situado o homem.

No futuro estado organizado da humanidade, nada disso acontecera, porque terão sido eliminadas as causas. A sociedade será então dirigida por esta nova moral, que, respeitando a propriedade, a destina cada vez menos ao fim individual egoísta, e cada vez mais, com espírito altruísta, a subordina aos fins de utilidade social. O primeiro a tirar vantagem desta que parece uma limitação, será o indivíduo, que, numa sociedade orgânica, encontrara uma proteção que hoje lhe é desconhecida, porque tal sociedade lhe reconhecera e garantira o direito de viver, direito que antes o indivíduo só podia fazer valer no caso em que suas forças pudessem impor-se a todos os outros.

2) O amor é uma função fundamental do ser, porque necessária para a conservação da espécie, e é

meio indispensável para que os indivíduos possam reencarnar-se, voltando e tornando a voltar a terra, para fazer experiências e assim evoluir para os supremos objetivos da vida. Se, como dissemos, é moral tudo o que leva a alcançar esses fins, também o amor é moral se dirigido a procriar, fazendo disto um meio para que esses objetivos sejam alcançados. O amor não se detém apenas na procriação, mas implica que esta seja completada com a proteção e educação dos filhos, ajudando-os em tudo para que a experiência da vida produza neles evolução e se resolva em melhoria espiritual. Quando, porém, por motivos fisiológicos a procriação não fosse possível, o amor pode ainda ser necessário como conforto, para manter a vida individual dos cônjuges, devendo eles, nesse caso, tender, embora no campo mais restrito de sua existência e do auxílio recíproco, a obtenção dos supramencionados fins da vida. Recordemos que o amor é a maior potência criadora, ao passo que o ódio representa o poder destruidor. O amor deve ser apenas disciplinado para que se desenvolva de acordo com a Lei; guiado, para que se harmonize na ordem, como é sua função, para que nos leve para o Alto; não deve ser combatido nem destruído, porque se o destruirmos, destruiremos a vida. E quando ele não puder ser maternalmente criador de filhos, pode sê-lo espiritualmente, tornando-se fecundo de bondade e elevação.

Neste sentido, amar é moral, quando ocupa seu lugar justo na ordem da Lei, ou seja, quando é usado como meio para atingir os supremos objetivos da vida. Amar torna-se imoral quando não é função deles, fazendo da própria satisfação egoística o único fim, que se substitui ao da vida. O mal começa logo que se sai da disciplina da ordem, com o abuso, com excesso, com a busca do supérfluo, com a falta de respeito aos direitos alheios, sacrificados no altar do próprio egoísmo. Este representa uma força separatista e destrutiva do amor, que só pode ser altruísta, para dar e não para desfrutar, para harmonizar e fundir as almas, e não para dividi-las, sem preocupar-se das ruínas semeadas ao longo de seu caminho.

Então começa o erro, e dele somos logo advertidos, não em teoria, mas com fatos bem percebidos. Prova que erramos — a Lei com sua reação nos impõe a dor. A ordem da Lei é alegria. Logo que se aproveite de uma alegria que esteja fora dos limites fixados por essa ordem, se entra na desordem, na anti-Lei. Verifica-se, então, fatalmente, a automática inversão da alegria que se torna dor. Entrega-se no terreno negativo, em que a saúde se torna enfermidade, a paz se torna guerra, o amor gera o ódio. Também o alimento é útil e agradável. Experimentemos, porém, ao invés de ganhá-lo, roubá-lo ou comer demais, e inevitavelmente nos acharemos diante da reação da Lei que nos expulsa de sua alegria e nos lança fora, no terreno da anti-Lei, onde essa alegria se invertera em dor. É lógico e justo que assim aconteça, porque, se nós invertemos as posições nas causas, como podem elas não aparecer invertidas também nos efeitos?

Insistimos neste ponto porque, no terreno da ética, ele é fundamental. A dor não é uma reação punitiva da Lei nem muito menos uma sanção vingativa por parte da Justiça Divina, porque a violamos. Pode até a dor definir-se como “um estado de desarmonia, motivado por termos querido, livremente, assumir uma posição de desordem em relação a ordem da lei”. A dor depende de uma posição errada que o homem assume. Inevitavelmente, logo que sai da harmonia da Lei, que é alegria, ele penetra na desarmonia da anti-Lei, que é dor. Esta é a campanha de alarme que, com notas bem claras, nos avisa que estamos fora da estrada, e que nos impele a retomar o caminho certo, a fim de livrar-nos dos sofrimentos. É desta maneira que, mesmo respeitando nosso livre-arbítrio, a vida nos coage a buscarmos seus superiores objetivos.

Mesmo neste terreno do amor, a nova moral é moral de ordem, de paz, de respeito. Faz parte de ética de um plano superior ao atual humano, em que a vida não quer mais selecionar um ser egoísta, mais forte e astuto, vivendo só para si, dominador de tudo, mas o homem social, que aprendeu a coordenar-se com o estado orgânico futuro da humanidade, o homem que não causa dano a ninguém, mas protege a vida,

primeiramente em sua companheira e em seus filhos, tornando-se guia de sua elevação. A evolução levar-nos-á cada vez mais distantes dos tempos em que o macho roubava a mulher e o amor se realizava numa atmosfera de destruição e violência, forma mental viva ainda nos menos evoluídos, e que vemos reaparecer nos romances tão difundidos, em que o amor se torna crime e morte, ao invés de afeto e bondade. Mesmo neste campo, a moral atualmente vivida nos fatos é moral de guerra, em que o maior grau atingível na ordem é dado por aquela ordem que se obtém dentro do castelo fechado e armado da família, dirigida por um chefe que saiba defendê-la contra todas as outras. Mais não se pode conseguir num plano biológico em que tudo se realiza em função da luta que é sua lei. Toda a psicologia daí derivada, terá de ser superada pela evolução. A prepotência do homem, considerada hoje como valor, será amanhã julgada defeito, porque anti-social. Sua prova de força não consistira em submeter ao próprio egoísmo um ser fraco, necessitado de proteção, como a mulher, mas em defendê-la, elevando-a ao estado de companheira e colaboradora na construção do edifício da família e na obra da ascensão espiritual desta.

Antes de terminar este assunto, temos de ocupar-nos de uma classe a parte: a dos que renunciam. A renúncia ao amor, isto é, a castidade, é moral ou anti-moral? Se, como acima dissemos, é moral tudo o que, no mais amplo sentido, é útil a vida, porque leva a obtenção de seus fins supremos, a renúncia só poderá ser moral se pudermos descobrir nela algum elemento que satisfaça a essas condições. À primeira vista, se a vida quer a procriação, como indispensável meio para evoluir, a renúncia que nega essa procriação parece imoral. E verdadeiramente, na renúncia existe algo de negativo, que se limita a dizer "não", e jamais uma afirmação positiva. Ora, dado que a moral faz parte da Lei, que é toda positiva e construtiva, dirigida ao ser, e jamais ao não-ser, a renúncia pode ser julgada como imoral, se olhada segundo a lógica estreita do plano de vida animal.

O problema agora é ver se a renúncia pode conter também um lado de afirmação positiva, que justifique e compense o seu negativismo, porque só assim a sua imoralidade poderá transformar-se em moralidade. Mas, se no plano animal a renúncia é simplesmente negativa, não é nesse plano que poderemos encontrar compensações e substituições. Resta-nos então procurá-las em plano mais alto, no mundo espiritual. Poderemos dizer, pois, que o negativismo da renúncia, imoral pela própria natureza, porque anti-vital, encontra plena justificação e se torna moral, quando esse negativismo seja neutralizado por uma conquista num plano mais alto, ou seja, no espiritual. Tudo o que é destrutivo pertence as forças do mal. Mas o que é destrutivo, num plano, pode ser construtivo em outro; e cada destruição, que por natureza própria é negativa e portanto imoral, pode tornar-se meio de construção, transformando-se assim em positiva e moral. Então, uma mutilação de vida, que por sua natureza é imoral, pode ser moral quando, em outro sentido, é criadora e produz um acréscimo de vida. A renúncia é moral quando não vai contra a vida, mas, no sentido que agora expusemos, caminha para a vida.

Conclui-se de tudo isto que, se a renúncia não for condição de conquistas espirituais, se não for usada em função destas, ela perde sua razão de ser e permanece injustificável. Isto porque destruir por destruir sem reconstruir, é imoral, como o é tudo o que permanece estéril em relação aos supremos fins da vida. É por isso que todas as virtudes que se detém apenas em seu lado negativo, sem produzir nenhum fruto vital, que contraem o eu sem fazê-lo crescer nem desenvolvê-lo, em direção a Deus, como dita a lei da evolução, são, senão prejudiciais, pelo menos inúteis a vida: são mais imorais que morais. A verdadeira virtude não se afoga no paul do "não fazer", mas se dirige sempre a um "fazer", embora as vezes tenha de escolher o caminho inverso do "não fazer".

Com isto não quisemos desvalorizar nem condenar a renúncia, mas apenas definir seu significado e valor, em função da Lei e dos supremos fins da vida. Esta tem de evoluir, e portanto não pode admitir

nenhuma compressão, senão em vista de uma correspondente expansão; nenhuma renúncia ao amor material, senão como condição de uma conquista maior como amor espiritual. A castidade é útil quando serve para criar um amor maior, e não quando serve para mata-lo, atrofiando na frieza e na indiferença os nobres impulsos do coração.

3) As exigências fundamentais da vida não se esgotam apenas com a conservação, seja do indivíduo seja da espécie, mas consistem também numa terceira, a evolução, sem a qual as duas primeiras não teriam nem objetivo. Tanto trabalho para conservar em pé a vida não pode explicar-se, de fato, como um fenômeno fechado que eternamente gira sobre si mesmo, sem desembocar numa finalidade que o justifique e um dia o resolva. E eis que, para dar-nos a chave de todo o jogo, aparece o conceito de evolução. A maioria, formada pelas grandes massas, e a que — movida pelos dois instintos da fome e do amor — está encarregada pela vida de prover o cumprimento das duas primeiras exigências — da conservação do indivíduo como da espécie. A tarefa de fazer evoluir essa massa é, porém, confiada a poucos indivíduos, biologicamente fora da série, especializados nesse trabalho de exceção, que os isola, embora por cima, mas fora da média, como expulsos dela, a qual tudo estabelece e faz para próprio uso e costume, segundo as medidas de sua forma mental.

Qual é a sorte desses indivíduos? Naturalmente eles não estão totalmente presos neste trabalho, que representa sua principal função biológica e o objetivo de sua vida. Mas isto não modifica absolutamente as condições do ambiente em que devem operar, nem impede que a luta de ataque e defesa — que constitui a lei principal dos seres entre os quais eles têm de viver — os acometa com sua agressividade, enquanto eles estão absorvidos num trabalho totalmente diverso, e no qual estão especializados, tanto quanto, ao contrário, o tipo comum está especializado na luta. Se o evoluído não sabe e não pode lutar, nem por isso os outros cessam de agredi-lo, tanto mais que eles se sentem mais fortes nesse terreno, e nada os atrai tanto quanto a facilidade da vitória. Parece assim que o habitual destino do gênio na terra é o de ficar abandonado e despojado, ao passo que a riqueza tende a superabundar nas mãos dos especializados, em sabê-la acumular. O ser encarregado da função biológica superior de fazer evoluir é um pioneiro, lançado para o futuro, provido das qualidades próprias ao plano superior que deverá ser atingido, mais do que daquelas que tem a maioria que vive na terra. Condenado a viver neste ambiente, que não é o seu, enquanto esta atento a realizar sua missão de ensinar formas superiores de vida, facilmente é superado pelos que, sabendo lutar, podem explora-lo, roubando tudo o que é dele. Para vergonha da humanidade, a história esta cheia de casos de grandes músicos, artistas, pensadores, cientistas etc. — em todos os sentidos, grandes benfeitores — que viveram e morreram na miséria, enquanto a riqueza se esbanja por inúteis luxos e se gastam somas fabulosas para matar o próximo na guerra e para, na paz, aperfeiçoar a arte de matar. Isto demonstra em que estado de involução se acha ainda o homem e como a vida do evoluído, na terra, para fazê-la progredir só pode ser uma vida de martírio. Dizê-lo, pode parecer ofensivo para as grandes almas. Mas o certo é que uma humanidade que não sabe defender o mais alto produto da raça, incumbido da função de fazê-la evoluir, não pode considerar-se civilizada.

IX

O PROBLEMA DA MORAL II

Como age a nova moral? Mundo de luta. Evolução por ação e reação entre dirigentes e súditos, por comum abrandamento de costumes. Progressiva eliminação da luta, e da dureza das leis. Em direção a uma moral cada vez mais amiga. A vida, estado de guerra. A ética que se vive nos fatos, e suas conseqüências. A função biológica da mentira. A virtude como astúcia. A liquidação do simples e honesto. Ética emborcada. A psicologia do selvagem e do civilizado. Inteligência prática, para a luta, e não especulativa, para o conhecimento. A moral da nova civilização do espírito.

Dadas as condições atuais do mundo, como fazê-lo evoluir ainda, levando-o a viver a nova moral? Aplicando-a ao real estado de fato, que reações excitará e recebera em resposta, quando se trata de passar seriamente de uma ética pregada a uma ética realmente vivida? Não podemos esquecer que se trata de um mundo em que tudo se baseia na luta, um mundo em que a norma ética teve de aparecer até agora como imposição armada de sanções, resultando como conseqüência o desenvolvimento da arte de escapar delas. Há luta entre o evoluído que quer subir e o involuído que não quer subir, luta entre duas leis diferentes que aspiram ao domínio absoluto sobre o homem.

Ora, é lógico que, nesse ambiente, qualquer inovação tem de ser iniciada de cima, isto é, por parte dos vencedores, que são os únicos, nesse plano, e têm o direito de mando. Se nesse plano tudo funciona assim, se esses são os princípios que estabelecem a conduta dos que aí vivem, não podemos sair deles nem mesmo quando queremos estabelecer uma norma ética, embora desça ela de planos superiores, regidos por princípios diferentes. As normas concebidas nos ambientes mais elevados constituem o que se chama a teoria. O modo com que são recebidas, adaptadas e até invertidas no ambiente humano terrestre constitui o que se chama a prática. A teoria é bela, resplandecente, mas a tendência é que seja deturpada e corrompida logo que desce á prática.

A realidade apresenta-nos, então, um espetáculo bem diferente do que se poderia imaginar. Quem faz as leis é a camada social superior, que tem o direito de mandar porque venceu a batalha da vida. Se essa camada não faz a lei ética, porque só poucos e excepcionais evoluídos conseguem intuí-la, pode todavia formulá-la em artigos de lei, dosá-la e, sobretudo, enchê-la de sanções que, na terra, são as coisas mais importantes, se não quisermos permanecer no campo teórico. E então a ética, que no Alto é outra coisa — ou seja, norma espontânea de convicção — também se torna luta, para adaptar-se à lei da terra em que desceu. É sob esse aspecto que a moral aparece em nosso mundo, fato que pode parecer estranho e contraditório, mas do qual compreendemos as razões. A ética resolve-se assim, na prática, numa luta entre a classe superior que impõe as leis, e as classes inferiores que devem aceitá-las, luta entre a classe dos juizes que estabelecem a culpabilidade e condenam, e a dos julgados culpados, que são condenados se não obedecem.

Podemos perguntar-nos agora: como consegue a vida evoluir, se a descida dos ideais á terra está submetida a esse sistema que a converte em luta e assim paralisa seu efeito mais importante, que é o de provocar uma melhoria? Eis então o que acontece: o progresso é um impulso íntimo, que age de dentro, indistintamente sobre todos, tanto em quem manda, como em quem obedece. A evolução não pode submeter-se ao contraste entre os dois impulsos opostos em luta; então, ao invés de ficar dominada por

ele, domina-o e o utiliza. Não podendo caminhar em linha reta, avança tortuosa como um rio, por impulso e contra-impulso, por ação e reação entre as duas partes contrárias que, assim, acreditando eliminar-se, colaboram substancialmente na mesma direção, que é a da evolução. Os dois grupos opostos influenciam-se mutuamente. Logo que um progride um pouco, o outro recebe e assimila os benefícios, civiliza-se, abrandando seus costumes, obedece com um pouco mais de consciência e conhecimento, mais espontaneamente convencido porque experimentou as vantagens de viver na ordem. São a luz e a bondade que começam a chegar, dismantando aos poucos o castelo das coações e sanções, duro ônus que pesa sobre todos, e de que agora é possível começar a libertar-se, porque cada vez se torna menos necessário. Isto permite aos dirigentes a mitigação das penas, abandonando cada vez mais o método psicologicamente impositivo de terrorismos, indispensável para disciplinar seres rebeldes e ferozes. Antes, não se podia assim proceder sem prejuízo destes, que teriam interpretado qualquer ato de bondade como sinal de fraqueza e autorização à devassidão. A idéia do inferno não foi criação de um grupo sacerdotal, mas uma necessidade psicológica, imposta pelo estado de involução em que se achava o homem no passado. Sem esses terrorismos hoje inaceitáveis, o edifício ético, em virtude de sua estrutura mental, teria caído na anarquia. Mas é lógico que tudo isso deva ir desaparecendo, automaticamente, sem danos, logo que o homem, por ter-se civilizado mais, o permita.

Caminho lento, gradual e difícil, mas caminho fatal. Sem dúvida os dirigentes, por causa da natureza de seus súditos, têm necessidade de defender-se e não podem abandonar-se a excessivos atos de bondade, sem que seja invertida a ordem que a lei ética deseja, tornando-se anti-ético, porque impediria que a vida atingisse seus objetivos. Para o involuído, a ética precisa estar armada de chicote, pois só assim o levará ao bem. Mas não restam dúvidas de que o dever da iniciativa dos melhoramentos cabe à classe dos dirigentes (abolição da pena de morte, da escravidão, melhoramentos no sistema de prisões, mitigação da pena, justiça econômica, previdência social etc.). Essa iniciativa deverá ser levada até ao limite máximo possível, como grau de bondade que o estado de civilização atingido já permite. Dentro desses limites, as classes menos evoluídas da sociedade poderão restituir à classe superior o bem que recebem, na forma de um abrandamento de costumes. A finalidade da lei é sobretudo de educar, ensinando, à força de sanções, a viver mais civilizadamente, pronta a abandonar esse sistema, logo que os súditos aprendam a lição, e demonstrando assim não mais necessitarem desses métodos. Na feroz Idade Média realizavam-se as execuções capitais e as punições corporais nas praças, à vista de todos, usando o sistema terrorístico, julgando-se educar o povo no respeito para com os detentores do poder. Mas isto também educava o povo no gosto do crime, nunca dominado com esse sistema que, no fundo, só demonstrava o medo que os dominadores tinham de ser derrotados. Com o tempo, o trabalho subterrâneo da evolução abrandou tudo, tanto que esses espetáculos aos quais a multidão acorria com satisfação, agora gerariam nojo e condenação..

Assim, por golpes e contragolpes, realiza-se a evolução e a humanidade progride para formas de vida que contêm cada vez menos o mal e cada vez mais o bem. As massas, educando-se cada dia mais no bem, permitem aos dirigentes e às leis que sejam melhores, e estes, tornando-se melhores, educam as massas cada vez mais no bem. Esse é o sistema utilizado pelo progresso num mundo de luta, onde isto pareceria impossível, precisamente por causa da luta. O progresso, paradoxalmente, realiza-se por meio da luta, isso nos mostra como é profunda a sabedoria da vida.

A repressão forçada é um mal necessário nos tempos involuídos; mal que se destina, porém, a ser superado. Não é a repressão que liberta a sociedade de seus males, mas a mecânica progressiva que acabamos de ver. Ao contrário, a repressão aumenta a reação, a violência gera a violência e, em última análise, o mal só pode ser combatido com o sistema da não-reação, e só pode ser vencido verdadeiramente se o neutralizamos com igual medida de bem. Muitos abusos e delitos nascem, freqüentemente, de um

abuso e delito maior, o de não reconhecer nos dominados os direitos que os dominadores reconhecem para si mesmos. Os princípios superiores da ética são tanto mais dificilmente aplicados, quanto mais poderoso e ativo é o sistema de luta que vigora na terra, para a qual eles são trazidos.

A humanidade futura será mais inteligente e compreenderá a enorme vantagem de comportar-se de modo diferente. No fundo, os conceitos de moral e evolução coincidem, como os de anti-moral e involução. Ao evoluir, o indivíduo torna-se espontaneamente moral, como ao involuir se torna anti-moral. Por natureza o evoluído é mais moral que o involuído. Moral é evoluir, anti-moral é involuir, como viver uma vida estéril que nada produz de bom nem para si, nem para os outros. Moral lógica e utilitária, baseada no utilitarismo da vida, que não é de superfície nem míope visando a efeitos imediatos, mas profundo e de longo alcance, substancialmente frutífero. Definimos a dor como um estado de desarmonia, devido à própria posição da desordem. A dor deriva, com efeito, da desordem, que leva os indivíduos a luta, fazendo-os chocar-se uns contra os outros. É lógico, pois, que ela tenda a desaparecer com a evolução que leva à ordem, que pacifica os indivíduos, fazendo-os caminhar disciplinadamente, cada um em seu lugar, sem mais chocar-se com o vizinho, ofendendo-o.

Como a fera que se torna menos feroz e perde as garras ao evoluir, ou seja, como a evolução realiza uma progressiva eliminação da luta pela vida, assim a moral, à proporção que evolui, se torna menos opressora, menos terrorística, menos armada de duros castigos. Com a evolução tudo tende à harmonia, à alegria, à bondade. Torna-se o homem mais livre e ao mesmo tempo adquire maior sentido de responsabilidade. Quem quiser subir aproveitará, depois as vantagens; quem não quiser subir, permanecerá em seu nível de vida, com todos os males inerentes a ela. Em substância, a nova moral diz apenas: civilizai-vos e vivereis muito melhor. E se agrada a todos viver melhor, é lógico que, descoberta a estrada para atingir isto, se ache conveniente submeter-se ao esforço indispensável para percorrê-la. A ética atualmente em vigor na prática, embora teoricamente bela, é torcida pelos instintos elementares, cheia de trasbordamentos do subconsciente e de ilusões psicológicas, devidas a perspectivas erradas, produzidas pela forma mental que dirige o homem em seu atual plano de vida. Moral em que reaparece a cada passo, nos fatos, o cálculo do próprio interesse, o medo do patrão, o desejo de evitá-lo, enganando-o com escapatórias, o contínuo sentido de luta para tornar-se o mais forte e assim vencer a todos.

Esse triste estado deve ser abandonado e superado com formas de vida mais altas e felizes. Não mais tantas condenações, que sufocam a vida, mas esforços inteligentes para melhorar, andando ao encontro dela. U'a moral amiga, que nos levará ao bem querendo-nos bem, e não u'a moral inimiga, em que o instinto humano de luta e agressão encontra desafogo. É preciso afastar-se cada vez mais dos grandes absurdos e aberrações do passado, como as guerras santas, as inquisições., os infernos eternos, a benção das armas e as condenações em nome de Deus, como de toda coação espiritual que leva à aceitação forçada, como substituto da aceitação espontânea, por convicção. U'a moral fraterna e pacífica de onde desapareceu a luta, em que, sendo tudo lógico e claro, não pode aparecer a mentira, porque é contraproducente. Para eliminar todos esses efeitos maus é mister eliminar as causas. Não é uma moral para uso dos vencedores, em detrimento dos vencidos, mas uma moral de justiça em que há lugar para os direitos e à vida de todos. Então a classe dos rebeldes à ordem social não teria mais razão de existir e desapareceriam essa praga, essa luta e esse perigo. Mas, enquanto dominar u'a moral de classe, ao invés de u'a moral biológica imparcial, a humanidade terá de continuar a luta, e não poderá purificar-se de seus elementos mais daninhos.

Estas são as regras do jogo e não podemos sair delas: se semearmos justiça, colheremos ordem e paz; mas se semearmos injustiça só poderemos colher revolta e mentira. Se, no próximo, quisermos enganar a vida, a vida, através do próximo, nos enganará. Esta é uma realidade à qual não podemos escapar, mesmo

se tudo fizermos em nome de Deus, da pátria, de um ideal, do bem da humanidade. Esta é a verdade a que tudo se reduz, para além dos esquemas filosóficos, religiosos, ideais e sociais. As aparências não contam. Se não formos sinceros, teremos mentira; se oprimirmos teremos revolta; se não soubermos mandar para o bem alheio, não obteremos obediência.

* * *

O ponto fraco da moral vigente é sempre o de permanecer imersa no plano da luta, de ser uma expressão dela, de existir em função dela, permanecendo assim uma moral de involuídos. A causa primeira dos males daí derivados é o princípio do mais forte, que domina nesse plano, princípio que leva à derrota. Segundo esse princípio a verdade é estabelecida pela maioria, com suas idéias, para satisfazer a seus instintos e interesses. Cabe-lhe esse direito, porque ela é numericamente mais forte. Mas quais são as idéias da maioria, que certamente não pode representar uma elite selecionada? São as que correspondem aos impulsos mais elementares da vida. E é a essa altura, própria dos involuídos, que os evoluídos são constrangidos a nivelar-se. E então, mesmo que a verdade possa descer do Alto pela revelação, o que a humanidade aceita, aplica e vive, é estabelecido pelos limites impostos pela capacidade de compreensão das massas, que não sabe ir além de um consentimento instintivo do subconsciente, que representa a parte mais involuída, a animal do ser humano. São estas as forças que, através dos fatos, tendem a dirigir a atividade humana e com a qual a ética tem de contar, pagando o seu tributo, ainda que, na teoria, essa atividade pretenda justificar-se proclamando-se conseqüência e aplicação de princípios absolutos, e sendo praticada em nome de Deus e dos mais altos ideais. A realidade positiva que aparece nos fatos é a satisfação do imperativo dos interesses da vida, que quer atingir sua finalidade. Constrói-se assim o castelo da ética sobre bases escusas, que se enterram nas vísceras do mundo biológico e que pouca afinidade tem com abstrações lógicas e teológicas, onde a ética pretende fundamentar-se para assumir valor absoluto, acima de nosso contingente. Como o homem construiu para si uma idéia toda antropomórfica da Divindade, para seu uso e consumo; como se colocou na posição de único objetivo da criação, num planeta que estava no centro do universo, em função de valores considerados absolutos, por exemplo a imobilidade da terra e a solidez da matéria; do mesmo modo o homem construiu para si uma ética na base de ilusões psicológicas, que a observação acurada das mentes mais adiantadas vai gradualmente desfazendo com a análise, à proporção que, com a evolução, se abre a inteligência humana.

Justifica-se essa forma mental, responsável pelo conceito de verdade absoluta, através do desejo instintivo de atingir a última meta do conhecimento. Acreditam assim que a atingiram e a possuem, ao passo que para o homem, situado no futuro, só são possíveis verdades relativas e em evolução. De fato é isto o que a realidade nos mostra apesar das mais absolutas e dogmáticas afirmações em contrário. Diante do transformismo universal, a que nenhum ser pode escapar porque está imerso no fenômeno da evolução, o absoluto imutável só é admissível como distante meta final, ainda não tocada, e só atingível no término do processo evolutivo. Até esse momento, tão distante que escapa à avaliação de nosso concebível, só podemos admitir para o ser uma progressiva sucessão de diversas aproximações da verdade, como etapas da contínua conquista do conhecimento. A ética é apenas um dos aspectos dessa verdade e, como tal, também só pode ser relativa e em evolução. Eis então que a ética, como o conhecimento e tudo o mais, é dada pela posição que o homem atingiu ao longo da escala da evolução, e existe em função desta, ou seja, do grau de desenvolvimento alcançado, o que estabelece, em todos os campos, os limites do concebível humano.

Surge, então, na terra, a possibilidade de existirem diversas éticas, relativas ao grau de evolução atingido. É verdade que a maioria estabelece um nível médio, proporcional à sua sensibilidade e compreensão, adaptado às massas que, nele se encontram à vontade. Mas é também verdade que os mais evoluídos podem considerar essa ética como altamente imoral, já que encara como lícito e natural o que a

eles pode parecer até mesmo um crime. A moral dos selvagens atinge a antropofagia. A moral do homem civilizado admitiu, até há pouco tempo, a escravidão, e ainda admite, em vários casos, o direito de matar o seu semelhante. Quanto mais civilizado é o ser, e ilícitas, muitas coisas que a moral comum permite, mais é evoluído e mais fica horrorizado como os seus semelhantes realizam, sem nenhum sentimento de culpa, atos que seriam, para ele, inadmissíveis. Esse tipo biológico poderia então fazer uma lista de crimes que a ética comum, tanto religiosa como civil, admite tranqüilamente, sem perceber a sua atrocidade, com a mesma ingenuidade com que — em proporção — o antropófago devora o seu inimigo. Vejamos alguns desses casos.

1) Julgarmos não em função da justiça, imparcialmente, mas em função da força de que o julgado dispõe: seja em posição social, poder econômico, capacidades bélicas etc., chegando assim a uma justiça que funciona de modo exemplar apenas para o faminto e inerte ladrão de pão ou de galinhas.

2) Julgarmos e condenarmos o próximo sem conhecer suas condições reais e só em função deles mesmos. Sermos tolerantes quando nos outros encontramos os nossos próprios defeitos, pelos quais também nós poderíamos ser condenados primeiro, se os condenássemos; e tornarmos-nos desapiadadamente intransigentes e modelos de virtude, quando nos outros podemos apontar defeitos que não temos, pelos quais, portanto, não podemos ser alvo do retorno de acusação.

3) Servirmo-nos das altas coisas do espírito e de Deus como meio para alcançar vantagens materiais, para vencer na vida e nos afirmarmos no mundo, prostituindo-as até fazer delas instrumento de astúcia de guerra. Em outros termos, servirmo-nos da política para satisfazer o próprio orgulho ou para nos tornarmos uma potência social e econômica, e não para ajudar a nação; servirmo-nos da religião para assegurar uma posição e não para cumprir a missão de levar o bem às almas; traírmos os princípios que dizemos professar, usando-os para outros fins, enganando a respeito dos verdadeiros métodos de vida, bem camuflados sob um belo manto de hipocrisia, e, praticando na realidade, sob tão belas aparências, o jogo duplo do Maquiavelismo.

4) Segundo a moral em vigor, é lícito vivermos no desperdício do supérfluo, enquanto outros nossos semelhantes carecem do estritamente necessário, assim como é lícito entrarmos na posse de bens que não foram ganhos com o próprio trabalho.

5) É lícito roubarmos quando com isto damos prova de uma inteligência, que sabe enganar a justiça estabelecida pelas leis. Saber escapar astuciosamente, aos castigos, pode até merecer como prêmio a velada estima da opinião pública, que não a regateia a quem saiba vencer e tornar-se poderoso, e que se torna incondicionalmente admirado só por isso, relegando ao esquecimento os meios utilizados, desde que atingiu resultados tão brilhantes e invejados.

6) É lícito, com a benção de Deus e as honras da pátria, matarmos quando isto corresponde aos interesses do próprio país ou dos detentores do poder. Aos maiores carrascos da humanidade, que realizaram as maiores matanças bélicas, foram tributadas as maiores honras da história.

A lista poderia continuar. Estes são alguns dos delitos que a ética humana atual reconhece como lícitos, na realidade, embora os condene teoricamente; delitos que qualquer um pode tranqüilamente cometer, continuando pessoa de bem e cidadão estimado na sociedade, como bom cristão, ao qual as religiões prometem o paraíso. Assim a maioria cria a própria ética, satisfazendo seus instintos, aos quais obedece de boa fé, acreditando permanecer na verdade e na justiça. Não tendo atingido ainda o nível evolutivo suficiente para perceber o que está fazendo, a pessoa se julga honesta e sincera. Nada mais se

pode fazer, então, senão repetir com Cristo: “Perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. E para compreender o comportamento desses seres, temos de raciocinar com a inteligência da vida, que os faz movimentar-se por meio desses instintos, sem que eles saibam o porque. Eis que então aparece, além da ética pregada e teoricamente professada — artificiosa construção do pensamento — esta outra moral biológica e realística, em que a vida impõe as férreas leis de seu plano de evolução.

Esta realística moral biológica pode parecer mais livre, porque permite muitas coisas que são proibidas mais acima; entretanto nem por isso é menos dura. Justamente porque mais involuída, está armada com reações férreas, para manter na linha o involuído, menos sensibilizado. O homem comum sente-se livre e por isso acredita que lhe é permitido poder realizar impunemente qualquer desejo, não imaginando que vive constringido nas malhas de uma rede de ferro, estabelecida pela Lei. Como esta lhe deixa liberdade de ação ele acredita poder fazer o que quer e não percebe que a cada movimento seu corresponde uma inexorável reação. Assim o homem faz o que quer, mas a lei é um sensibilíssimo organismo de forças que, à mínima violação de sua ordem, responde com um proporcionado e adequado contragolpe, que coloca cada coisa em seu lugar, de acordo com a justiça. Essas forças são como tentáculos que atingem quem errou contra a lei, sem possibilidade de fuga, em qualquer tempo ou lugar que ele se encontre. O homem, acreditando-se totalmente livre, está imerso nessa atmosfera de ordem imposta pela lei; faz parte desse organismo de forças que o vinculam de todos os lados e no qual precisa saber manobrar com sábia retidão, se não quiser depois ser coagido a suportar tremendos contragolpes como reação da lei.

Justamente nesse ambiente — de cuja verdadeira natureza o homem não pode tomar conhecimento por causa da ignorância — é que o homem gosta de mover-se, segundo seus loucos caprichos, perseguindo miragens de dominador, que pretende impor-se a tudo. É fácil imaginar que dilúvio de dores daí resulte. E é isso que de fato vemos acontecer no mundo. É como se um aviador quisesse voar sem conhecer nem respeitar as leis do vôo, e ao contrário, pretendesse impor-se a elas, para dobrá-las, obrigando-as a funcionar segundo sua vontade. O resultado lógico seria que, ao invés de mudar as leis do vôo, o aviador caísse ao solo pagando as conseqüências fatais de sua louca pretensão. Qualquer técnico que conheça aquelas leis poderia matematicamente explicar-lhe a necessidade lógica das conseqüências.

As primeiras características do involuído são a sua ignorância e o instinto de revolta, de modo que, aumentando essas qualidades com a involução, aumenta proporcionalmente a força dos golpes recebidos. Mas é justamente desses golpes maiores que a insensibilidade maior do involuído precisa, para aprender a conhecer a lei e a não ofendê-la com a própria revolta. Os meios para educar são enérgicos, na medida adaptada à capacidade perceptiva dos alunos. Estes podem semear a desordem que quiserem, mas só para si, e para depois pagarem os prejuízos, à própria custa. Ninguém pode impedir que tudo esteja proporcionado em perfeita ordem, na lei.

O objetivo da escola da dor é ensinar a obediência, ensinar a saber movimentar-se seguindo a ordem da lei e não chocando-se com ela, provocando reações. Todavia o homem é um rebelde por natureza, e julga-se honrado e sábio, quando sabe impor-se a todos, e se gaba da arte de violar a lei, conseguindo depois escapar às suas reações. Entre o involuído e a Lei estabelece-se assim não um regime de consentimento e harmonia, mas como um duelo em que o homem desejaria superar a Lei, a qual lhe aparece não como uma norma de sua felicidade, mas como um inimigo que deva ser dobrado e enganado. Acredita-se desta forma dar prova de inteligência, usando de astúcia ao querer lograr nas barbas de Deus e dos homens. Trágico mal-entendido, que escancara as portas à dor, necessária para corrigir esse erro. A lei não é um obstáculo que valha a pena superar com bravura, mas um guia amigo que quer levar-nos à

felicidade que procuramos destruir, quando nos rebelamos contra a Lei. Com a desobediência semeamos dor, onde a lei, se fosse obedecida, faria nascer alegria.

E' assim que, através dos oceanos de todos os sofrimentos, o homem aprende a conhecer os artigos da Lei. É assim que, pagando pela desobediência, se aprende a arte de obedecer. Desse modo a Lei, duplamente sábia, compensa a loucura do homem, impelindo-o, apesar de tudo, a realizar a própria evolução. E quanto, mais o homem, na sua luta contra a lei, procura escapatórias para fugir de seu castigo, tanto mais esta o chicoteia para trazê-lo à sua ordem. O jogo que vale para as leis humanas, que é possível enganar, não vale para a Lei de Deus, que não se pode lograr. Nossa ignorância pode ser tão grande que nos faça crer seja isto possível. Mas não muda a realidade dos fatos. Quando julgamos que fomos mesmo sabidos, conseguindo burlar a Lei e escapar de suas sanções, explode a sua reação maior, com a tempestade corretiva. Aprende-se, então, a lição mais salutar, a que nos ensina que o erro maior, que se paga mais caro, é justamente o de julgar seja possível impor-se à Lei com a força e escapar das conseqüências da desobediência com a astúcia.

As estradas de fuga abrem-se diante de nossos olhos, amplas e convidativas. Os ingênuos acreditam que fizeram a grande descoberta e encontraram os atalhos da felicidade. Lançam-se a eles aos montões, como moscas ao mel. Que convite: ganhar a bom preço, com pequeno esforço Como resistir a isso. Mas a Lei é justa e não admite se possa obter uma vantagem sem ser conquistada e merecida. Essas soluções cômodas são uma ilusão; esses caminhos fáceis que parecem conduzir à felicidade são redes de fundo sem saída, becos cheios de dor, e para sair deles, é mister caminhar para trás, engolindo o erro e tornando a percorrer a íngreme subida por todo o caminho percorrido na descida fácil.

Há uma estrada que não engana e verdadeiramente resolve o problema, sem trazer-nos sofrimentos. Mas esta é pequena, estreita, lateral, e ninguém lhe dá importância; é íngreme e incômoda, e não atrai os caçadores de vitória, fáceis. Termina numa passagem muito estreita, e para entrar nela é preciso estar nu, sem nenhuma roupagem de mentiras, despido dos enfeites das coisas terrenas, sutil e leve, espiritualizado e livre do peso da matéria. Aquela passagem estreita é a honestidade. Só passam por ela os justos, os sinceros, os obedientes à Lei. Seria possível sair por ali sem chocar-se com as reações da Lei, mas é difícil e ninguém pensa nisso. Para consegui-lo são necessárias qualidades que não se tem e que são duras de conquistar; requerem-se esforços que não são agradáveis fazer. Por isso ninguém olha para esse lado, onde, no entanto, está o caminho de saída a todos os sofrimentos. E são preferidas as outras estradas, amplas e convidativas, mesmo que depois não conduzam, como é lógico, senão ao engano. É justo, está de acordo com a Lei, que quem quer enganar seja enganado; que quem se glorie do saber lograr, seja logrado. Depois diz que a vida é ilusão. Mas esta foi desejada pela psicologia de astúcia que ilude primeiro quem acreditou poder iludir a Lei.

Quando depois, por obra de seres mais adiantados, desce do Alto uma ética, norma de conduta que nos leva a evitar esses males, mesmo assim o homem, como fazia com a Lei, procura todas as escapatórias para lográ-la. O involuído primitivo não sabe responder de outra forma. Quando, por maturidade evolutiva, falta a consciência das próprias ações, a ética poderá impor normas mecânicas e exteriores, mas não poderá improvisar essa consciência. Nesse nível, a ética reduz-se então, à prática formal daquelas normas e, realizadas elas, o indivíduo sentir-se-á tranqüilo em sua consciência, convencido de que nada mais se deva nem se possa fazer. Nesse nível não se pode exigir mais que esse cumprimento formal, já que falta a sensibilidade necessária para perceber o peso das coisas espirituais. Para chegar a percebê-las, os imaturos as revestem de formas materiais, procurando assim segurá-las, ao dar-lhes corpo concreto, porque de outro modo ficariam inatingíveis, perdidas no mundo do super-concebível. É assim que se pode chegar a uma ética formal exterior, que os involuídos praticam de

perfeita boa-fé, julgando-a uma ética de substância, mas que não pode deixar de aparecer aos olhos do evoluído como uma mentira e uma traição de princípios. E no entanto não se pode culpar ninguém, porque ninguém pode dar o que não tem, nem ser mais do que é. Não se pode exprobrar a planta de ser planta, o animal de ser animal, nem a qualquer criatura de só saber existir conforme as qualidades que possui. A condenação ou o prêmio cada um o traz em si, com a própria inferioridade ou com a própria superioridade. Aos involuídos não se pode culpar se a vida, no seu nível, não sabe funcionar de forma mais adiantada. Na realidade não há nenhuma vantagem em ser involuído, e quem não sabe viver melhor, merece compaixão pela sua desgraça. Ninguém mais do que o ignorante é vítima, e, acreditando mandar, é obrigado a obedecer a leis que não conhece. Não é a eles, mas apenas ao evoluído consciente, que se pode pedir que compreenda o mecanismo de seus instintos e reações, que constituem a chave de seu comportamento, a verdadeira moral íntima que o ser sente e é levado a viver, não lhe importando qual seja a moral oficial que, por outros motivos sobrepostos, teve de aprender a representar, formalmente, na prática. Só assim pode compreender-se o verdadeiro jogo da vida, que, de modo geral, é duplo, porque a primeira coisa que o instinto ensina ao involuído que tem de viver em regime de guerra, é esconder suas próprias e verdadeiras intenções, como ensina o Maquiavelismo: parecer sincero e honesto, sem o ser.

Assim, o sistema da luta, índice seguro que estabelece a inferioridade do plano evolutivo humano, não é eliminado pela ética para dar lugar a um regime de justiça, como se presume; mas é apenas escondido nos subterrâneos da vida, onde a luta continua mais exacerbada que nunca, mais sutil e astuta, e nem por isso menos feroz. Esta é a ética verdadeira, com a qual é preciso, em última análise, fazer as contas, a que rege o mundo e constitui a substância de todos os problemas. Enquanto permanece no campo teórico e, embora muito alta, não lesa interesses concretos; enquanto não aborrece e nada custa respeitá-la, é respeitada. Se por isso pôde formar-se e dominar uma ética feita de altas teorias e belas práticas, sem tocar na substância da vida, porque aí a coisa muda de figura e recrudescer a luta. Mas logo que a ética quer tocar na realidade dos interesses tangíveis, que todos sentem, então afloram aquelas verdades que são na prática as verdadeiras verdades da vida, acima das belas aparências. Acaba então o jogo das belas palavras e chega-se aos fatos. Se aparece um interesse ou um prejuízo concreto, toca-se na realidade da vida, que reage, e surge o verdadeiro jogo. O outro, o das belas teorias e das exterioridades formais, pode continuar imperturbável, pois todos sabem que não é o verdadeiro. Mas se tocarem no ventre e no sexo, nos bens e nas satisfações materiais, todos compreenderão que se age seriamente. Não são os problemas do conhecimento, mas estes é que constituem os grandes problemas do subconsciente das massas, aqueles segundo os quais caminham as correntes da psicologia coletiva, aqueles de que mais se ocupa o pensamento da maioria — o que estabelece a verdade dominante. Só quando, além das palavras e práticas convencionais, soubermos ver esse outro recôndito pensamento escondido entre as dobras da aparência, só então poderemos compreender a verdadeira natureza do jogo da vida e da ética, e a verdadeira razão das ações humanas.

A ética do mundo faz muita questão de distinguir um grupo do outro, seja por fé, religião, partido etc., e não a distinguir honestos de desonestos, onde quer que estejam. Isto justamente porque o maior interesse destes últimos, que são os mais espertos, é permanecer misturados em todos os grupos com os honestos, que são os mais fáceis de serem subjugados.

Assim, sob outras aparências, pode fazer-se o verdadeiro jogo da vida, que é o de vencer na luta, e pode aplicar-se a verdadeira ética vivida, que é ética de guerra, pela qual os mais fortes e astutos podem atingir os altos postos, dominando os mais fracos e simples. Eis a verdadeira ética, que vigora sob as aparências da moral oficial, ética que oferece a palma do vencedor a quem souber fazer o jogo da vida as expensas de quem não sabe fazê-lo.

Essa é a verdadeira face da verdade na terra. O honesto faz todas as despesas e parece injustiça. Mas nem tudo acaba aí. Os melhores são expulsos do ambiente da terra, o que constitui, em última análise, uma grande vantagem para eles, pois lhes permite tornar-se cidadãos de mundos mais evoluídos, enquanto os piores, que se acreditam vencedores, continuam empilhados no pântano terrestre, para agredir-se mutuamente, segundo seu instinto de luta, fazendo assim com as próprias mãos o seu inferno. Saber triunfar no mundo, pela força ou pela astúcia é, na verdade, o maior prejuízo, porque significa fazer parte de planos inferiores de vida e ser condenado a permanecer aí, suportando todos os seus males. E eis que, em última análise, quem vence na vida é a justiça de Deus, pela qual cada um volta segundo o seu lugar e merecimento. Quem acredita chegar em melhor situação que antes, por seguir vias transversas, na realidade, chega em pior condição. Quem pratica o mal, acreditando com isso vencer, faz mal na realidade a si mesmo e perde, devendo ainda por cima pagar o próprio dano. Só a ignorância do involuído pode acreditar seja possível tal absurdo uma derrota para Deus, pela impotência de sua Lei de justiça ou que Ele pudesse ser vencido pela prepotência ou pela astúcia da criatura.

* * *

A pior moral é a de não acreditar no que se prega e, conseqüentemente, não o praticar. Com isto se engana a Deus, incorrendo-se em culpa, e a nós mesmos acarretando prejuízo. A hipocrisia é a pior conclusão de todas as morais. Então os mestres ensinam e os discípulos ouvem, mas na realidade tudo se faz por outras razões. Pode formar-se um acordo tácito, porque de ambas as partes se sabe que a vida é outra coisa. Os primeiros partem o pão da verdade, os segundos o aceitam segundo as regras estabelecidas, e tudo fica na mesma. Respeita-se a tradição, acredita-se no que se deve, cumprem-se as práticas regulamentares. A Que mais pode exigir-se? Todos sabem por experiência própria que a vida, na realidade, é bem diferente da teoria que se prega, e, na prática, domina outra verdade, pela qual não é o melhor, e sim o mais forte que vence. E desta verdade não se fala, porque é muito mais honroso aparentar-se um ser superior, cheio de qualidades nobres. Assim os ideais na terra podem oferecer uma utilidade na prática. Podem conciliar-se as duas exigências opostas, ou seja, salvar o espírito, continuando a praticar a outra lei do mundo.

A culpa não cabe toda aos dirigentes. Sendo a minoria, tiveram que adaptar-se à maioria, que representa o maior impulso. A maioria suporta de má vontade os moralistas, procurando expulsá-los, e não os suportaria de modo algum se eles quisessem agir de verdade. Durante séculos realizou-se, assim, a seleção dos que perturbam menos, por terem achado a fórmula da convivência, resolvendo o difícil problema por meio de acomodações. Nem isto constitui toda a culpa. Se pode parecer traição de princípios, este é o único modo que torna possível certa dose percentual de sua aplicação, que em sua totalidade seria impossível num mundo assim. Desta forma, uma parte da conduta humana está entregue à hipocrisia. Mas que fazer, se a realidade da vida na terra está nos antípodas dos ideais?

As próprias religiões partem do princípio de que o mundo é composto de pecadores. As leis civis também partem do pressuposto de desonestidade do cidadão, e ao lado de cada norma colocam de imediato o castigo pelo não-cumprimento. O ponto de partida é sempre a presunção de que se trata de um rebelde, cuja vontade de desobediência é admitida implicitamente e presumida a **priori**. Tudo isto é a conseqüência lógica da lei que vigora no plano biológico humano, lei de luta de todos contra todos, baseado no ataque e na defesa. Se existem essas presunções, porque a maioria dos indivíduos é feita efetivamente de pecadores e de cidadãos que gostariam de não obedecer. Eles são, portanto, proporcionais a tal pressuposto e relativo tratamento, são adequados a tal mundo e selecionados na arte de defender-se, o que é indispensável à sua sobrevivência. Prova-o o fato de que estes, se não são como se presume que sejam — isto é, se são verdadeiramente bons e honestos — são rapidamente liquidados na realidade. Quaisquer que sejam os princípios teoricamente proclamados, a lei vigorante, de fato, é a da luta, do

ataque e da defesa, pela qual a reação do indivíduo contra qualquer autoridade pode explicar-se com o instinto, como legítima defesa, provocada pelo fato de que, quem tem em mãos o poder, costuma usá-lo para vantagem própria ou da classe, e não como uma função social para o bem de todos. Jamais se poderá impedir que a vida reaja em defesa própria, ao sentir-se atacada em qualquer ser. Reaparece aqui o conceito já desenvolvido, da reciprocidade das posições entre autoridade e dependentes, que não podem deixar de influenciar-se mutuamente; e o conceito de que não se podem alegar direitos, se antes não se cumpriram todos os deveres próprios, em relação àqueles de quem se reclama. Mas se esta é a nova moral, a atual move-se ainda num terreno de luta. Então as condenadas acomodações, que escandalizam porque propiciam o não-cumprimento dos deveres, podem aparecer-nos sob uma luz diferente, e serem justificados diante da sabedoria da vida que as permite. Isto aconteceria, de fato, porque elas cumprem biologicamente uma função útil, isto é, a de tornar possível uma convivência relativamente pacífica num ambiente de lutas, o que é utilíssimo para dar tempo a que o novo seja assimilado e a que a evolução possa amadurecer, para subir mais um pouco

Contra todas as morais, persiste o fato de que a vida humana é um contínuo estado de guerra. Esta é o estado normal, ao passo que o de paz é constituído de intervalos, necessários para preparar outra guerra. O que mais liga os homens pela amizade, a força de amor que mais os une, é o ódio contra um inimigo comum. Então os inimigos se abraçam, mas só para que unidos possam vencer o outro. Se a mentira floresce, é porque na guerra ela é útil. Pode convir mostrar-se bons, porque assim se atrai a estima e a confiança e, com a veste do cordeiro, pode melhor desarmar-se o próximo e obter-se mais. As virtudes podem tornar-se ótima astúcia de guerra, para enganar e assim vencer o inimigo. Desse estado não nasce uma ética única que irmana e une, mas uma ética de agressão e uma de defesa, conforme se pertença à classe dos deserdados ou à dos já poderosos. Cada um forja para si a própria moral, segundo seus interesses e posição social, e muda essa moral ao mudar sua posição. Há a moral dos vencedores e a dos vencidos, a moral dos ricos e a dos pobres. Mas quando estes se tornam ricos, e penetram nas altas classes sociais, assumem a psicologia delas, os costumes e a ética respectiva.

Esta luta se desenrola sub-reptícia, escondida sob as aparências obrigatórias de paz e amor, é a substância da vida humana na terra. A moral, em sentido lato, torna-se um meio para enganar os simples que acreditam nas aparências. Infelizmente, dado que no plano humano a vida tende à seleção do mais forte e astuto, isto não poderá terminar enquanto o biótipo do ingênuo não for eliminado. Se psicologicamente ele é um fraco, que pode fazer a vida — segundo a lógica da lei vigente no nível terreno — senão procurar liquidar esse biótipo, se ele não souber evoluir conquistando inteligência? Aqui estamos ainda nos primeiros degraus desta, e tudo consiste em astúcias de guerra. No entanto é necessário percorrê-los, para chegar aos superiores, nos quais se compreenderá a estupidez da guerra e de suas astúcias. Entretanto, enquanto os ingênuos não aprenderem, nada mais lhe resta senão servir de pedestal aos astutos que sabem emergir, escapando às sanções das leis humanas, que ficam reservadas aos simples que não sabem defender-se. Isto é injusto e horrível. Mas, dados os princípios segundo os quais funciona a vida no plano animal-humano, não podemos ter resultados diferentes.

Não pode negar-se que seja bela a moral que o mundo apresenta na vitrine. Em teoria tudo é excelente. Mas seria mister que ela conseguisse fazer o homem subir a um plano superior de vida, onde essa teoria se tornasse prática. Resta a realidade biológica, pela qual o homem vive num nível que não satisfaz o seu ideal. Então, num ambiente de luta, é natural que os princípios superiores fiquem torcidos e invertidos, se tudo, ou quase, existe nesse ambiente em função da luta. Fala-se muito de bens espirituais, mas o que vale na terra são os bens materiais, tanto que, para ser compreendido o valor espiritual do homem superior, é necessário que ele seja demonstrado exteriormente pela riqueza de um monumento ou de um templo, se ele morreu, ou de alta posição social, se está vivo. Se Cristo aparecesse hoje na terra,

sem nenhum apanágio terreno, talvez ninguém o percebesse. O homem comum carece de um sentido próprio para julgar as coisas superiores e só adquire por imitação o julgamento que o mandam repetir e que circula pela maioria.

Encerremos este assunto com uma anedota significativa, que resume vários conceitos já expostos. Um missionário que se achava na África, para civilizar os selvagens, explicara com cuidado a um grupo deles o sentido do bem e do mal, para fazer nascer neles o senso moral, base do cristianismo. Para assegurar-se de que havia ensinado bem e que tinha sido compreendido, tomou à parte um dos mais inteligentes e perguntou-lhe: "diga-me então o que é o bem e o mal".

O selvagem pensou algum tempo, e depois formulou claramente a sua resposta: "mal é quando o vizinho rouba a minha vaca". O missionário aprovou. Sem dúvida, roubar é mal, e o ato é moralmente reprovável. E acrescentou: "E o bem, que é?" O selvagem respondeu muito depressa, convictamente: "Bem é quando eu consigo roubar a vaca do meu vizinho".

Que vergonha diz, a essa resposta, o homem civilizado, que certamente não teria respondido assim, porque conhece o conceito de bem e de mal. Mas, por que o civilizado não a teria dado? Certamente não seria porque não estivesse convencido de que o selvagem, do ponto de vista individual, tivesse perfeitamente razão. O africano respondeu assim porque era um simples e falava com a ingenuidade do primitivo, que ainda não sabe esconder o próprio pensamento. Então a diferença está apenas no fato de que o homem civilizado — que bem gostaria de fazer como o selvagem — já aprendeu a não dizer o que lhe atrairia as sanções da lei e a condenação do próximo. A diferença não está no fato que o civilizado pense diversamente do selvagem — tanto que o imitaria de boa-vontade — se o próximo lesado, organizado em sociedade, não o fizesse pagar por isso, anulando a indiscutível vantagem dessa ação.

O utilitarista, mais refinado, compreendeu que é muito mais fácil buscar o próprio interesse sem dizê-lo, isto é, sem descobrir os próprios planos, revelando a sua estratégia de guerra. Então, a habilidade pode consistir em esconder, e a virtude em falsear, ao invés de dizer a verdade. Nesse caso, a culpa do selvagem seria a sua ingenuidade, que o civilizado não lhe perdoaria porque não a possui, já que se está mais pronto a condenar as culpas que não se tem, do que as que se tem. Estamos num ambiente de luta e não pode impedir-se que tudo exista em função desta. É natural que os ideais também sejam utilizados para esse fim, sendo transformados num manto de hipocrisia, para melhor enganar o próximo. Se esta está tão espalhada na terra, deve haver uma razão; é que nesse plano de vida, ela pode ser vantajosa, ao passo que, nos planos mais evoluídos ela não é praticada porque é contraproducente. Assim, na terra, a sinceridade pode ser julgada ingenuidade de tolo, inábil para a luta. Acontece, pois, que na prática, a culpa que mais se condena não é a mentira, mas o fato de ser tão tolo que se deixe descobrir a mentira; não é não ter defeitos, mas o não saber escondê-los, mostrando assim o ponto vulnerável onde se pode ser derrotado. Pelo involuído plano biológico em que isto ocorre, não se trata de maldade, mas de afloramentos do subconsciente animal na luta para sobreviver.

Acha-se o homem numa fase de transição entre a animalidade e a espiritualidade. É natural que, em seu mundo, a teoria que se prega da moral, da bondade e justiça, se ache em contraste com a prática, da moral de força e astúcia. Com efeito, o que mais se pune é o erro de deixar-se apanhar em erro. As leis humanas não punem quem seja tão hábil que não se deixe apanhar. A verdadeira justiça é só aquela da qual não se pode fugir, como a justiça de Deus. A humana é uma luta entre legislador e réu, entre acusador e acusado, entre juiz e julgado e ao contrário, na qual vence o mais forte e o mais hábil. Na prática, o maior valor do indivíduo não consiste naquilo que é proclamado em teoria, ou seja, em

obedecer à lei, mas na habilidade de saber escapar dela. Lógico que num ambiente de luta, onde reina o culto da força, seja fraqueza obedecer, e valor o rebelar-se.

Como pode uma moral ideal, feita para um mundo orgânico de ordem, ao qual ela quer levar o nosso mundo humano por meio da evolução, não ser invertida neste, que é um mundo caótico, feito de competições? Em nosso ambiente humano, como no caso do selvagem acima narrado, o bem e o mal são concebidos apenas em função do próprio eu, ignorando o próximo (o bem é a utilidade própria, o mal o prejuízo próprio); ao passo que no plano superior ao qual pertence a moral oficial, o bem e o mal são concebidos em função de toda a coletividade, levando-se em conta o próximo (mesmo o bem alheio é utilidade própria, e o prejuízo alheio é um prejuízo próprio). Também o desenvolvimento mental, nos dois planos ocorre em sentido diverso. Em nosso mundo a inteligência mais apreciada é a que dá fruto imediato na luta, a que serve para vencer, e não a especulativa, que procura o conhecimento e leva à consciência da Lei. Quem a possui é considerado em geral um homem que vive nas nuvens, um simples que não conhece a realidade prática da vida. Esta exige astúcias para resolver os problemas imediatos e não sabedoria que resolva problemas altos e distantes, sabedoria que não oferece nenhuma utilidade imediata para a defesa da vida.

O estudo de u'a moral positiva, racionalmente demonstrada, presa aos princípios da vida, não podia deixar de revelar-nos também esses seus lados negativos. Tínhamos que analisá-los imparcialmente, para compreender a realidade em toda a sua amplitude. Fizemo-lo para explicar o nosso mundo e compreendê-lo em muitos de seus aspectos, não para condenar, o que é inútil, já que não modifica nada e não é útil a ninguém, gerando apenas reações. A condenação está em nossas dores. Neste livro, ao invés dos problemas altos e distantes que tratamos nos outros, nós estudamos a realidade de nosso mundo, tal qual é. Não devemos escandalizar-nos com essa realidade, que tem suas razões biológicas de existir sob essa forma. Cobrir tudo com belas aparências é o que menos serve para curar o mal. Ter visto claro, quer as razões pelas quais tudo isto existe, quer a grande vantagem de melhorar-nos, pode ser um meio de levar-nos ao bem. Os fatos são fatos. Não podem ser mudados mesmo se forem escondidos, nem pode impedir-se que produzam os seus efeitos.

Não é esta hora de sentar-nos à beira da estrada, dando-nos como vencidos. Certamente a salvação está nas mãos de Deus, mas o homem deve contribuir com todo o esforço para a sua salvação. Não devemos concluir com o desencorajamento e o pessimismo. Assim como o presente superou o passado, que era pior, assim como um futuro melhor superará o presente. Vimos que ninguém jamais poderá deter a grande marcha ascensional da evolução, dirigida aos objetivos supremos. Onde tudo evolui, também a moral não pode deixar de evoluir. E assim que um dia teremos de chegar à realização vivida da ética ideal, que hoje, na terra, luta para levar o homem a um plano superior de vida, em que triunfará a nova civilização do espírito.

X

REUNIFICAÇÃO UNIVERSAL

O trabalho realizado. Controle e confirmação dos

escritos precedentes. Completa-se a visão. Ela satisfaz à mente e ao coração, explicando tudo, e apresenta nova finalidade para a vida. A grande marcha da evolução. A reconstrução da ordem elimina a luta e a dor. A evolução faz, do caos, um sistema orgânico. Paraíso pela rearmonização. Reunificação universal. A vida em expansão. Tantas verdades relativas, aspectos de uma só verdade. A visão que domina tudo. Termina a grande viagem no seio de Deus.

Eis-nos chegados ao fim deste novo trabalho, de caráter realístico, tão diferente dos precedentes. Estudamos no volume anterior: *A Grande Batalha*, a propósito de um caso vivido, o significado do Evangelho levado à realidade prática, as armas, a estratégia e a vitória de quem o segue, as conseqüências desse modo de conceber e viver a vida. Depois, no presente volume, examinamos a posição atual do Catolicismo, em relação a tais problemas, os perigos dessa posição e a possibilidade de salvação. Enfrentamos a seguir o problema do telefinalismo da evolução. Após haver observado a grande batalha entre o Evangelho e o mundo, no caso particular ali narrado e em seguida no caso da Igreja, agora a vemos em sua última finalidade e conclusão, à qual ela levará humanidade que está caminhando, ou seja, à espiritualização. No fim, traçamos agora as linhas de uma nova moral que segue os princípios expostos.

Com isto, completa-se o quadro e está terminado o assunto da "Grande Batalha". Este volume — *Evolução e Evangelho* — quis ser prático, concreto, positivo, para tratar sobretudo dos problemas da terra, mais próximos a nós. Aqui, os pontos de referência, são, prevalentemente, diferentes dos da maior parte dos outros volumes. Neste último, os problemas são vistos mais em relação com a realidade que todos vivemos, do que quanto aos princípios gerais que tudo dirigem, mais em relação aos efeitos reais, do que às causas distantes de onde eles derivam. A perspectiva é diferente. Entretanto, a visão é a mesma, embora contemplada de um ponto de vista diferente. Ao invés de olhar as coisas do céu para a terra, olhamo-las permanecendo na terra, entre as exigências do mundo, imersos em suas leis, e daqui debaixo, olhando o céu como uma coisa distante que alcançaremos um dia com a evolução. Assim pudemos ver os pequenos problemas da terra, iluminados e justificados pelos princípios gerais e achamos a aplicação lógica destes princípios naqueles problemas. Aconteceu que, contemplando a mesma visão dos princípios gerais demonstrados nos outros volumes, com uma perspectiva diferente, fizemos aqui uma aplicação que nos permitiu realizar novo controle, que nos fez achar na prática nova confirmação de sua verdade, que antes podia parecer apenas teórica. Os que ainda duvidavam dos conceitos expostos nos volumes: *A Grande Síntese, Deus e Universo* e *O Sistema*, poderão achar, no presente texto, como que uma prova experimental e uma razão do porquê da conduta humana e das diretrizes impostas à vida, que de outra forma nem sempre poderão ser explicadas, e tudo isto num quadro lógico em que aparecem repostas a muitas perguntas e soluções a muitos problemas.

Este livro é também controle e confirmação, demonstração prática das teorias já expostas, que aqui vêm revalidadas pelos fatos, que provam corresponder a elas. Assim a visa o dos volumes: *A Grande Síntese, Deus e Universo* e *O Sistema* se completa, enriquecendo-se de pormenores e de provas, embora substancialmente permanecendo a mesma, porque a verdade é uma e não pode mudar. Os três volumes acima citados mais o presente formam um conjunto que, embora complexo, parece-nos agora (salvo novos desdobramentos) bastante completo, pela vastidão e quantidade dos problemas que resolve, pela concordância das partes subordinadas sempre à unidade, e também por suas conclusões, que satisfazem as exigências da mente e do coração.

Agora a vida está toda diante de nossos olhos. Respondendo a uma necessidade lógica, ela explica-nos tudo, convencendo-nos porque está de acordo com os fatos que podemos observar, mostrando-nos a razão deles. Essa visão não só ilumina, satisfazendo o desejo de conhecer, como também reanima e conforta, porque é boa e bela, sacia a instintiva ânsia de ordem e justiça, dá-nos de Deus um conceito altíssimo, fazendo triunfar a Sua perfeição numa obra perfeita. O grande impulso telefinalístico triunfa definitivamente sobre todos os esforços e dores do ser, sobre todos os erros e obstáculos, e Deus permanece o eterno imóvel, o princípio e o fim, em torno do qual gira o grande ciclo que, embora se tenha afastado, a ele volta, como seu único e supremo fim.

O biólogo, o geólogo, o paleontólogo, o matemático, tanto quanto o físico atômico, não apenas o filósofo como o teólogo, poderão ver, nesta visão, um princípio orientador para dirigir suas pesquisas, embora aceitando-a de início apenas como hipótese de trabalho. Eles mesmos, fundindo e aprofundando seus estudos, poderão chegar às mesmas conclusões, revalidando-as. É preciso resolver os enigmas do conhecimento. A mente humana quer saber qual é a meta final de tão longo caminho, qual é o objetivo último de tanto lutar e sofrer. Se a vida não caminhasse para a espiritualização, para onde iria? Que existe uma meta final, todas as religiões o ensinam e isto corresponde a um desejo instintivo, além de ser o único fato que possa justificar o longo trabalho da evolução. Essa vida satisfaz a esse desejo nosso. Ela dá-nos, do fenômeno vida, uma interpretação que faz, de uma existência miserável, dura, incerta e insatisfeita, uma experiência criadora, útil, cheia de esperança. Seria atroz se todo o trabalho terminasse numa ilusão e tanta dor numa zombaria. Ao contrário, assim não estamos mais sozinhos, abandonados nos intermináveis espaços do universo; nosso apelo de seres vivos e pensantes não se perde no silêncio morto do incomensurável vazio, mas a ele responde a voz de infinitas criaturas irmãs, feitas da mesma vida, orientadas para o mesmo Deus. Assim, ao nosso apelo responde o amplexo de um Pai que nos ama e nos ajuda a subir, para chegarmos a ser felizes com Ele.

A alegria que esta concepção nos traz à alma, a paz que aí nos deixa, a fé e a esperança com que nos reanima, são provas de sua verdade. Não podemos deixar de senti-la. Se o presente é tão baixo e triste, ao longe resplande um radioso futuro, que deverá um dia ser alcançado. A consciência desse fato, sobre o qual tanto insistimos, dá-nos a força de suportar confiantemente todas as dores atuais e de realizar o esforço de atravessar o deserto de todas as provas, para chegar à terra da promessa, da libertação e da felicidade.

O presente é árduo. Mas estamos a caminho. Avança sem deter-se a grande marcha da evolução. Adiante, adiante, sempre mais para o Alto. O universo não é apenas um grande organismo que funciona, mas é um organismo que, a cada momento, se transforma, para aperfeiçoar esse seu funcionamento. O universo é pela presença de Deus imanente, nele animado por um contínuo movimento, não apenas espacial, mas muito mais profundo, de maturação evolutiva, dirigido com suma sabedoria para fins de salvação.

Tudo o que existe faz parte desse fenômeno e é transportado pela sua corrente. Todos aí estão, todos estamos aí dentro, sem possibilidade de evasão. Mas é justamente essa necessidade, esse determinismo que nos obriga a subir, mesmo quando não queremos, é isto que constitui a nossa salvação, porque desse modo Deus, embora indiretamente, nos constrange a redimir-nos; impelindo-nos a evoluir, obriga nossa própria redenção. Em sua lei, que parece desapiedada, a vida é supremamente justa e boa porque, exigindo nosso esforço, quer tornar-nos fortes para vencer, e vencer significa subir, tornar a achar em Deus a felicidade perdida. Áspero é o caminho em baixo, tanto mais penoso quanto mais próximo estamos do anti-sistema. Mas ele se torna cada vez mais suave, quanto mais o ser se aproxima do sistema.

Então a gravitação que o mantinha em baixo, desaparece, vencida pela atração que o eleva para o Alto. Esse é o esforço e a sorte de cada um e de todos. Assim caminha a gloriosa epopéia da vida dos mundos, guiada pelo chamado de Deus.

Na meta final, espera-nos a perfeita harmonia, reconstituída na Lei de Deus. Ela se encontra numa relação harmônica entre todas as coisas. O ser caiu na dor porque desobedeceu a essa Lei que é ordem, e donde derivam paz e alegria. Quem sai da Lei cai no caos, donde provém a luta, e portanto a dor. Mas eis que a evolução nos salva, permitindo-nos, embora através de provas e esforços, reconstruir a ordem violada. Assim, eliminando aos poucos a desordem, elimina-se também a luta e a dor. A evolução é um processo de reordenamento e rearmarização de partes, deslocadas da posição justa em que haviam sido colocadas, e que assim se chocam dolorosamente umas com as outras. A evolução as recoloca em seu lugar, é um processo de pacificação de elementos, antes amigos, que se tornaram depois inimigos. De um montão deles, que caoticamente se agitam e se chocam porque não se conhecem, a evolução faz um sistema orgânico, em que eles funcionam colaborando concordes. O paraíso perdido a que temos de regressar é a harmonia entre seres que se compreendem e se amam. A evolução tem de realizar esse trabalho de liquidar o separatismo egoísta, a luta, o instinto de agressividade, a desordem, que constituem o inferno dos planos mais baixos.

Em nosso plano humano o processo de harmonização chegou a criar o organismo fisiológico do indivíduo (em que as células colaboram na ordem), e o grupo família, e algumas aproximações dos grupos cidade, nação, humanidade. O resto, além desses pequenos centros de reunificação, é caos, desordem, luta. Mas a meta é uma reunificação bem mais vasta: a de todos os seres, de todo o universo, quando tudo chegar a conhecer-se e a colaborar organicamente. A evolução consiste na dilatação sempre maior desses grupos ou centros de ordem, dentro dos quais a luta — que é a característica do mundo anti-Lei — está eliminada. Com sua dilatação, dilata-se também o terreno dominado pela ordem, e se restringe o dominado pela desordem, que cada vez mais é expulsa dos confins em expansão dos grupos da ordem. Isto até a completa eliminação da luta e da dor, como da própria desordem que as traz consigo. A evolução realiza assim a cura milagrosa de todos os males, quando os leva — reabsorvendo-os, depois de havê-los invertido em bem — do anti-sistema ao sistema.

Desta grande marcha da evolução observamos, na primeira parte especialmente, o tratamento que o involuído dá ao evoluído. Estamos hoje numa grande curva do caminho da vida. Como outrora ela saiu de seu berço das quentes águas do mar e se expandiu nas terras emersas, assim agora ela se expande da terra, conquistando os espaços estelares. É um processo de expansão da vida e dos princípios que a dirigem, pelos quais se dilata também a concepção do ser, que não mais vive em função do momento e de seu pequenino eu, mas em função da eternidade e do universo. O jogo da vida torna-se cada vez mais amplo, complexo e de maior alcance; não abarca mais, apenas, a existência terrena, mas em sua providência estende-se a toda a vida futura. Cada um faz a jogo segundo a amplitude que seus olhos conseguem dominar, mas quanto maior é a amplitude dominada, mais se torna livre e feliz. O modo de conceber a vida, o possuir uma ou outra forma mental como consequência do próprio grau de evolução traz, ao dirigir a nossa conduta, consequências importantes sob forma de alegria ou de dor. Aliás, é lógico e justo que cada um sofra e goze, em relação ao grau de evolução que, com os próprios sofrimentos e esforços, conseguiu atingir.

Assim avança a grande marcha da evolução. A visão que nos sustentou através de nossos volumes, mostra-nos a mecânica de seu transformismo e a natureza do último telefinalismo que dirige todo o vir-a-ser. Essa visão diz-nos que tudo é disciplinado por uma lei única, dada por um pensamento que, como luz central, se fraciona em miríades de reflexos ou aspectos menores, que regem as particularidades.

Daí a existência de inumeráveis formas que, apesar de suas diversidades, estão orientadas ao longo do mesmo caminho, convergentes para o mesmo centro, Deus, unidas na mesma lei, e parentes, porque são constituídas pela mesma substância divina fundamental.

E difícil fazer uma representação mental das vertiginosas dimensões do fenômeno, que se estende de galáxia em galáxia e para mais além. Os infinitos momentos em que o todo se pulveriza, o seu decompõe-se nas minúcias do pormenor, não fraciona nem lesa a unidade do conjunto, dirigido por uma só lei, impelido por uma só vontade, dirigido para o mesmo e único fim. Maravilhoso universo em que colaboram os dois pólos opostos, que parecem estar em contradição, isto é, o absoluto e o relativo, o imóvel e o transformar-se, a substância espiritual da Lei e a aparência material da forma. Os dois extremos estão em antítese, e no entanto se compensam, abraçados na mesma luta pela redenção.

Este universo é todo vivo, todo animado por um princípio espiritual, e olha para si mesmo com infinitos olhos diferentes, de infinitos pontos de modo diverso, chegando a sensações e julgamentos vários, que formam muitas verdades relativas diferentes, mas que são apenas os infinitos aspectos da mesma e única verdade. Cada um vê apenas o que o cerca, até onde pode, e só com os olhos que possui. Tudo pode parecer-nos, de um modo ou de outro, não apenas pelo que olhamos, mas também de acordo com o que somos. Podemos então ver o universo como matéria, ou como espírito, como forma ou como substância, como princípio diretivo ou como sua atuação concreta. Podemos vê-lo como análise, na complexidade de um pormenor que se multiplica sem limites, ou como síntese, na simplicidade de um lampejo instantâneo. Cada um vê tudo segundo a forma mental que possui, segundo o grau de consciência que conquistou, até as formas de existência mais involuídas que, por não terem conquistado nada, talvez sejam totalmente cegas e obedecem sem saber nada.

Nenhum ser — só Deus — pode ter a visão total. Esta contém todos os extremos, todas as contradições, todas as formas, todas as possibilidades. Ela só abarca tudo, o presente, o passado e o futuro, o espaço em expansão e a contração do tempo, o nascimento e a morte das dimensões. Só ela domina a gênese dos mundos, as metas da vida, toda a série dos planos de existência, ao longo dos quais o ser que evolui realiza sua grande viagem de regresso ao ponto de partida, Deus.

Tudo caminha sem repouso. De forma em forma, o ser viaja de superação em superação, através das eras milenárias, subindo a grande escala da evolução, peregrino cansado, dobrado ao peso da queda, peso que, no entanto, a cada degrau, se torna mais leve. Os gênios criadores, com seu tormento que os outros desconhecem, arrombam as portas do futuro e abrem sozinhos o cortejo. As grandes massas, que devido ao seu estado de involução não sabem fazer outra coisa senão imitar, seguem atrás. A cada passo aparecem horizontes novos, abrem-se melhor os olhos para ver e as forças para conquista-los se tornam mais robustas. Sempre novas construções surgem, das cinzas das velhas. O ser aproxima-se cada vez mais de Deus, que sempre mais o penetra e sustenta com Sua radiação.

Subir, subir, sempre subir mais em direção à meta! No fim, cessou o transformismo, porque a evolução atingiu seu termo. Então o tempo não é passado porque foi apenas uma variante da eternidade; a morte não matou, porque tudo ressurgiu; a caducidade de todas as coisas nada destruiu, porque tudo voltou a ser indestrutível, como o era no início. O milagre da redenção da queda está realizado. Terminou o esforço da subida, o relativo, a ilusão, a dor. O ser sofreu e caminhou bastante, mas chegou. Agora pode repousar feliz, fora do tempo que conta as horas, para sempre, no seio de Deus.